A história real que inspirou o filme **INTOCÁVEIS**

PHILIPPE POZZO DI BORGO

O segundo suspiro



intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



PHILIPPE POZZO DI BORGO

O segundo suspiro

A história real que inspirou o filme Intocáveis

TRADUÇÃO DE MAURO PINHEIRO

Copyright © Philippe Pozzo di Borgo 2011

TÍTULO ORIGINAL
Le second souffle *suivi du* Diable gardien

CAPA
Julio Moreira

FOTO DE CAPA
© QUAD - Thierry Valletoux

PREPARAÇÃO
Julia Sobral Campos

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Débora de Castro Barros
Clara Diament

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-199-8

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========


You
Tube


intrínseca

Aos meus filhos,
"para que a obra continue".

SUMÁRIO

Prefácio à nova edição francesa

LIVRO I

O segundo suspiro

LEMBRANÇAS RESGATADAS
MEUS SENTIDOS
O CU DO ANJO

PRIMEIRA PARTE – *Infância dourada*
EU NASCI COM O...
...VIRADO PARA A LUA
A MÃE DOS "MIL SORRISOS"

SEGUNDA PARTE – *Béatrice*
RENASCIMENTO
KISS MACHINE
BÉATRICE
QUERUBIM!
OPERAÇÃO CORAÇÃO
LA PITANCE

TERCEIRA PARTE – *O salto do anjo*
AS ASAS QUEBRADAS
VOOS DESVAIRADOS

KERPAPE
ABDEL, MEU SÓCIO

QUARTA PARTE – *O segundo suspiro*
TESTEMUNHAS
CIPRESTE DE BÉATRICE
ALMA CORSA
LES SANGUINAIRES
SABRYA
MESA-REDONDA
HORIZONTE
CANTOS DE SORTE

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========

LIVRO II

O diabo guardião

Pater Noster
O *bad boy*
As capuchinhas de Rivière-du-Loup
A pequena menina Esperança
As consoladoras
Frentes de aculturação
Tudo vai mal!
Um mundo em trabalho de parto
Troca de papéis
O padrinho generoso
O baseado conversador
Calores marroquinos
La ville en roses
Lalla Khadija
A odisseia

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO FRANCESA

Certo dia em janeiro de 2010, fui procurado por Olivier Nakache e Éric Toledano, diretores do filme *Intocáveis*.[1] Alguns anos antes, eles tinham visto o documentário *À la vie, à la mort* (2002), dirigido por Jean-Pierre Devillers e produzido por Mireille Dumas. O filme, de uma hora, retratava o improvável encontro entre o rico tetraplégico privilegiado que sou e o jovem de origem árabe da periferia de Paris, Abdel. Contrariando todas as expectativas, esses dois homens se ajudariam mutuamente durante anos. A história despertou o interesse dos cineastas.

Minha esposa Khadija e eu os recebemos em nossa residência, em Essaouira, no Marrocos, com os atores escalados para os papéis: Omar Sy e François Cluzet.

Nós nos encontramos várias vezes, e acompanhei com prazer a elaboração do roteiro.

O primeiro livro que escrevi, *O segundo suspiro*, hoje esgotado, tinha alcançado algum sucesso em seu lançamento. Frédéric Boyer, diretor editorial das Éditions Bayard, me propôs então reeditá-lo na ocasião do lançamento do filme *Intocáveis*, atualizado com um novo prefácio e complementado com um texto inédito.

O diabo guardião é, portanto, uma continuação de *O segundo suspiro* (que termina em 1998), conduzindo a narrativa até meu encontro com Khadija no Marrocos, em 2004; esse período corresponde ao roteiro do filme *Intocáveis*. As limitações do longa-metragem e a imaginação dos diretores os levaram a simplificar, modificar, moldar e criar inúmeros episódios.

Somos ambos "intocáveis" em diversos aspectos. Abdel, de ascendência do Norte da África, sentiu-se marginalizado na França — tal como a classe dos

intocáveis na Índia. Não se pode "tocar" nele sem o risco de levar um soco, e ele corre tão rápido que os tiras — repetindo sua palavra — conseguiram pegá-lo apenas uma vez em sua longa carreira de delinquente.

Quanto a mim, atrás dos altos muros que cercam minha mansão em Paris — minha gaiola dourada, como diz Abdel —, abrigado da necessidade graças à minha fortuna, faço parte dos "extraterrestres"; nada pode me atingir. Minha paralisia total e a ausência de sensibilidade me impedem de tocar o que quer que seja; as pessoas evitam até roçar a minha pele, tamanho o medo que lhes causa minha condição física, e ninguém pode me tocar o ombro sem desencadear dores lancinantes.

"Intocáveis", portanto.

E agora deparo com um desafio absurdo: voltar a esse passado.

Uma evidência se impõe: eu não me lembro! De início, atribuí isso à ausência de Abdel, meu auxiliar de vida. Refletindo bem, é mais grave. Com a exceção de alguns episódios mal situados no tempo, minha memória se recusa ao exercício. A lembrança é o luxo dos abastados em boa saúde. Para um pobre miserável ou uma pessoa enferma, a memória se imobiliza no presente, pela dificuldade de garantir seu alimento ou sua sobrevivência. A *madeleine* de Proust só poderia ser uma fixação de um dândi da alta sociedade.

De 1998 a 2001, enquanto escrevia *O segundo suspiro*, atormentado pelo sofrimento da morte recente de Béatrice e pelas dores neurológicas,[2] já começava a exprimir dificuldades para conectar os instantes do meu passado. O sofrimento aniquila a memória. Os saudáveis envelhecem acumulando histórias e arrependimentos; estou livre de qualquer lembrança.

Uma autobiografia já é necessariamente recheada de esquecimentos e mentiras, deliberados ou por omissão; contar a história de outra pessoa — no caso, de Abdel — pode dar não mais do que "uma impressão do outro", um pontilhado com várias lacunas.

Como querem vocês que um aristocrata bem-educado como eu, respeitador de determinados princípios, possa se exprimir no lugar de alguém como Abdel, na época um revoltado, hostil a todo tipo de norma? Posso apenas relatar os acontecimentos, tentar analisá-los. Uma parte da sua verdade me escapa; Omar Sy — que o interpreta no cinema — se aproxima dele com muito mais graça e

facilidade do que eu.

Eu queria escrever um livro que não fosse simplesmente uma diversão.

Não queria fazer um retrato "realista" da desgraça, com sua dose de ressentimentos e bons sentimentos que nos prendem à condescendência. Tampouco quis um otimismo obrigatório, mentira irrisória.

Estes vinte anos de proximidade com o mundo dos excluídos aguçaram meu olhar sobre a sociedade e seus males e me incitam a partilhar algumas formas de remediação que se tornaram evidentes para mim.

Graças ao diabo guardião — também conhecido como Abdel — reencontro o bom humor que me pertencia antes do drama. O filme *Intocáveis* decorre num ritmo de leveza e gargalhadas; certa gravidade, porém, me resta, irredutível. François Cluzet a tornará perceptível com sua atuação.

Éric e Olivier, os diretores, Nicolas Duval Adassovsky, o produtor, e Frédéric Boyer, meu editor, outorgaram generosos direitos de autor à associação Simon de Cyrène,[3] que presidi por muito tempo e cujo objetivo é criar locais de convivência para adultos deficientes físicos e seus amigos. Sejamos gratos a eles.

Agradeço igualmente a Émeline Gabaut, Manel Halib e a nossa filha Sabah, que me permitiram "retomar" a pena e sem os quais este livro não teria visto a luz do dia. Obrigado também a Soune Wade, Michel Orcel, Michel-Henri Bocara, Yves e Chantal Ballu, Max e Marie-Odile Lechevalier e Thierry Verley, por suas pertinentes releituras.

---

[1] *Intocáveis* (2011) , filme dirigido por Éric Toledano e Olivier Nakache, com François Cluzet e Omar Sy, é inspirado em minha história com Abdel.

[2] Dores neurológicas: cerca de um terço dos tetraplégicos sofre de desequilíbrios neurológicos que se traduzem por queimações fantasmas, mais ou menos fortes de acordo com cada indivíduo, sua condição física e os fatores climáticos. Eu tirei a sorte grande: faz quase vinte anos que oscilo ininterruptamente na escala de dor entre 6 e 9,5/10. Ao chegar a 10, já não fazemos parte deste mundo!

[3] Faça sua doação à associação Simon de Cyrène (www.simondecyrene.org).

LIVRO I

O segundo suspiro

LEMBRANÇAS RESGATADAS

Será necessário deixar o hoje, dia triste, retornar com nostalgia ao passado, lamentar-se de um futuro sem esperança? Não posso nem apreciar o passado nem me projetar no futuro. Tudo está neste instante.

A linha divisória dos meus ossos, do meu fôlego, poderia ser o dia do acidente. Em 23 de junho de 1993, desabei para a paralisia.

Em 3 de maio de 1996, dia de São Felipe, Béatrice morreu.

Não tenho mais passado, não tenho futuro, sou uma dor presente. Béatrice não tem mais passado nem futuro, é uma tristeza presente. No entanto, há um futuro, o de nossos dois filhos, Laetitia e Robert-Jean.

Até o acidente, eu era um homem no mundo, preocupado em criar, em imprimir minha marca no curso dos acontecimentos.

Depois do acidente, os pensamentos me tomam de assalto. Depois da morte de Béatrice, as dores.

Desses escombros, voltaram à minha memória lembranças de uma negra opacidade. Nas minhas noites em claro, os ardores da deficiência e do luto borraram essas imagens.

Foi no fundo de mim mesmo que encontrei o reflexo dos ausentes. Meus silêncios fizeram ressurgir momentos de felicidade esquecidos. Minha vida se desenrola por si mesma numa sucessão de imagens.

Nos primeiros meses, uma traqueotomia me deixou mudo. Um amigo instalou para mim um monitor de computador e o ligou a um controle colocado sob minha cabeça. O alfabeto desfilava na tela; eu parava o cursor,

uma letra aparecia. Pouco a pouco, aquelas letras formavam uma palavra, uma frase, meia página. A escolha das palavras e esse esforço extenuante foram deliciosos; eu não tinha direito ao erro. O peso de cada letra ancorava mais profundamente a frase; eu saboreava a exatidão.

Houve aquele companheiro de combate cujo piscar de olhos foi sua caneta, e que morreu no ponto final.[4]

As palavras me estrangulam quando penso naqueles que morreram sem falar, sem dar seu testemunho, sem esperança, imersos em solidão.

Deitado em minha cama, à noite, durmo mal. Estou paralisado. Mais tarde, colocam um gravador sobre minha barriga. Ele desliga quando não capta mais a voz — ou quando assim deseja — e só volta a funcionar após a primeira palavra. Nunca sei se ele gravou. E, com frequência, eu mesmo entro em pane.

É difícil dizer sem página branca, sem lápis para riscar, sem estar sentado a uma mesa, diante de uma folha, a cabeça apoiada na mão esquerda, sem poder me libertar sobre essa folha rabiscada e amassada. Apenas uma voz, quase imperceptível, é preservada em uma fita magnética, sem retorno, sem rasura. Instantâneos de uma memória hesitante.

Perdi o fio, está escuro e sinto dor. Minha cabeça afunda entre os ombros. A parte de cima do ombro direito me lancina como um golpe de punhal. Sou obrigado a parar. O gato, Fá Sustenido, se diverte movendo-se sobre meu corpo que vibra, curvando-se como se suplicasse aos céus. Trêmulo, com espasmos, eu desmorono. O gato brinca com esse corpo e nele passa toda a noite: ele precisa se sentir vivo através dos meus sobressaltos.

Do alto dos ombros até a extremidade de meus membros, arde um fogo contínuo que, com muita frequência, se amplifica. Posso dizer se fará bom tempo amanhã ou se, ao contrário, como pressagia a ardência em meu corpo, teremos chuva. Sinto intensamente uma pinçada nas mãos, nas nádegas, ao longo das coxas, em volta dos joelhos, na parte inferior das panturrilhas.

Esquartejam-me na esperança de me aliviar. Mas a dor subsiste. Chamam-na de “dor fantasma”. Fantasma é o... cacete! Eu choro, não de tristeza, mas de dor. Aguardo até que as lágrimas me acalmem. Aguardo o embrutecimento.

De noite, à luz de velas, nós nos amávamos aos sussurros. Mais tarde, ela adormecia no vão do meu pescoço. Eu ainda falo com ela, sem eco.

Às vezes, doente de solidão, recorro a Flavia, uma estudante de cinema. Ela tem um sorriso largo, uma boca suntuosa, a sobrancelha esquerda inquisitiva.

À contraluz, usando um longo e leve vestido azul, ela ignora que está descoberta, que as curvas de seus 27 anos ainda podem emocionar um fantasma. Eu lhe dito tudo, não tenho pudor, ela é transparente.

O gato retoma seu lugar sobre minha barriga. Quando ele se vira, meu corpo se enrijece, como que revoltado pela presença desse animal, pela ausência de Béatrice e por este sofrimento incessante.

É preciso, contudo, que eu fale dos bons momentos, é preciso, contudo, esquecer que sofro.

Gostaria de começar pelos últimos instantes, final previsível e às vezes desejado, que me levariam ao reencontro com Béatrice. Deixo aqueles que amo para me unir àquela que tanto amei. Mesmo que seu paraíso não exista, sei que ela está lá porque acreditava nele e porque assim eu quero. Eis-nos aqui, liberados de nossos sofrimentos, os mais doces impulsos apaziguados, os olhos fechados pela eternidade; os cabelos louros de Béatrice deslizam num farfalhar de asas sedosas.

Béatrice que está no céu, venha me salvar.

---

[4] J.-D. Bauby. *O escafandro e a borboleta*

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========

MEUS SENTIDOS

Eu fui alguém. Agora, estou paralisado; uma parte de meus sentidos me abandonou. Entretanto, as mordidas atrozes da paralisia se misturam às deliciosas lembranças de minhas faculdades evaporadas.

Rememorar, centímetro por centímetro, lembrança por lembrança, as percepções de um corpo atomizado já é sobreviver.

A partir de minha atual imobilidade, reconstituir uma cronologia dentro de um caos de sensações defuntas é me reapoderar do passado, reconectar duas vidas até então dissociadas.

*

O corpo se inflama num confuso rubor. Mesmo sua lembrança me entorpece. Não há mais espírito; apenas sensações longínquas me invadem. No sol ofuscante de Casablanca, estou com sete, talvez oito anos. Meus irmãos e eu frequentamos a escola religiosa Charles-de-Foucauld. Durante o recreio, algumas crianças jogam bola no centro do pátio, levantando uma poeira que gruda em suas pernas e braços e tinge da mesma cor os shorts e as camisas azul-marinho. Outras crianças se dividem ao longo dos muros em grupos de mercadores ou lançadores. Eu sou mercador; Alain, meu irmão gêmeo, que tem boa mira, é lançador. Trata-se, para o lançador, de acertar com um caroço de damasco outro caroço situado entre as pernas do mercador. Escolho um lugar para me posicionar perto do muro da escola, de frente para o sol matinal. Gosto de sentir o sol mordiscar minha pele. Aguardo o arremesso, os olhos entreabertos fixando o caroço. Conto até três. Arrepio de prazer. Entorpecido pela poeira morna do pátio, fecho os olhos. Quando volto a mim, minha turma já voltou para a sala; outros alunos brincam. Eu me levanto, em pânico, guardo minha reserva de caroços em um lenço. Corro cada vez mais rápido, o corpo em chamas. Pela primeira vez, sinto um calor estranho entre as pernas. Será a fricção ou o medo da professora malvada? O fato é que alguma coisa está

acontecendo lá embaixo. Bato à porta, perturbado, a professora rosna e eu fico parado na soleira da porta entreaberta.

*

Ainda enrubesço, sozinho na minha cama, ante a evocação dessas primeiras emoções.

*

Um pouco depois, estamos na Holanda. Meu pai trabalha em uma companhia de petróleo anglo-holandesa. Meus irmãos, nossa irmãzinha Valérie, a governanta Christina e eu moramos no primeiro andar. Christina é belíssima com seus cabelos ruivos, os olhos verdes e as sardas que descubro ao longo de seu corpo exposto. É a época das minissaias. Ela passa roupa no patamar da escada. Fico um bom tempo a observá-la; sinto outra vez aquele incômodo abaixo da cintura, fico todo corado e não ouso olhar para meu horrível short inglês de flanela cinzenta. Os olhos de Christina teriam se franzido? Estou perdido. A traidora faz um movimento extraordinário: ela contorna a tábua de passar roupa para chegar até mim, vira-se de costas e inclina-se para frente; será mesmo para apanhar algo no chão? Se eu soubesse, se eu pudesse, eu a teria agarrado ali mesmo, naquela posição. Mas fico com os braços moles, com o fôlego curto e outra coisa não tão curta assim! A visão daquele traseiro em exposição dura uma eternidade.

Vi fotos dela muito tempo depois. Eu a achei menos bonita com os dentes espaçados, a pele flácida, os joelhos ossudos. Tudo é uma questão de perspectiva!

*

Durante a noite, respirei profundamente para me livrar das dores que me isolam. Imagens, belas em sua simplicidade, me voltaram ao espírito. O sofrimento persiste.

*

Estou com quinze anos. Quero impressionar meus colegas. Entro numa

farmácia cheia de gente. Quando chega a minha vez: "Eu queria uma caixa de preservativos", digo, sussurrando a última palavra. A atendente pede que eu repita. Acuado e já corado, obedeço. "Pequeno, médio ou grande?", acrescenta ela, com uma expressão zombeteira. Eu fujo correndo.

Evidentemente, ela se referia ao tamanho da caixa.

Um riso sobe por minha garganta: uma contração lhe responde; o gravador desliza de meu tórax. Um silêncio desanimado se instala. É preciso recompor-se, reconstruir-se.

Chamo Abdel, meu assistente. Ele reinstala o gravador. Minha voz surda, nova e estranha, continua a gravação. Até mesmo minha identidade se esfarela nessa voz vacilante. Não tenho mais músculos peitorais. Não há nem entonação nem pontuação. Somente as palavras para as quais eu consigo acumular fôlego suficiente se imprimem na fita magnética.

*

Estou com dezessete anos. Estamos numa estação de esportes de inverno. Alain, meu irmão gêmeo, já tem sua "gata". Há meninos e há as meninas; e nunca fiquei tão envergonhado na presença delas. Após o jantar, nos reunimos diante de uma lareira, com vinho, canções e um violão. Uma garota senta-se ao meu lado. Ela se apoia em mim e coloca a cabeça em meu ombro. É uma amiga da namorada de Alain; ela é mais velha, nascida no Vietnã, numa família de colonos franceses. Seus olhos são puxados, e sua pele é morena. Ela ri e se aproxima ainda mais. Sinto agora seu aroma apimentado. Tento desaparecer nas chamas da lareira; mas nada resolve. O calor do desejo me invade, eu desejo essa garota. Quando todos se retiram e ela me atrai para o único quarto isolado, equipado com uma pequena cama contra a parede, eu a sigo sem olhar para trás. Há alguns anos que sonho com este momento. Ela se despe sem graciosidade, deita-se sobre mim. Devo estar sendo desajeitado, pois ela sorri. Depois, ela solta uma gargalhada: "Mas você não tirou a cueca!" Ela me ajuda. Passamos alguns meses juntos.

*

Apesar de minha paralisia, meus sentidos ausentes ainda aprontam comigo.

Saio pela primeira vez do centro de reabilitação de Kerpape, no litoral da

Bretanha. Béatrice empurra minha nova cadeira de rodas até um pequeno café diante da praia. Ela está sentada à minha frente. Atrás dela, as velas de windsurf saltam sobre as ondas. O céu está cinza. O suor gela minha nuca, mas não quero abandonar o calor do rosto de Béatrice perto do meu. Como ela consegue preservar seu olhar de jovem apaixonada diante da sombra daquele que ela amou?

Eu tusso, depois cuspo. Preocupada, ela me leva de volta ao centro de reabilitação. A enfermeira diagnostica uma infecção pulmonar. Volto pela segunda vez à UTI no hospital Lorient, a garganta aberta por uma traqueotomia. Uma bateria de garrafas destilando seu veneno. As veias do meu braço esquerdo cedem sob a pressão. Eles o recobrem até o cotovelo com um algodão embebido de álcool; fico inebriado. Estou numa sala sem janela. Deve ter anoitecido. Não há enfermeiras. As luzes vermelhas, verdes e brancas das máquinas piscam. Eu desapareço. É quando, então, surge essa agradável sensação. Faz quase um ano que não sinto o delicioso desejo de um abraço sem fim com Béatrice. As imagens de nossos corpos embaralhados tomam conta de mim. Bruscamente, a luz branca me cega: Béatrice se inclina sobre mim. Em alguns minutos, ela compreende a emoção que me invade e que lhe sugere o piscar de meus olhos; peço-lhe que informe isso ao médico. Ela ri e sai apressada pelo corredor. O médico aparece, irritado. Ele ausculta o motivo da gargalhada. Negativo. Emoções fantasmas. Durma, meu anjo.

O CU DO ANJO

Ao acordar, é hora do TR.[5] Em seguida, o banho.

Está tudo escuro. Eu quase não existo mais. Não há corpo, nem som, nem sentido, exceto talvez a sensação de um ar morno que resvala para dentro das minhas narinas. De repente, tudo gira. Lá vamos nós de novo. Minha cabeça cai para frente. Escuto a água do chuveiro, eu a sinto no meu rosto. Abro os olhos. Pouco a pouco, uma imagem aparece: Marcelle, a imensa martinicana de voz suave, escora minhas pernas sobre seus ombros. Ela sorri: "Então, Sr. Pozzo, está de volta? Desta vez não precisei dar nenhum tapa!" Meu braço direito perdeu seus apoios, estou arriado sobre a lateral da cadeira de banho, que tem uma perfuração no meio.

Estou quase nu. Só resta esse saco de urina, pendurado na ponta de um longo cano acoplado ao meu pênis por uma espécie de preservativo. Chamam isso de *penilex*. É penoso e nada sexy.

Não posso permanecer sentado. Para sobreviver, preciso que me apertem o imenso cinto abdominal e enfiem as espessas meias de compressão que me cobrem dos dedos dos pés até as nádegas, de modo que um pouco de sangue permaneça em meu cérebro. Durante meus desmaios, eu me torno um anjo da escuridão; o anjo não sente nada. Quando volto à luz, com as pernas para o alto, com ou sem tapa, o sofrimento me invade e o fulgor do inferno me faz chorar.

Em inglês, soletram meu nome PI-Ô-ZI-ZI-Ô. O Pozzo não tem mais *zizi*.[6] Eu me torno Pisa, sempre inclinado para um lado ou para o outro.

Marcelle, a auxiliar de enfermagem, chama Abdel, meu assistente, para me colocar sobre a cama. Ele solta minhas pernas amarradas, inclina-se até que sua cabeça toque meus pulmões, escora meus joelhos contra os seus, aperta-me a parte inferior das costas com seus braços vigorosos. Opa! Ele se inclina para trás e eu me vejo de pé no reflexo das janelas fechadas. Eu fui bonito; não me

sobrou muito. O sangue alcança os dedos dos pés; volto a me tornar um anjo. Abdel me deita sobre o colchão antiescaras. Marcelle dá início ao que ela chama, sorrindo, de "cuidados íntimos". Ela remove o penilex para cuidar do bicho. Béatrice o chamava de "Toto", afetuosamente. Ouço a risada de Marcelle. Toto se pôs em ereção. Ela não consegue mais colocar o penilex.

No centro de reabilitação de Kerpape, os tetraplégicos são os aristocratas; ficamos na primeira fila, tão mais perto de Deus. Olhamos para os outros com condescendência. Nós somos os donos do terreiro. Mas, entre nós, somos os *têtards* (girinos), porque o *têtard*, como os tetras, não tem braços nem pernas, só uma cauda que se agita.

---

[5] Toque retal: de manhã, a primeira etapa, após esvaziarem meu saco de urina, é me colocarem de lado, passarem uma toalha úmida, untarem de creme o dedo indicador e enfiarem-no lá onde vocês sabem. Nasci com o cu virado para a lua, mas, nesse ponto, elas realmente abusam. Fecho os olhos enquanto fuçam dentro de mim.
Obrigado a todas as Marcelles, Berthes, Paulines, Catherines, Isabelles, Sabryas, Sandrines... por todo dedilhado e gentileza. Sou aquele que se mantém vivo graças à ponta de seus dedos.

[6] *Zizi*: forma familiar em francês de chamar o pênis. (N.T.)

PRIMEIRA PARTE

Infância dourada

EU NASCI COM O...

Nasci com o cu virado para a lua, rebento dos duques Pozzo di Borgo e dos marqueses de Vogüé.

Durante o Terror, Carl-Andrea Pozzo di Borgo se afasta de seu amigo Napoleão. Muito jovem, torna-se primeiro-ministro da Córsega, sob a proteção dos ingleses. Ele tem de se exilar na Rússia, onde contribui, graças a seu conhecimento do "Ogro", para a vitória das monarquias. Carl-Andrea Pozzo di Borgo faz fortuna negociando caro a considerável influência que exerce sobre o czar da Rússia. Todos os duques, condes e outros europeus, varridos pela Revolução Francesa, lhe agradecem generosamente quando ele intervém a fim de que seus bens, assim como suas funções, sejam restituídos. Luís XVIII chegará a dizer de Pozzo que é "aquele que lhe custou mais caro". Por meio de criteriosas alianças, os Pozzo transmitem sua fortuna de geração em geração, até nosso século. Ainda se ouve dizer, nas montanhas da Córsega, "rico como um Pozzo".

Joseph, "Joe", duque Pozzo di Borgo, meu avô, casou-se com uma americana cheia da grana. Seus netos, mais tarde, a chamariam de Granny. Vovô Joe contava com deleite as circunstâncias de seu casamento, em 1923. Granny tem, na época, vinte anos. Ela empreende, na companhia de sua mãe, uma excursão pela Europa, a fim de encontrar bons partidos. As duas chegam à casa de um aristocrata corso vinte centímetros mais baixo do que a jovem. No castelo de Dangu, na Normandia, à imensa mesa da sala de jantar, a mãe se dirige à filha em inglês (evidentemente, todos compreendem): "Querida, você não acha que o duque que vimos ontem tem um castelo bem mais bonito?" Granny, contudo, daria preferência àquele pequenino corso.

Quando a esquerda chega ao poder em 1936, Joe Pozzo di Borgo é preso por "associação aos *cagoulards*", conspiradores de extrema direita dispostos a tudo para derrubar a República. Ele não fazia parte daquele grupo de forma

alguma. Durante sua estada na prisão da Santé, recebe a visita de sua esposa e de alguns raros amigos. "O inconveniente", ele brinca, "é que, na prisão, quando alguém vem nos ver, não podemos mandar dizer que demos uma saidinha..."

O clã corso dos Perfettini, que defende os interesses da família na Córsega desde nosso exílio na Rússia, se comove com a situação de vovô. Uma delegação vai a Paris, armada até os dentes. Eles se dirigem à prisão da Santé. O patriarca, Philippe, pede ao duque a lista das pessoas que devem ser suprimidas. Mas vovô os aconselha a partir sem escândalo. Ao sair, o velho Philippe, surpreso e decepcionado, manifesta sua preocupação para a duquesa: "O duque está cansado?"

Meu avô interrompe todas as atividades políticas para se recolher a seus domínios: o palacete parisiense, o castelo na Normandia, a propriedade na montanha corsa e o palácio Dario, em Veneza. Ele mantém uma corte brilhante de opositores a todos os regimes. Morre quando eu completo quinze anos. Acho que nunca aderi a nenhum de seus brilhantes surtos oratórios. Eles me pareciam pertencer a outra época. Entretanto, lembro-me de uma noite em Paris, num salão de baile, todo cintilante de diamantes.

Sou criança. Minha cabeça alcança os "posteriores" dessa gente elegante. Perplexo, surpreendo a mão de meu caro avô em um traseiro avantajado que não pertence a sua legítima esposa.

Quanto à história da família de Vogüé, ela remonta a tempos imemoráveis. Como diz vovô Pozzo ao vovô Vogüé (os dois patriarcas se detestam): "Ao menos, os títulos de nossa família são tão recentes que podemos provar que são verdadeiros!" Robert-Jean de Vogüé não responde.

Meu avô Vogüé, oficial de carreira, participou das duas guerras mundiais: da primeira com dezessete anos; e da segunda como prisioneiro político em Ziegenhain, na condição de N.N.[7] É um homem corajoso, com convicções profundas. Fiel descendente dos cavaleiros, ele considera os privilégios que herdou uma contrapartida aos serviços prestados à sociedade: na Idade Média, a defesa do território; no século XX, o desenvolvimento econômico. Casa-se com a moça mais linda de sua geração, uma das herdeiras dos champanhes Moët et

Chandon. Nos anos 1920, abandona a carreira de oficial para se tornar gerente dessa sociedade de champanhe, que ele dirige e desenvolve consideravelmente, até se aposentar, em 1973. De uma pequena empresa familiar ele cria um império.

Ele obtém esses resultados magníficos graças à força de seu caráter e de suas convicções. No final da vida, ele as reúne num livrinho chamado *Alerte aux patrons* (Alerta aos patrões).[8] Esse é até hoje o meu livro de cabeceira.

Como é de se esperar, Robert-Jean de Vogüé é muito criticado por seus colegas da nobreza. Chegam a chamá-lo de "marquês vermelho"; ao que ele responde: "Não sou marquês, mas conde." Não nega sua coloração política. Os financistas que o sucedem destroem sua obra. Ele permanece sendo meu mentor. Mais tarde, meu filho se chamaria Robert-Jean.

Meu pai, Charles-André, é o primogênito dos filhos de Joe Pozzo di Borgo. Ele resolve mostrar seu valor na vida ativa. Pode-se dizer que é o primeiro Pozzo a trabalhar. Uma maneira de se opor ao pai. Começa como operário em explorações petrolíferas no Norte da África, em seguida constrói uma carreira que ele deve a sua capacidade de trabalho, seu dinamismo e sua eficiência. O trabalho o leva a viver em vários países, e eu o acompanho em minha tenra infância. Alguns anos após a morte de seu pai, quando já tem um alto cargo em um grupo petrolífero, abandona a carreira para colocar em ordem os negócios da família.

Minha querida mãe tem três filhos em um ano: primeiro Reynier e, onze meses depois, os gêmeos Alain e eu. Ela se muda quinze vezes durante a vida profissional de meu pai, deixando para trás a cada vez todos os móveis excedentes e os poucos amigos que conseguiu fazer. Estando nosso pai sempre em viagens, dispomos de uma *nanny* que protege mamãe de nossas turbulências. Eu me habituo, desde a idade em que dividia o carrinho de bebê com Alain, a lhe impor minhas vontades. Ele aguardaria vários anos e alguns centímetros de vantagem sobre mim para me dar uma surra que aliviaria apenas uma parte de suas frustrações.

Hoje, ele me empurra; eu, curvado na cadeira de rodas. Todos me dominam. Eu me recuso a erguer a cabeça.

*

Em Trindade, passamos a vida brincando na praia, vestidos como os nativos, com quem nadamos o dia todo. Aprendemos a nos exprimir em um inglês tatibitate antes mesmo de falarmos francês. À noite, brincamos de luta no nosso quarto. Guardo a nítida lembrança de uma brincadeira que consiste em pular na própria cama e ao mesmo tempo mijar na cama vizinha.

Depois, vem o Norte da África: Argélia e Marrocos. Descobrimos a escola, aprendemos francês com uma moça de idade incerta, tímida, ainda solteira. Num dia de ventania, me agarrando a um poste, vejo meu irmão, magrinho, sair voando. Nossa professora se agarra nele, tentando segurá-lo; em vão. A cerca os contém. Concebo pela primeira vez certo ciúme em relação a esse irmão gêmeo que recebe a atenção das mulheres.

*

Agora, sou apenas um corpo com 1,80 metro, cinquenta quilos de matéria inerte e chumbada. Fora de combate!

*

Reynier se distancia. Logo seriam "os gêmeos contra Big Fat, o bruto". Ciente de suas responsabilidades de herdeiro, nosso primogênito não hesita em se aproveitar de seu tamanho para nos bater com suas grandes mãos largas, quando acha que disso depende nossa educação.

Agora, eu grito, é lamentável, sem poder bater naqueles que abusam da minha paralisia.

*

Depois do Marrocos, Londres. A *nanny* se chama Nancy. Eu percebo as artimanhas de Reynier em volta da bela morena. Ele desliza para seu leito sem o conhecimento de meus pais, e posso ouvi-lo dando risadinhas. Faço de tudo para ter a oportunidade de passar à cama de Nancy, sem saber bem a razão. Certo dia, chego a tentar adotar um aspecto febril sentando um bom tempo sobre o aquecedor ardente, a fim de ser cuidado por Nancy e, talvez, acabar em

sua cama... Minha tentativa não vai adiante. Meu traseiro me trai. Com as nádegas e as bochechas em chamas, preciso levantar o cerco.

*

Sinto falta das sensações que testavam meus limites. Este corpo de fronteiras incertas não me pertence mais.

Nestes dias, a mão que me acaricia não me toca mais. Mas essas imagens ainda conseguem me emocionar, em meio ao ardor onipresente.

---

[7] N.N.: "*Nacht und Nebel*" (condenado à morte aguardando execução discreta...).

[8] Éditions Grasset, 1974.

...VIRADO PARA A LUA

Aos oito anos de idade, sou convocado com meus dois irmãos ao salão parisiense de Granny. Grande violinista, ela não pôde deixar todo seu talento se desenvolver após casar-se, já que Joe, o duque, não apreciava muito o "barulho". Ela possui um pequeno violino e um piano Steinway que reina no centro do salão de baile. Ela reúne os três, Reynier, Alain e eu. O imenso piano negro me fascina, eu o reivindico. Alain é tomado de admiração diante do pequeno violino e sua complexidade. Quanto a Reynier, não avistando outros instrumentos disponíveis, desinteressa-se pela música, o que lhe fornece inúmeras oportunidades de nos impor suas gozações, quando eu e Alain tentamos tocar em duo. Entendo a que ponto essas audições podem ser desagradáveis. Guardo na memória a abrasadora humilhação de um concerto com Alain no seu internato. Acompanho-o numa sonatina de Beethoven. Alain começa a tocar numa extremidade do palco e termina na outra, vaiado pelos colegas. Desde então, nunca mais toquei em público. Hoje em dia, não toco mais nada.

Granny organiza diversos concertos no salão de baile; eu assisto dos melhores lugares a esses momentos de grande qualidade musical. Mais tarde, ela orquestra um festival em nosso castelo de la Punta, no alto de Ajaccio. Béatrice se encarrega da publicidade; eu colo cartazes em toda a Córsega.

Esse castelo serve de museu e retrata a vida de Carl-Andrea Pozzo di Borgo. Eu me lembro do guarda que mostra aos visitantes a suntuosidade dos salões, da biblioteca e dos quartos. Na biblioteca, dois grandes quadros se defrontam: um de Carl-Andrea Pozzo di Borgo imponente, triunfal, pintado por Gérard; o outro de Napoleão, pouco antes de sua partida para a ilha de Elba, o rosto marcado pela decepção e amargura, pintado por David. O guia, invariavelmente, termina a visita dizendo com seu forte sotaque corso: "E os banheiros datam daquela época. Não se esqueçam do guia!"

Nenhum Pozzo residiu nesse castelo. Um ancestral o construiu para atrair sua mulher para a ilha. Ele comprou as pedras do antigo pavilhão Maria de Médici, que cercava o palácio das Tulherias antes do incêndio da Comuna, em

1871.

Após uma breve estadia em Ajaccio e uma noite no castelo, a esposa recusou-se categoricamente a voltar à ilha.

O vovô Joe preferiu restaurar uma velha torre genovesa que ultrapassa o castelo em quase duzentos metros e se situa no coração da antiga aldeia Pozzo di Borgo. Ele se instala, com prazer, nessa torre na companhia de Granny. Ali, apreende o passar do tempo, que desfila sob seus olhos. Do alto dessa torre, avista-se uma capela no costado da montanha. Todos os membros da família estão enterrados ali, como será enterrada Granny, duquesa Pozzo di Borgo, fiel esposa de Joe. Como eu serei enterrado com Béatrice.

Muito cedo, meu pai forja uma ideia precisa sobre cada um de seus filhos. Ele a exprime com brutalidade, apesar de sua profunda bondade. Seus julgamentos cabem em poucas palavras: "Reynier não leva jeito para os estudos." Ele ingressará no colégio interno de Roches. Na França, é o único internato organizado conforme o modelo anglo-saxão: os mais velhos ensinam seus jovens condiscípulos a se virarem sozinhos; o esporte e outras atividades não intelectuais ocupam lugar predominante. Reynier é um aluno medíocre, acaba nunca tomando gosto pelo esporte, mas desenvolve uma paixão pelo desenho, que vem de nossa mãe. Alain, como Reynier, é matriculado no Roches "para fazer o que puder por lá". Nosso pai hesitou por muito tempo em relação às capacidades intelectuais de meu irmão gêmeo, que permanece praticamente mudo. Quanto a mim, ele me manda seguir o caminho que foi seu e de seu pai, visto que sou "o menos imbecil dos três". Estou com oito anos quando ele me leva a Paris: faço o exame para ingressar no liceu Montaigne. No dia do anúncio dos resultados, meu pai segura minha mão, procurando nosso nome nas listas. Tenho direito a um "Bom": passei. Então deixo minha família. Só os verei agora durante as férias escolares.

Éliane de Compiègne, irmã de meu pai, seu marido, Philippe, e seus três filhos moram no palacete da família em Paris. Minha tia me recebe nos fins de semana e nas quintas-feiras à tarde. Nessas ocasiões, tomo o ônibus no Jardin du Luxembourg. Sempre me instalo no fundo do veículo. O mais belo dos recreios: as ruas desfilam em meio ao calor e ao odor dos canos de descarga; o fiscal se apoia indolentemente no corrimão, o boné para cima, a mão sobre o

controle de paradas. Os Compiègne se tornam minha segunda família. Eles me acomodam no sótão, onde fica a lavanderia. Durmo numa cama que se abre, saindo de dentro de um armário. Descubro outra França.

Philippe de Compiègne poderia ter pertencido ao círculo social de Du Guesclin; sua família data dessa época. É um guerreiro e grande caçador. Desde que se casou, sua vida se divide entre Paris, onde mantém uma pequena fábrica de caixas de cartolina de luxo, e seu pobre domínio senhorial de La Chaise, um resto de lugarejo contíguo a um castelo em ruínas. Ele consegue reformar alguns cômodos, que parecem uma toca. Esse castelo está localizado no meio de dois mil hectares de floresta, onde ele passa a maior parte da vida caçando sozinho.

Morreu no meio dos animais; recusava-se obstinadamente a tratar do próprio corpo.

Ele me ensina a atirar e me transmite o gosto pelas longas tocaias, sozinho entre as árvores. É ele também que me ensina a pescar com isca, outro esporte solitário, todo acuidade visual e elegância do gesto. O tio Philippe fala pouco. Chega às vezes a usar os punhos antes de exprimir seu ponto de vista. Na Normandia, o guarda-florestal foi derrubado com um *uppercut*. Meu tio pensou ter notado uma falta de respeito desse homem para com sua sogra, a duquesa. Um pretensioso homem da alta sociedade também sofreu as consequências de seu caráter. A brutalidade aristocrática de meu tio custa a suportar as besteiras de seus pares.

Fora suas caças, ele só possui uns quinze leais amigos, sempre os mesmos. Eles se reúnem pelo menos uma vez por semana na mansão Pozzo para "um carteado". Convivem na mais perfeita fraternidade. Se um deles se interessa por alguém que não seu cônjuge, tudo se passa na maior sensibilidade, na maior gentileza. As animadas rodadas de gim e rum começam por volta das cinco da tarde. De um lado e de outro de uma longa mesa estreita, dois grupos de cinco a seis jogadores continuam noite adentro. Às oito horas, a partida é interrompida. O jantar transcorre em torno de tia Éliane, capaz de contar as histórias mais picantes como se não as compreendesse. Eu nunca ri tanto quanto nessa família, com esse grupo! Nos anos seguintes, é com grande prazer que participo dessas festas contínuas. Tia Éliane me inicia rapidamente no gim e me inclui na mesa dos jogadores. Eu me torno um bom parceiro. Conservo até hoje o gosto pelo jogo. Na casa dos Compiègne descobri as delícias da vida, feitas de despreocupação, de sólida amizade e de elegância de espírito. Uma

atmosfera ao mesmo tempo rude e sensível.

O filho mais velho, François, dois anos mais jovem do que eu, é meu companheiro de jogos durante todos esses anos da adolescência. Brutal e gigantesco, como todos os Compiègne ele se revela extraordinariamente desajeitado. Até hoje, já deve ter acumulado quase uma centena de pontos de sutura! Ainda me recordo do percurso de bicicleta na nossa floresta de Dangu. Eu avanço na frente pelas trilhas, desço as ladeiras entre as árvores e cato François várias vezes, caído no chão e todo machucado! Adulto, ele é ainda essa frágil força da natureza.

*

Um dia, saio do caminho. Descubro a solidão. Daí em diante, passo a buscá-la. Queria ir sempre mais rápido, sempre mais longe, sempre mais alto. Eu me sentia imortal! Nem a avalanche que me arrastou nos Arcs deixa qualquer vestígio em mim; retomo o caminho sem me perturbar, depois de sair da pista várias vezes. No entanto, esqueci um degrau. Não encontro na minha lembrança o momento em que minha condição terrestre me alcançou.

*

Quando François está com doze anos, tio Philippe lhe dá um Citroën 2CV do serviço de correio francês, amarelo-vivo, comprado num leilão público. Durante vários anos, esse bravo carrinho é nosso companheiro de aventuras. A partir dos quatorze anos, empreendo grandes derrapagens nas curvas enlameadas da floresta. Mais tarde, encontrei fotografias desse carro: ali se veem os adolescentes que éramos, triunfantes, fazendo pose, as mãos nos bolsos, o cigarro no bico, ao lado de nosso "possante". O mundo é nosso. Somos crianças mimadas.

Do meu quarto, tenho uma vista panorâmica do cômodo em que dorme a moça que toma conta dos filhos de meu tio Cecco, o irmão caçula de meu pai, e de sua esposa, Tania — nas telas, Odile Versois. Durante três anos, a governanta é para mim a mulher mais linda do mundo. Eu a adivinho através do vidro opaco do banheiro. Ela me acompanha o restante da noite em meus sonhos. Certa noite, louco de desejo, desço na ponta dos pés os dois andares

que nos separam. Chegando ao final do corredor, entro em seu quarto. Ela está indo se deitar. Vejo seu corpo através da transparência da camisola. Fico confuso, perdido. Digo-lhe, envergonhado: "Estou com dor de cabeça." Ela me dá uma aspirina. Subo as escadas. O rabo entre as pernas.

Durante a semana, vivo na escola Bossuet, mantida por religiosos vestidos inteiramente de preto.

Ali, temos missa matinal, cantina para as refeições, estudos supervisionados à noite. Temos aula no liceu Montaigne, depois no liceu Louis-le-Grand. Ajudo na missa de vez em quando, sem entusiasmo. Certa manhã, roubo com alguns colegas todas as hóstias ainda não benzidas. Nós as devoramos antes de chegar à sala de aula. Um grande sucesso, até que o velho cônego se prepara para celebrar a Eucaristia, e ficamos todos de castigo!

O superior de Bossuet, o cônego Garand, tem mais de oitenta anos. Ele foi professor de meu avô e já era diretor na época de meu pai.

Posicionado numa janela do sétimo andar, munido de uma bomba-d'água, cercado pelos colegas, miro no nosso superior. Ele atravessa o pátio. Talvez tenha acabado de meditar sobre as incertezas da vida. Fsss... Plaf!!! Depois de uma bela trajetória, o projétil estoura e encharca sua batina. Atentado bem-sucedido!

Informado sobre a "façanha", meu pai não se opõe à minha expulsão. Ele já está decidido a me tirar do Bossuet: descobriu que eu passo a maior parte do tempo num café, onde ganhei o apelido de "rei do fliperama".

Sou enviado à escola de Roches, onde me junto a meus irmãos. Chego ao final do penúltimo ano do ensino médio. Desenvolvo rapidamente uma consciência política em violenta oposição aos valores predominantes nessa escola. Os custos elevados do ensino limitam o acesso à elite financeira, e o crescimento econômico do período pós-guerra permite o ingresso de uma nova população escolar, cheia da grana, com bases culturais por vezes bem rudimentares. Lembro-me de alunos podres de ricos conduzidos por seus motoristas. Um deles chega a entrar no imenso parque em um velho Rolls-Royce, um serviçal em pé sobre o estribo lateral do veículo. Sinto vergonha por ele e por mim. Eu nunca havia, até então, tido consciência da noção de classes. Eu me isolo nessa escola, mal vejo meus irmãos, passo várias horas por dia ao

piano, fumo um cigarro atrás do outro no pequeno compartimento de estudo que me é reservado.

*

Depois disso, atormentado pela injustiça social, trabalhei além do razoável para que pelo menos aqueles que dependessem de mim pudessem adquirir sua independência.

Quando nos pediram centenas de demissões, eu poderia ter pegado em armas. Tremendo de indignação, encurralado pelas leis glaciais da economia, provavelmente poderia ter feito com que se voltassem contra mim, de maneira que não me deixassem vivo.

*

Descubro Marx, Engels, Althusser. No meu quarto, estudo esses autores "vermelhos", escutando *Vinte olhares sobre o menino Jesus*, uma partitura para piano de Messiaen. Essa música me isola da podridão que me cerca. Minha revolta é tal que me recuso a participar das reuniões de grupo. No momento da entrega dos prêmios, recebo o meu *in absentia*. Algo inédito nos anais dessa escola!

Desde o acidente veio-me à lembrança um fato ao qual, na época, mal dei atenção: o professor de matemática, Sr. Mortas, morre num desastre. Espalha-se a notícia de que ele havia crescido vinte centímetros depois de ser esmagado por um trator. Hoje, essa lembrança me ocorre, do fundo da minha posição estendida, em que todos acham que cresci.

Maio de 1968 me surpreende nesse estabelecimento anacrônico. Resolvo fugir e ir para Paris. Deixo-me levar pelo entusiasmo geral que reina do Odéon ao Panthéon. Estou convencido de que uma justiça maior resultará desses dias loucos: de hoje em diante, a decência e o respeito ordenarão as relações entre os homens.

Vivi então alguns dias de flutuação total, embriagado pela excitação generalizada e pelo cheiro de pólvora, sem ideia preconcebida, senão aquela do advento iminente de uma fraternidade romântica. Passo minhas noites nas casas de antigos colegas do liceu Louis-le-Grand. Discutimos nossos projetos sociais até altas horas.

*

Eu não faço concessões, pobre Idiota dos tempos modernos!

A MÃE DOS MIL SORRISOS

Meu pai adquire um barco de doze metros. Tenho dez anos quando fazemos nossas primeiras travessias até a Córsega. Nossa mãe nos acompanha, aterrorizada pela força da natureza. Ela recupera sua tranquilidade nos portos daquele que Sócrates chamou de o "mar dos mil sorrisos".

Certo verão, a travessia é feita sob um forte mistral. O mar, branco, choca-se contra a popa descoberta do barco, antes de desmoronar sobre o convés. Meu pai mantém a rota auxiliado por uma vela de tempestade. Quando nos aproximamos de Calvi, consigo me levantar e me desembaraçar dos miasmas da fraternidade amontoada dentro do porão. Fazemos uma entrada triunfal no porto. Nos postamos com orgulho em volta de nosso pai para atracar no cais onde, perplexas, as pessoas contemplam essa tripulação que saiu da tormenta, ainda mais porque meu pai insiste que a abordagem se faça a vela. A cada ano, as distâncias se estendem. Conhecemos toda a Córsega, depois a Sardenha, a ilha de Elba, a costa italiana e, finalmente, o mar Jônico, com a ilha de Zaquintos. Lá, encontramos um cemitério que reúne uns cinquenta túmulos de nossos ancestrais, engajados como mercenários a serviço de Veneza.

Esse ramo de nossa família se extinguiu na ocasião de um ataque dos turcos. Um funcionário do cemitério cuida da conservação de todos esses túmulos, sem razão aparente. Ficamos uma horinha por lá, onde vemos desfilarem dois séculos de nossa família. Todas essas vidas se resumem a um nome e a datas sobre uma pedra. Algumas foram longas — imaginamos um patriarca repousando orgulhosamente —, outras, curtas — crianças mortas cedo demais. Guardo dessa visita uma sensação de vertigem, de um tempo que escorre, cadenciado pelas gerações e comprimido por um cemitério comum.

Quatro anos mais tarde, nosso pai compra um barco maior: dezesseis metros em fibra de vidro, com dois mastros e duas cabines. Ele deixa seu rasto de espuma sobre longas distâncias. Agora partimos de La Rochelle, contornamos a Europa por Gibraltar, nos enfiamos pelo Mediterrâneo até a Turquia e depois retornamos até Portugal.

Essas longas travessias exercem uma influência duradoura sobre os meninos que somos. Nelas, a autoridade de meu pai se afirma com uma força impressionante. Às vezes, ele solta berros assustadores durante as manobras delicadas. Nós reagimos cada qual a seu modo: Alain, lívido, conserva um mutismo absoluto; Reynier explode e nos larga ali, em plena tempestade, o rosto coberto de lágrimas de humilhação; eu mesmo, depois de ter tremido sob suas assustadoras vociferações, raciocino e tento analisar as causas desses descontroles. O alvoroço do mar e do vento sobre o castelo de proa o obriga a berrar e, às vezes, a urgência do perigo o leva a pular, esbravejando, sobre o convés do barco.

Aprendo a continuidade no esforço, a modéstia diante da natureza, mas também a arte de desafiá-la.

Essas travessias me inebriam. Nada me dá mais prazer do que segurar o leme do barco sob as velas e as estrelas. A massa branca que se precipita na escuridão, entre os feixes de mar fosforescentes; a onda se parte pesadamente sobre o casco e se esvai em bolhas de champanhe.

Certo verão, acontece a catástrofe. Partimos de Lisboa com a intenção de chegar a Gibraltar no dia seguinte. Às três horas da madrugada, a maré recua, mas o mar não está perigoso. Seguimos, a toda vela. É o turno de Reynier, a roda de proa corta as ondas, o barco avança em grande velocidade e com toda segurança. Um choque terrível. De repente, o naufrágio! Um dos faróis da costa não deve ter funcionado. Reynier fez seus cálculos a partir de outra luz, o que nos lançou diretamente contra o cabo de São Vicente. Por milagre, trata-se de uma parte arenosa entre os rochedos. O choque é tão violento que passo de meu leito ao mar. Ninguém fica ferido; o barco tomba sem se romper. Rapidamente, na névoa do amanhecer, aparecem camponeses, vindo ao nosso socorro com suas mulas. Eles escoram o barco, nos aquecem em torno de uma boa fogueira, enquanto outros esvaziam a embarcação e carregam suas mulas. Seguimos o comboio até a aldeia, onde eles avisam as autoridades de nossa situação. Devemos ficar com eles os dois dias necessários para o reboque do barco. Somos acolhidos com calorosa hospitalidade, vestígio de humanidade; como se a pobreza fosse uma condição necessária para isso.

*

Quando penso nesses primeiros anos dourados, reconheço que fui uma criança mimada. Não consigo deixar de tentar identificar as influências que me marcaram profundamente. Algumas são genéticas. Fisicamente, sou o retrato do vovô Joe. Dizem também que herdei parte de seu espírito e de seu gosto pelas mulheres. Do vovô Vogüé trago o senso estético, talvez até a vaidade, e o gosto pelo poder. Depois disso, quando trabalhei no grupo LVMH, Marie-Thérèse, sua antiga e minha nova secretária, me lembrava sem cessar dessas semelhanças. De Granny fiquei com a herança espiritual: a moral puritana e a mentalidade norte-americana. Protestante até seu casamento, ela conservou depois disso o rigor de sua religião e uma total indiferença com relação ao corpo.

A hereditariedade e meu gosto pelos modos de vida dessas duas grandes famílias — uma do passado, outra adiantada em relação à sua época — se combinam. O sentido do dever se mistura estranhamente em mim a certo desapego pelo que me cerca. Uma espécie de laboriosa soberba. Mesmo depois dos dramas, mesmo na minha imobilidade, esses componentes continuam a atuar como forças motrizes.

SEGUNDA PARTE

Béatrice

RENASCIMENTO

Tudo começa logo no dia em que nos conhecemos; temos vinte anos. Um pátio da faculdade em Reims. Estamos os dois ali por acaso: ela, porque acompanha seu pai, prefeito departamental; eu, porque não acompanho meus pais em uma viagem ao estrangeiro.

Béatrice e eu fizemos quase todos os nossos estudos juntos. A faculdade de Direito e de Ciências Econômicas de Reims está localizada numa antiga construção que abriga também um asilo para idosos. À esquerda da entrada, estão os velhos. À direita, os estudantes. Entre os dois, a capela. Ela é coberta por um toldo preto cada vez que um residente do lado esquerdo deixa este mundo. Eles nos observam passar todas as manhãs como uma distração, e com pesar. A distância entre nós é imensa: eles não esperam mais nada, nós esperamos tudo.

Em 1969, essa faculdade é de extrema esquerda. Frequento pouco as aulas. Passo a maior parte do tempo num pequeno café perto dali. Os donos são um alcoólatra arrependido e sua esposa, de peruca preta e sempre vestida com um conjunto rosa-choque. Eles cuidam para que as partidas de fliperama e de 81 sejam regadas mais a limonada do que a cerveja. Às vezes, dou um pulo na faculdade, então em greve, para votar com a mão erguida, durante as assembleias gerais, pela continuidade do movimento. O tempo passa, sem relevo. Repito o primeiro ano. Eu poderia ter me arrastado assim ao longo de todos os meus anos de estudo.

Um dia, percebo uma grande loura. Sua presença sobressai no uniforme que compõem então o jeans, o pulôver justo e o cigarro. No dia seguinte, os residentes do asilo estão mais numerosos na entrada: algo está acontecendo na área dos estudantes. Entro no pátio. A bela mulher está lá com alguns

camaradas, munidos de rolos de papel branco. Ela interpela os estudantes para que assinem uma petição. Eu me aproximo daquele esplendor, ela me convida a assinar pela interrupção da greve — o que faço sem hesitar, corando um pouco. Aquilo a diverte, e ela me dá um rolo de papel para que eu recolha assinaturas. Desde esse dia, nunca mais nos separamos. Desde esse dia, eu existo.

Converso com Béatrice. Sem ideias preconcebidas sobre política, ela defende aquilo que lhe parece sensato e ri de um bocado de assuntos que até então me pareciam austeros. Ela vê a vida como uma comédia humana; eu a percebo antes como uma tragédia. Nós discutimos por causa dessas divergências, mas, à noite, ela me segura a seu lado. Logo sou apresentado a seus pais, no suntuoso palácio do prefeito. Quase estrago tudo. A senhora primeira-dama está no seu jardim à francesa. Upsa, minha cadela, a adota, a derruba sobre as roseiras e lhe lambe o rosto. A senhora, ainda assim, oferece-se para cuidar dela para que ela possa se beneficiar do seu jardim. Aproveita dessa maneira a oportunidade para manter o controle sobre sua filha. Eu concordo: meu quarto de oito metros quadrados não satisfaz Upsa, que fica trancada ali o dia todo; minhas atividades de porteiro noturno num hotel e de vendedor — de enciclopédias e paletós nos bairros operários de Reims, Troyes e Châlons — deixam pouco tempo para os estudos e menos ainda para Upsa. Dali em diante, passamos todos os fins de semana na residência oficial.

Reservam para mim o quarto que foi ocupado pelo general De Gaulle, com seu leito imenso, fabricado sob medida. Béatrice vem se juntar a mim tarde da noite. De manhã, ela traz o café da manhã na cama. Ela é engraçada. Acha que engana seus pais. Até o dia em que minha encantadora futura sogra aparece no quarto com um sorrisinho e pede à filha para vir falar com ela.

Nós passamos mais da metade do dia nessa cama, na qual planejamos nosso futuro. Resolvemos tentar entrar na faculdade de Ciências Políticas, quem sabe até na ENA.[9] Eu começo a estudar.

Levo Béatrice até nossa Córsega para as férias de verão. Somos os primeiros de nossa geração a viver juntos sem se casar. Os mais velhos têm alguma dificuldade em se adaptar a isso.

Frequentemente, nós nos isolamos no mato e mal conseguimos respeitar os horários da minha avó. Na imensa praia deserta de Capo di Feno, passamos a

noite na tepidez da areia, ao som das ondas e com uma pequena fogueira. De vez em quando, vamos até a casa da família em Ajaccio, onde há quem se incomode com nossa promiscuidade despreocupada. Minha querida mãe nos censura por fornecermos uma educação um tanto prematura a minhas irmãzinhas, Valérie e Alexandra, esta última a caçula, doze anos mais nova do que eu.

---

[9] École Nationale d'Administration (Escola Nacional de Administração). (N.T.)

KISS MACHINE

Ela é alta. Todos notam seu porte e a elegância com que se movimenta. Seu rosto perfeito exprime a alegria de viver, a inteligência e uma vitalidade sem limites.

Seus olhos azuis, realçados pelo negro das sobrancelhas e dos cílios, são sempre risonhos. Eu a observo continuamente, comovido com tanta graça e amor. Sua simplicidade é sempre refinada. Com frequência, escolho sua roupa do dia. Conheço cada centímetro da sua pele macia, a penugem sobre seu lábio superior, a gula de seu lábio inferior, o lóbulo de sua orelha perfeita, a covinha de seu pescoço, onde começam seus ombros raramente cobertos, seus seios pequenos e firmes que adoram se enrijecer sob as carícias, sobretudo o direito; seu ventre suave sobre o qual muitas vezes adormeço, seus quadris generosos que me encorajam nos nossos enlaces. Volto até seu pescoço, onde caio no sono após o amor. Vivemos nus sobre uma grande cama, apertados um contra o outro.

Na rua, seguro-a pelo cotovelo. "Ei! Olhem, é minha companheira!" Nós nos abraçamos sem pudor.

Nossas famílias nos apelidam de *Kiss Machine*.

Aos vinte anos, nos preocupamos com nossas futuras relações sexuais, aquelas que teremos aos quarenta. Aos quarenta anos, mesmo que as pernas estejam enfaixadas, o amor continua tenro. Nós lemos juntos, tocamos música. Somos inseparáveis. Depois de meu acidente, fragilizada pelo câncer, mesmo assim ela continua nossos jogos amorosos. Nós nos amamos pelos lábios.

Sempre senti vontade de estar unido a ela; eu me sentia mais bonito, maior.

*

Nossa vida é uma música. Logo nos primeiros tempos, em Reims, alugo um

piano num depósito atulhado de um marceneiro. Ela se encontra comigo lá. É minha época Chopin-Schumann-Schubert. Ela se instala em um caixote e me escuta, enquanto lê. Nos concertos, ficamos de mãos dadas. Certa noite, escutando um *lieder* de Schubert, ela me dá uma cotovelada por achar muito indecente a atenção que pareço dedicar à bela cantora. Quando nos mudamos para a região de Champagne, ela tem aulas de canto. Não se passa um dia sem que desrespeitemos um duo de Mozart e de tantos outros. Seu mistério está em seu canto, no fundo dela mesma, como uma vibração da natureza. Estarei eu em diapasão quando admiramos juntos a beleza? Mais que um canto, percebo no fundo de mim mesmo uma harmonia quase sensual. Eu só respiro se for ao ritmo de suas aspirações.

*

Onde quer que eu esteja no mundo, ela é o único universo que importa para mim: à noite, um contra o outro, nus na nossa imensa cama, os sussurros a respeito de nossos filhos, a certeza de sermos amados, a ternura dos corpos. Sobre esta terra incessantemente percorrida, minha única descoberta é esta cama imensa.

*

O Pozzo parece renovado graças a sua deslumbrante companheira. Saldo minhas dívidas de jogo vendendo o lindo fusquinha laranja, meu presente de dezoito anos. Compro do dono do café o antigo Citroën ID19 que ele conservou magnificamente bem. Levo Béatrice para todos os cantos nesse carro. Sou o rei dos malandros, ela é minha rainha.

Certa noite, voltamos de Paris para Reims. Uma neblina espessa prolonga a viagem. Que importa? Béatrice está abraçada a mim; o tempo não existe mais. Vejo de relance a placa indicando o acesso para Meaux. Não se vê nada, exceto o brilho dos faróis refletido no nevoeiro. Descubro a estação de trem procurada; sempre há um "Hotel da Estação". Béatrice fica um pouco confusa ao me ver batendo à porta do hotel adormecido. Depois de um longo instante, uma mulher rabugenta pede silêncio. Eu insisto. Finalmente, a luz se acende. Um xale preto e um par de pantufas nos precedem na escada. O soalho estala. Nenhuma palavra, até que a porta se feche atrás de nós. O corpo de Béatrice

ainda está colado ao meu. Sem pararmos de nos beijar, alcançamos a cama iluminada pela luz trêmula de um abajur. Ela ri do barulho inacreditável que o velho estrado da cama impõe a todo o prédio. Murmuramos em meio à balbúrdia ao longo de toda essa noite deliciosa. Na sala do café da manhã, o xale preto nos pergunta se passamos uma boa noite. As maçãs do rosto de Béatrice ficam rosadas. Ela morde um croissant quente. Não tira os olhos de mim.

Os estudantes de Ciências Políticas precisam fazer um estágio ao final do segundo ano. Acabamos de ficar noivos. Meu futuro sogro consegue na prefeitura de Montpellier uma oportunidade de estágio na cidade-irmã de Louisville, no Kentucky. Somos designados para o mesmo pequeno banco local, o Louisville Trust Co. Querendo agradar ao prefeito, a universidade nos instala na casa de uma velha moradora, uma suntuosa residência colonial. Tendo sido casada várias vezes, viúva, ela fica empolgada com a chegada desse jovem casal. Bem informada, nos acolhe com uma reverência digna de *count and countess*. Ela nos paparica, nos afaga; impossível expulsá-la de nosso quarto. Suspeito que ela tenha passado várias noites com o ouvido grudado à porta, em busca dos suspiros que lhe faziam falta.

No banco, Béatrice é indicada para o departamento jurídico, enquanto eu vou para a gestão de patrimônios. A cada duas horas, temos direito a quinze minutos de pausa para o café. Nós nos encontramos com urgência no elevador e nos beijamos durante a pausa concedida. É mais do que o suficiente para chocar a América puritana e reafirmar a imagem que os autóctones fazem dos franceses. Dali em diante, eles só nos chamam de "*the French lovers*". Na rua, nossos jogos prosseguem e causam freadas bruscas, buzinas repetitivas, engarrafamentos e gargalhadas. Guardei até a lembrança de uma família de brancos pobres, da zona rural, com evidente consanguinidade, que ficou petrificada durante cinco minutos, o tempo de sumirmos de seu campo de visão.

Nossa senhoria reúne toda Louisville para um churrasco em volta da piscina, a fim de apresentar seus aristocratas apaixonados. Somos dois pombinhos sem gaiola e sem complexos. Tudo nos é agradável, contanto que estejamos lado a lado.

À noite, há um movimento que sempre apreciamos. Nós nos encaixamos um atrás do outro, "de conchinha". Eu seguro seus quadris e afasto seus cabelos da nuca. Numa sincronia perfeita, num instante que nos escapa, nós invertemos

nossas posições. Temos nossos abraços, nossos jogos, nossas confidências, e, num dado momento, a noite se organiza em torno desse simples balé. Depois do acidente, fico sempre deitado de costas. Ela põe a cabeça no meu ombro, me diz onde coloca suas pernas, seus braços; e eu tenho que imaginar a posição do seu corpo.

Por tanto tempo sofri por não poder acariciá-la, por não poder amá-la.

Ela se instala perto do meu pescoço, e minha noite se resume a essa esposa aninhada contra mim. Ela jamais reclamou. Ela, martirizada pelo câncer que a enfraquece dia a dia, e eu, paralisado dentro dessa ardência, nos reduzimos, ou, antes, ampliamos nosso amor a essas duas cabeças que se tocam carinhosamente à noite. Nós escapamos de nós mesmos.

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========

BÉATRICE

Assim que completa quatro meses esperando nosso primeiro filho, Béatrice tem sangramentos. Não me lembro mais do hospital, eu os confundo todos agora. Revejo o jovem doutor; ele se chama Pariente. Disso tenho certeza. Com imensa delicadeza, ele nos diz que não há com o que se preocupar em relação ao próximo filho. Choro na cabeceira de Béatrice. Será de fato pelo sofrimento dela? É ela que me consola. Moramos num conjunto habitacional em Porte d'Orléans; Béatrice já retomou sua vida de estudante com grande entusiasmo.

Durante a gravidez seguinte, os sangramentos começam no terceiro mês. Eles me entregam o feto dentro de um pote de vidro e me dizem para levá-lo ao laboratório. Por que guardei a lembrança de que ele ficava no meio do Bois de Boulogne? Vejo-me entrando num prédio. Uma mulher de branco me recebe. Deixo o frasco sobre o balcão. Ela não parece surpresa. Vou embora, desorientado.

Eles começam a fazer todo tipo de análise conosco. Enviam-me para um exame de esperma num laboratório especializado. Recém-casado, fico indeciso quando a enfermeira me entrega um tubo vazio e me indica uma porta. Entro, pensando encontrar um médico. Vejo-me num pequeno banheiro cheio de revistas pornográficas.

Após uma eternidade de vergonha, dever cumprido, entrego o frasco.

Nossos exames laboratoriais se revelam satisfatórios.

Conseguimos passar em Ciências Políticas e resolvemos nos preparar para os exames da ENA.

Béatrice está com 25 anos. No mês de março, ela fica grávida outra vez. Desta feita, a gestação evolui bem.

O bebê deve vingar; mas Béatrice sofre uma embolia. Ela resiste. O feto parece não ter sido atingido. Ela quer essa criança, mesmo que isso lhe custe a saúde. O diretor da clínica a defende rudemente na discussão com seu colega que quer tentar um anticoagulante, correndo o risco de provocar uma má-formação. A discussão acontece no corredor, e é ruidosa. Béa fica enojada.

Como podem dois médicos se esquecer de que no leito 21 há uma mulher linda, inteligente, que ama e que, fora dessa prisão, vale tanto quanto eles? Quando consegue finalmente se pôr de pé, ela percebe inclusive que é mais alta do que eles.

Eu estou ali. O quarto está sempre florido. Há frutas, livros, música e uma geladeira cheia.

Desisti de me preparar para a ENA, esqueci as necessidades da economia política, as últimas estatísticas, o cotidiano exterior. Nossa vida, a verdadeira, de carne e osso, está aqui. Devemos enfrentar as coisas juntos. Graças às equivalências dos cursos, eu me inscrevo no terceiro ano de História. Divido com Béatrice a vida dos primeiros navegadores árabes e lhe conto a história do oceano Índico nos séculos XIII e XIV.

São práticas as equivalências: conhecemos Ibn Battuta, mas ignoramos a cronologia dos reis da França. Obtenho meu diploma, mas perdemos a criança. Depois de sete meses de gestação, a hipertensão acaba com os movimentos do feto. Ele começava a se fazer sentir; devia ser um menino. Parou de mexer.

O mês seguinte é um pesadelo. O feto precisa encolher o suficiente para que Béa "dê à luz naturalmente". Os médicos lhe receitam longas caminhadas. Eu a acompanho, sempre. Ela está cansada, atordoada. Não fala mais, conserva seus óculos escuros, evita encontrar pessoas. À noite, acaricio longamente suas têmporas; ela chora até ficar anestesiada. Às vezes, deixa-se levar por gritos de ódio e revolta.

Depois de um jantar, as dores começam; nós nos encontramos no setor de urgência da maternidade. Béatrice diz que a criança está morta. Não há nada a fazer; é o mesmo tratamento dado àquelas que, após algumas horas de dor, conhecerão a felicidade.

Chegou o momento, angustiante, para esse ventre que se rasga. Ela me olha. Eu a olho e a encorajo. Ela não quer que eu veja. Pede um lençol. Nossas cabeças estão próximas, isoladas. Depois de urros intermináveis, o corpo de Béatrice relaxa. As dores surdas do coração e do corpo se fundem. Seus olhos se afundam, afogados em lágrimas.

Não temos tempo de nos recompor; um personagem grisalho entra sem se apresentar. Apressadamente, ele pergunta: "Como se chama o defunto?" Béa

perde o ar. Eu me precipito contra o intruso e o empurro à força para fora. Ele me explica que uma criança nascida após sete meses deve ser registrada no cartório, mesmo que não tenha sobrevivido ao parto. Respondo com gentileza a todas as suas perguntas absurdas, assino todos os documentos; ele fica satisfeito. Choro sozinho no corredor, tento me recompor e volto para perto de Béa. Eu falo calmamente para diluir seu sofrimento e esconder o meu. Ela acaba adormecendo. Permaneço a seu lado, numa poltrona gasta. Quando ela soluça, ponho minha mão em sua testa e lhe sussurro palavras ternas.

Na noite seguinte, nova embolia, nova reanimação. Permaneço a seu lado. Ela sente a cabeça rodar. Ruídos, luzes, conversas vagamente audíveis. Uma noite em claro, cansativa, sem manhã. Eu seguro sua mão o tempo todo.

*

Partimos para os Estados Unidos a fim de começar uma nova vida.

Indicam-nos um bom obstetra que nos prepara, de forma profissional, para uma quarta tentativa. Ele é gentil. Sua clínica é luxuosa. Temos a impressão de estarmos num local protegido, um lugar onde as desgraças não entram. Para seu grande espanto, a gravidez dura apenas quatro meses.

Nosso primeiro filho americano está indo embora. Falo baixinho com Béatrice. Depois, mais nada. Quando retomo consciência, as enfermeiras zombam de mim. Até Béa reencontrou um brilho sorridente em seus olhos cansados.

Béatrice sofre duas embolias pulmonares. Depois de vários meses, finalmente a deixam em paz. Ela é a sombra de si mesma, apenas seus olhos vivem. Vamos para a Martinica. Mal descemos do avião, corremos para alugar um barco, nos abastecemos de víveres e partimos.

Béatrice está deitada sobre o banco. Ela morre de rir quando começa a cair uma chuva quente; ela grita, encantada, quando o barco se inclina demais. Paramos no meio do mar, Béa se banha durante horas. Na única vez que cruzamos com outra embarcação, ela começa a dançar, nua. Em poucos dias, recupera suas formas e suas cores; seus olhos continuam risonhos como antes. Só guardo de Béatrice esses momentos de confiança.

O sábio doutor americano nos convence de que compreendeu tudo, que a única solução é recomeçar.

Um ano depois, pronto. Uma criança morre ao sétimo mês. Em caso de fracasso, havíamos decidido adotar. Iniciamos os procedimentos para obter um acordo preliminar ao parecer positivo que poderia nos abrir as portas de uma adoção... num prazo de cinco anos. Preparamos provavelmente o mais belo dossiê de adoção que o instituto religioso de Bogotá jamais recebeu.

Um médico efetua nosso check-up. Ele descobre algo de anormal no exame de sangue de Béatrice. Ele a coloca numa ambulância e a envia ao hospital de Cook-County, a fim de aprofundar as análises. O diagnóstico é confirmado. Tem um nome bárbaro que, até hoje, não consigo memorizar. É vulgarmente conhecido como doença de Vaquez — um câncer na medula óssea. Aparece em pessoas idosas e, com frequência, em homens. Segundo o diretor da clínica, até onde ele sabe há menos de uma centena de casos dessa enfermidade em mulheres jovens, como Béatrice, nos Estados Unidos. Eles seguram sua cobaia. Médicos de diferentes hospitais irão acolhê-la sempre com o mesmo interesse. Os velhos morrem disso. Ainda assim, conseguem prolongar por uma dezena de anos suas vidas: "Então, já é alguma coisa."

É um câncer dos glóbulos vermelhos. A hemoglobina se desenvolve com tamanha velocidade e intensidade que o sangue coagula. Com maior frequência, morre-se de embolia pulmonar ou cerebral. É preciso se submeter a uma quimioterapia para aniquilar os glóbulos vermelhos.

*

Fico embasbacado. Eles me falaram de câncer.

Ela está extenuada por causa de seu último aborto.

Quando me informam sobre o câncer, eu me perco. Tudo fica escuro, como aquelas noites em que fujo com mulheres, todas as mulheres, qualquer mulher.

QUERUBIM!

Em meio a toda essa loucura e sofrimento, um telefonema nos anuncia que um bebê, uma garotinha, nos aguarda em Bogotá. Béatrice se esvai em lágrimas à mesa de um restaurante francês superlotado, em Chicago. Ela precisa se ausentar para se recompor.

Nada me resta de todas essas semanas senão a vergonha da minha fuga. Depois, vem o dia em que Béatrice, em Bogotá, coloca Laetitia nos meus braços. É um lindíssimo bebê de três meses que me olha com grandes olhos espantados, talvez inquietos. Eu reencontro, nós reencontramos nossa respiração comum. Béatrice se encosta em meu ombro, acima da criança, e recomeçamos. É preciso recomeçar. Laetitia é uma maravilha. Béatrice voltou a apreciar o nosso amor. Reencontro o calor de seu corpo sofrido.

Sou nomeado diretor financeiro da filial francesa de uma grande empresa farmacêutica americana. É o retorno, inicialmente tímido, depois triunfal, com a criança prometida. Já faz cinco anos que deixamos a França. Nós nos instalamos na mansão da família. Béatrice volta à vida; Laetitia fica a cada dia mais bonita. Trabalho arduamente com meu jovem chefe, André, nosso amigo desde então. Ganho duas vezes menos do que nos Estados Unidos, mas que aventura! André sempre traz presentes para Laetitia quando trabalhamos em casa nos fins de semana.

*

Béatrice está com 33 anos. Está resplandecente.

OPERAÇÃO CORAÇÃO

Estamos voltando de Saint-Gervais de carro. Béatrice está cansada. Ela se deita no banco. Seus olhos estão fundos. Ela arqueja e acaba adormecendo. A estrada faz curvas, sua cabeça balança.

Dirijo até Paris, sem parar no caminho. Chegamos a casa; acordo Béa. Seus olhos continuam fundos, o olhar vazio. Ela sobe as escadas com dificuldade e depois vai se deitar. A noite se prolonga. Eu a observo em seu sono desconfortável. Na manhã seguinte, resolvemos consultar seu cardiologista. Ele diagnostica uma embolia pulmonar e faz com que seja internada com urgência.

Reservaram-lhe um lugar na UTI. Um dos sobrinhos do médico é o diretor da clínica. Que sorte!

Não temos tempo de passar em casa para dar um beijo em Laetitia. Hospital Saint-Antoine; esse nós ainda não conhecíamos!

Como de costume, tentamos fazer piadas. Cada um desempenha seu papel. Não chorar, não de imediato; nossa boa educação é mais importante: agradecemos à enfermeira, muito gentil. Para nós, é a repetição de uma experiência já vivida.

O sobrinho do médico está presente. Ele acomoda Béatrice; ela é duplamente prisioneira: de seu corpo e do regulamento hospitalar. Colocam-lhe um uniforme: uma espécie de camisola branca, diretamente sobre o corpo. Tudo está pronto, conexões, cadeados nas janelas — para evitar os suicídios —, nada de telefone, nada de televisão, nada de cor, pouco tempo de visita.

Eu não respeito nada. As equipes aprendem a se adaptar à minha teimosia; ninguém mais contesta minha obstinada presença. Na primeira noite, na hora em que devo deixá-la, levo a lista dos objetos que são aceitos. Tranquilizo Béatrice: sim, avisarei aos seus pais e aos meus; sim, darei um beijo na nossa filhinha de dois anos e meio.

Os médicos realizam os exames e confirmam a embolia pulmonar. Instalam Béatrice num quarto envidraçado, com iluminação permanente, conectam um aparelho de monitoramento cardíaco que pisca com uma luzinha vermelha e pelo qual desfila a linha de seus batimentos cardíacos. Põem uma sonda intravenosa que a alimenta e lhe transmite os medicamentos. Sob a luz de néon, a pele fica macilenta, o corpo, imóvel; lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Béatrice sofre seis embolias pulmonares e passa um ano nesse hospital. Vejo-a diariamente, mas sem nenhuma alegria. Eu não compreendo sua solidão. Não sei o que dizer. A angústia sufoca meu olhar. Chego de manhã, lá pelas onze horas. Ela fica contente em me ver, apesar de meu silêncio. Ao meio-dia, preciso sair, escapar. Estou na rua Saint-Antoine.

Descubro um bistrô antigo. A imensa patroa cuida do fogão. Seu marido, emagrecido pelo alcoolismo, só se exprime sacudindo os cotovelos e os ombros, como um frango. Sento sempre à mesma mesa. A patroa me serve uma entrada especial e o famoso prato do dia. O calor me entorpece. Eu me apago.

À tarde retorno para Béatrice sob a luz branca do hospital. Descrevo-lhe a rua, o bistrô, seus odores, o cardápio. Esse será o nosso ritual de um ano inteiro. Ela chora quando suas veias arrebentam e se faz necessário recobrir seus braços com compressas de álcool.

Ela se satisfaz com minha presença aniquilada e me observa o tempo todo. Às vezes, passo a noite com ela, para amainar seu medo. Na única vez em que pode sair, depois de passar meses na cama, ela se arruma toda, mas continua lívida. Caminha com dificuldade até meu bistrô. Parece uma garotinha, tudo a diverte. Quando saímos, ela vomita na calçada.

Eu trabalho sem cessar no escritório. Faço minhas dez horas alternadamente, inclusive nos fins de semana.

Ela espera mais de mim, sobretudo que eu a acompanhe em sua fé. Mas permaneço obstinadamente mudo. Somente minha presença a seu lado me protege da angústia. O doutor Slama estima ser imperativo colocar-lhe um *clip-cave*, um filtro acoplado sobre a veia cava inferior para evitar o surgimento de coágulos sanguíneos.

Após calcular o risco de uma embolia fatal e considerar a fraca probabilidade de consequências nefastas à operação, decidimos pela intervenção cirúrgica.

Eles prometem a Béa que a operação cardíaca deixará somente uma pequena marca. Entretanto, nunca mais ela se banhará de biquíni: a cicatriz começa no meio do esterno e desce até acima da nádega direita, formando um longo arco. Esse imenso traço violeta ficará com ela até o fim da vida. Serei o único a conhecer seu segredo.

Quando ela sai, finalmente, do centro cirúrgico, seus olhos estão fechados. Eu seguro sua mão. Nós ganhamos...

Anos de sofrimento.

*

Laetitia está com quatro anos. Passamos nossas férias na Córsega com os primos, num imenso barco a vela.

Apenas os seis comprimidos diários da quimioterapia nos lembram da doença de Béatrice.

Nesse dia, ela nada com sua filha. As duas riem e espirram água uma na outra. Ela está resplandecente. Quando rala o calcanhar numa rocha, Béa solta apenas um gritinho e sobe no barco para limpar o arranhão. Essa ferida nunca cicatrizará. É um "efeito colateral" que esconderam de nós.

O câncer de Béa torna seu sangue espesso, a quimioterapia o fluidifica. Uma úlcera começa a necrosar acima do tornozelo direito, depois no esquerdo. O câncer deveria nos preocupar mais. Entretanto, são essas úlceras horríveis que traumatizam Béa ao longo de sua doença. Ela fica hospitalizada em Paris em média seis meses por ano. Seus pais asseguram a presença permanente que eu tento suprir com todas as minhas forças. Ela tem sempre um sorriso para mim. Trago-lhe fitas cassetes gravadas por Laetitia, todas as correspondências que nos forçamos a responder, notícias do mundo lá fora.

Sua mãe, médica, fica revoltada com a tentativa de diversos doutores para "tratar" das úlceras. Uma verdadeira carnificina.

Béa chora de dor.

*

Essas imagens invadem minha memória amarelada pela nicotina. A fumaça do cigarro sobe para meus olhos avermelhados. Lembro-me agora de minha desolação e de minha impotência, na época desses acontecimentos.

Confrontado com a ausência de Béatrice e com meu corpo desconjuntado, me esqueço da raiva.

*

O doutor Fiessinger enfim põe um termo ao martírio de Béa. Ele faz com que ela seja tratada em casa e recomenda terapias tradicionais. Estas consistem em raspar cotidianamente as feridas com o escalpelo, até que as úlceras sangrem, etapa indispensável à reconstituição das células. Fico no quarto para as sessões matinais e vespertinas, mas não consigo olhar para aquele escalpelo. Aproximo meu rosto do dela, seco suas lágrimas. Quantas vezes ela me mordeu até sangrar, enquanto cortavam brutalmente sua carne? Alguns minutos depois, já passou, ela está em casa, entre os seus. Esse médico a devolveu à vida.

Agora, é preciso que eu a proteja.

La Pitance

O grupo Moët et Chandon me oferece um cargo confortável na região de Champagne.

Partimos para a bela "Pitance". Encostada na abadia beneditina de Hautvillers, do século VII, a propriedade é cercada por um parque com uma natureza generosa. Por trás da bruma do vinhedo ininterruptamente trabalhado pode-se ver lá embaixo o rio Marne. A luz brinca com a sombra das estacas das videiras como um quadrante solar multiplicado ao infinito.

Eu represento a décima primeira geração da família fundadora. A décima segunda, um bebê a quem chamamos Robert-Jean, se integra à família assim que chegamos a Champagne. Dessa vez, Laetitia nos acompanha na viagem a Bogotá. Ela ficará marcada pela miséria das crianças de sua idade, que pedem esmola, vestidas com trapos, nas calçadas.

*

Passamos onze anos em Pitance. Béatrice é a rainha do lugar; Laetitia, a princesa; e, logo, Robert-Jean, o herdeiro.

Apesar da doença de Béatrice e do trabalho exaustivo, vivemos todos os quatro alguns anos de felicidade. As estações se seguem umas às outras em torno da lareira, do piano, das plantações no jardim, das cerejas a serem colhidas, das centenas de rosas a podar, das geleias de ameixa, dos damascos e das peras de diversas espécies que Laetitia adora morder ainda no pé.

Sou nomeado diretor representante da Pommery, em Reims. De manhã, conduzo Laetitia por uma estradinha sinuosa e escorregadia que atravessa o bosque. Quanto mais acelero, mais ela abre o sorriso. Nossa brincadeira consiste

em frear só no último instante nas curvas, passar dos 160 quilômetros por hora assim que deparamos com uma reta e ultrapassar tudo que avança lentamente pelo caminho. Ela não quer que eu a deixe em frente à escola no meu belo carro. Deixo-a, então, na esquina, para que chegue anônima até seus colegas. Alguns fins de tarde, ela vem me encontrar no escritório. Apresento-a à equipe. Ela se acomoda a minha frente e "trabalha". Somos inseparáveis. Béatrice sofre com isso.

A última festa acontece quando nossa filha completa treze anos. Organizo um espetáculo de fogos de artifício que deixa Laetitia e seus amigos estarrecidos. Nenhum dos adolescentes dorme nessa noite. Seus gritos ecoam pelo vinhedo.

À época, Laetitia já é uma pianista de verdade. Vai participar de um concurso. Eu teria gostado, eu deveria ter assistido. Mas não pude. Retido no dia D por conta de obrigações profissionais, eu quebrei o pescoço.

TERCEIRA PARTE

O salto do anjo

AS ASAS QUEBRADAS

Béatrice está internada em casa, tranquila, na bela Pitance. Todos os dias, eu me levanto às seis e meia para correr. Saio de casa, sigo o muro da abadia, trotando, e tomo a primeira ruela que sobe, emoldurada pelas gárgulas e suas caretas. Eu as olho de soslaio. Radowski, nosso cão da raça teckel, costuma latir nessa subida. Um terreno plano à direita, ao longo da igreja, e mais uma subida para chegar à floresta. Já sinto as pernas fraquejarem.

O caminho volta a descer à esquerda, recupero um pouco o fôlego. Radowski está duzentos metros a minha frente. Ele me aguarda no fim da alameda. Seguimos por um caminho escarpado que separa a floresta das plantações. Dali, contemplo o rio Marne, lá embaixo, serpenteando no vale, frequentemente encoberto pela bruma. Estamos no telhado do mundo. No começo, corro cem metros e paro. A cada dia a distância aumenta; ao fim de um mês, consigo percorrer um circuito de três quilômetros sem parar, através da floresta e do vinhedo.

Pouco tempo depois, percorrer duas vezes o mesmo circuito não me basta mais. Então, certo dia, na orla das videiras, em vez de voltar, eu adentro a floresta, pela direita, uma encosta agreste e escorregadia. Em poucos meses, já consigo subi-la sem parar no caminho. Todas as manhãs, devoro dez quilômetros. Agora, é Radowski que me segue.

Em seguida, um amigo passa a me acompanhar. Ele brinca, é incansável; eu economizo minhas forças. No fim de semana, corremos vinte quilômetros e, logo, trinta. Um renascimento. Ainda pequenino, meu filho de sete anos trota sem esforço ao meu lado.

Hoje em dia, vejo-o partir, ágil, resistente. Eu lhe dei o gosto pelo esforço intenso.

Eu corri em todos os continentes do mundo.

Passo, então, a percorrer cinquenta quilômetros todos os fins de semana. Béatrice permanece deitada, as pernas ensanguentadas. Eu lhe trago o café da manhã, com pão fresquinho comprado no caminho de volta. Ela se ergue um pouco em seus travesseiros; beijo-a, encharcado de suor. Ela fica contente: estou lá para a primeira sessão de escalpelo do dia. Muitos anos antes, ela corria a minha frente no parque do lago Michigan, em Chicago. Eu fazia questão de ficar atrás, para vê-la rebolar. De vez em quando, eu estendia a mão para lhe beliscar a bunda, ela soltava um gritinho e aproveitava o pretexto para parar um pouco.

Passamos um mês de fevereiro na casa de amigos, em Chamonix, numa fazenda antiga. Descobrimos na penumbra inúmeros objetos, fotos e buquês secos.

Meu amigo Titi nos apresenta a seu cunhado, engessado dos dedos dos pés até os ombros. Ele se diverte lembrando seu acidente de parapente: um colega, decolando com um nó num dos cabos suspensores, é atirado contra a parede da rocha; o cunhado de Titi quer socorrê-lo, mas se arrebenta contra a montanha; seu amigo sai dessa apenas com alguns arranhões. Ele ri da bobagem que fez, como ainda ri de um acidente que lhe aconteceu dois meses antes, no comando de seu pequeno avião, com a filha de seu chefe. O motor se calou bruscamente no ar — um parafuso mal ajustado. Ele conseguiu alcançar o lago de Annecy, e atingiram a margem a nado. Sobreviveram graças a seu sangue-frio. Um louco gentil. Ele me inicia no parapente me jogando de um penhasco.

Eu corro e voo. Preciso de alguns anos e vários estágios de aprendizado para dominar todas as etapas do voo. Agora sou capaz de, a mil metros de altitude, mesmo abrindo mal minha asa, conseguir estabilizá-la pacientemente e restabelecer a situação a poucos metros do nível da água (conforme aprenderei mais tarde, a minha própria custa, é menos perigoso sobre a água!). Meus voos se prolongam. Aterrisso depois de cinco horas, exausto. Como é bom detectar por um farfalhar de folhas a bolha de ar quente, aninhar-se no seu interior até que ela nos solte, sentindo um frio na barriga, três ou quatro mil metros acima do ponto de partida! Gosto dos bútios, que indicam, eles também, as colunas de ar quente. De vez em quando, ao voar sobre seus ninhos, as fêmeas me atacam com seus bicos. Certa vez, sobrevoo o Mont-Blanc. É uma visão deslumbrante sob meus pés. Uma águia imensa passa por cima de mim.

Sou louco pelo parapente. Parto para a montanha com uma mochila. Paro ali onde a beleza me chama. No início, carrego até um boné e uma gravata. Perdi bonés demais e arruinei gravatas demais. Nesse momento, já fiz centenas de voos. Desenrolo corajosamente minha asa, enquanto os outros se alvoroçam. Observo o mato: meço os intervalos entre as bolhas de ar quente que vêm aplainá-lo. Antecipo-me à próxima, fazendo um simples movimento com o quadril para fazer subir a asa. Perfeito! Enquanto os outros amadores se lançam sacudindo dentro do buraco, puxo brevemente o freio e me elevo como um helicóptero dentro da bolha quente que eu previra.

Eu me oriento, mergulhando para frente a parte superior do corpo. Grito; sou uma águia. A extremidade direita da asa se ergue, estremecendo; movimento meu corpo, a perna esquerda se cruzando sobre a direita, a mão esquerda ligeiramente para frente, a direita um pouquinho para trás. Giro, giro e continuo girando, até que a coluna de ar quente me ejeta para o alto, bem acima de uma nuvem, na maioria das vezes. É proibido, mas eu adoro me perder no limite extremo da força de sustentação. Ninguém me segue assim tão alto. Saio de minha nuvem, escolho uma direção para ricochetear em outra coluna de ar quente. Eu me deito para trás, estico as pernas para frente para conseguir o melhor coeficiente de planeio e acendo um cigarro. Às vezes chego até a enrolar um cigarro. Ajusto os fones do walkman nos ouvidos. Quantos voos já fiz cantando *Norma* a plenos pulmões!

Eu voo infinitamente, milhares de metros acima dos outros parapentes, acima das montanhas. Dois Mirages passam sob meus pés. Um planador cruza meu caminho com um assobio vertiginoso. Assustei-me. Estou sobre a Suíça, sem passaporte. Mordisco uma barra de chocolate e mato a sede com um canudo preso a meu capacete. Não tenho mais vontade de descer. O rádio me chama; pensava tê-los deixado todos lá embaixo. É Étienne. Ele tem apenas dezesseis anos; está no solo, alguns milhares de metros abaixo de mim; ele identificou minha asa. Enrolo a alça de freio três vezes na mão direita, balanço o corpo bloqueando essa mão sob a cadeirinha e a asa mergulha cada vez mais rápido; agora está em posição vertical, e giro em volta na horizontal. Eu e a asa mergulhamos a toda velocidade num balé infernal. Mil metros, dois mil metros, três mil metros de queda vertiginosa, controlada. Ergo a mão algumas centenas de metros acima do eixo de aterrissagem.

Levanto então na cadeirinha, agarro com força todos os cabos suspensores, exceto os dois do meio; volto a me sentar, abaixo a asa que flutua lateralmente e

deixo inflar somente a parte central.

Lanço-me na direção do ponto de pouso. A vinte metros do solo, eu libero a asa movendo os freios; ela se infla outra vez a poucos centímetros do chão e me deposita, como uma borboleta sobre uma flor.

Eu vivo em três dimensões, como um anjo.

Um dia, me espatifei entre o mato verde e o inferno.

VOOS DESVAIRADOS

Estou deitado sobre a montanha, apenas um pouco dormente. Devo ter perdido a consciência. Max e Yves, meus companheiros de parapente, colocaram suas asas ao lado da minha. O doutor Max assume o comando: ele faz um buraco na terra diante do meu rosto para que eu possa respirar e alerta a estação pelo rádio. Não compreendo por que eles não me tocam. Falo com eles, minha respiração está calma, então por que me perguntam sem parar se consigo respirar? A grama entra em meu nariz, fazendo cócegas; eu espirro, eu rio. Max está furioso no rádio. Ele exige um helicóptero de Grenoble, não de Chambéry; no entanto, Chambéry fica mais perto. Yves fala comigo como se eu fosse uma criança; parece trêmulo. Tenho a impressão de que não consigo mais me mexer!

Mergulho outra vez na inconsciência. Uma balbúrdia me desperta. É o helicóptero que procura se estabilizar, enfrentando a força dos ventos. Um médico e um bombeiro saltam do veículo, que retoma altitude e continua nos sobrevoando. Não sinto nada. Habilmente, eles me transferem para uma espécie de concha, de costas; vejo o céu e a máquina. Eles vão me levar, os colegas e os outros vão ficar para trás. Chamo Yves, compreendi que há um problema. Peço-lhe que telefone para Béatrice imediatamente, diga-lhe que não é grave, que eu a amo, que ela sempre foi a única, que ela é minha luz. "Ligue para meus pais, diga-lhes para serem amáveis com ela, que não a deixem pegar a estrada sozinha." Durante dez anos, eles foram contra esse parapente; chegaram mesmo a dizer que não cuidariam das crianças se houvesse um acidente. Béatrice chora, eu deveria reagir, mas sou culpado. Choro ao lado de Yves, quero que ele repita esse recado para meus pais: "Cuidem dos meus queridos." Yves me acalma, dou-lhe o número do telefone da minha secretária para que ela cancele todos os compromissos previstos para aquela mesma noite na Itália, no dia seguinte na Suíça e no outro na Alemanha.

O helicóptero lança um cabo. Antes de ser içado, peço desculpas a Yves por ter estragado o dia. Balanço nos ares, o copiloto se inclina para me segurar e me puxa para dentro. Na carlinga, o ruído é ensurdecedor. Colocam-me uma máscara de oxigênio.

Em Grenoble, aterrissamos no heliporto sobre o telhado do hospital. Sou carregado às pressas para a sala de anestesia, rostos se inclinam sobre mim, conversamos. Um homem — deve ser o cirurgião — interrompe o papo-furado dizendo: "Vamos, é urgente!" São as últimas palavras que escuto durante muito tempo.

Ficarei sabendo mais tarde como foi difícil a operação. Béatrice e meus pais conseguem chegar ao hospital em algumas horas; são recebidos pelo cirurgião. "Ele tem uma chance em cinco de se salvar."

Depois da operação, meu corpo se recusa a respirar. Induzem-me a um coma artificial durante um mês, de modo que o respirador se imponha sem ser rejeitado pelo organismo.

Durante todo esse mês, Béatrice fica a meu lado, me contando histórias, o que muito irrita os cirurgiões, que consideram isso tudo inútil. Béatrice prossegue, incansável. Ela organiza sua ofensiva para me tirar de lá. Entra em contato com Fred Chandon, meu *big boss*, e André Garcia, o ex-chefe que se tornou meu amigo. Eles conseguem que eu seja admitido no hospital de La Pitié-Salpêtrière, em Paris. Fico lá por mais de dois meses.

Mais alguns dias de coma e o doutor Viars opta por um "parêntese médico". Isso consiste em suprimir de um dia para outro todos os medicamentos administrados, incluindo aí as oitenta cápsulas de Imovane que me mantêm em estado de coma.

O choque é violento. Durante uma semana, oscilo entre 40 e 41 graus de febre. Uma hepatite se manifesta, mas, aos poucos, eu "retomo consciência".

Volto à terra sob os olhos de Béatrice, curvada sobre meu berço de vidro; não me lembro de suas palavras, só de seu olhar. Durante várias semanas, flutuo em um mundo imaginário.

Béatrice organiza o desfile permanente dos entes mais próximos. Eles vêm se inserir nos pesadelos que me habitam.

*

A realidade das minhas visões é tão forte que tudo se integra num mundo virtual.

Estou a bordo de uma pequena embarcação a motor. Minha corrida termina a remo. Atraco bem do outro lado do meu quarto de hospital. Depois, um barulho ensurdecedor me transfere para a fuselagem de um Mirage 40 pilotado por um espanhol. Mais tarde, fico sabendo que a assistência médica pública contratou um espanhol para reduzir custos. O piloto deve me fazer transpor a barreira do som num voo apressado para fora do território francês. Todos os dias eu embarco nessa máquina. Volto dali esvaziado, mas descansado. Finalmente, o helicóptero me deixa no Egito, a leste de Alexandria.

O maqueiro do hospital me leva para visitar os bairros da cidade. Ele me instala num café que lembra muito uma taberna medieval. É uma grande sala de madeira disposta como um centro comercial de vários andares. As pessoas vêm se amontoar ali para comer pratos chineses e frequentar os banhos turcos. Outros, como eu, estão estendidos num espaço reduzido. Alguém nos oferece o narguilé.

O maqueiro me leva para a sala dos banhos, em cerâmica branca. Os jatos de vapor passam acima da minha cabeça. Tento me erguer sobre os cotovelos, mas escorrego na direção do ralo, no meio da sala. O maqueiro me deixou. Berro para me livrar da aspiração, mas é em vão.

*

Milagres, delírios. Quando abro os olhos, não tenho mais corpo!

*

Minha irmãzinha Alexandra está ali; está aterrorizada com alguma coisa. Sua fala sai entrecortada pelos soluços. Ela vai desaparecer, lívida. Nesse preciso instante, seu amigo Léo e um bando de drogados invadem o lugar. Matam a enfermeira com armas brancas, se precipitam sobre o armário de remédios,

apoderando-se de seringas e de medicamentos. Num ranger de unhas, todo mundo desapareceu. Devo ter sonhado. Mas, no dia seguinte, ouço no rádio que a polícia cerca um grupo de bandidos perigosos que dançam, vociferando em volta de uma moça; ela tem uma faca enfiada nas costas. Ainda não puderam se aproximar da vítima. É Alexandra. Eu grito.

*

O primo Nouns veio; ele virá todos os dias durante meu encarceramento. Como de costume, me conta histórias hilariantes. Rio tanto que quase faço explodir os tubos. Meu irmão gêmeo Alain o sucede; o estalar dos sapatos, o busto inclinado sobre o leito envidraçado, a saudação militar: "Resista, meu i-i-irmão!" Ele se endireita ligeiramente, seu mutismo se instala, em posição de sentido. Béatrice aparece. "Dispersar!" Pelo calor de seu olhar, eu sei que vivo. Ela me toca. É a única a se inclinar para me beijar onde der.

*

Estamos em nosso parque em Champagne. Emmanuel, o padrinho do meu filho, formado na escola politécnica, e sua agradável esposa chinesa, Marie, estão lá. A noite cai, arrepiante. Quando, de repente, das orelhas de Marie sai uma multidão de pequenos chineses. Marie os reagrupa. Emmanuel esboça um sorriso amarelo. Ele explica que deu um comando errado em seu computador. Ele me dá a entender que uma guerra mundial se desencadeou devido a uma intervenção dos computadores. Pulgas devoradoras escapam das telas e atacam as máquinas inimigas. Emmanuel dá as últimas notícias do front. Na verdade, foram os tibetanos que, do alto de suas montanhas e debaixo de seus salários, começaram as hostilidades. Resolvemos então, Emmanuel, Marie, seus chinesinhos e eu, seguir para o Tibete. De início, um rapaz simples, auxiliado por sua mulher e pela mãe, montou uma pequena sociedade de pulgas revolucionárias. Os militares chineses os fizeram prisioneiros, e os infelizes trabalham noite e dia para abastecer seus carcereiros. Após extraordinárias aventuras, nós escapamos do Tibete e vamos todos nos instalar em Nova York. A guerra parece se esgotar, faltam pulgas. Bruscamente, A. B., presidente-diretor-geral da KULG, invade nossos escritórios com um bando de gorilas. Ele é de uma delicadeza extraordinária. Interessa-se pelos trabalhos de Emmanuel e de nosso amigo. Atrás dele, uma mulher rabugenta com forte sotaque espanhol lhe grita várias

atrocidades. A. B. exige ficar com a maior parte de nossa sociedade. Há uma educada recusa. Eles cortam o pescoço da velha mãe. Nosso amigo tibetano — de cujo nome me esqueci — se esvai com um sorriso de compaixão, após ter realizado um haraquiri à tibetana. Os sobreviventes são aprisionados. A guerra recomeça.

Estou suspenso dentro de uma jaula no teto do quarto onde dorme Isabelle Diange, a amante de A. B. Ela está cercada de jovens drogados; orgias se sucedem ao som da fascinante música de um protegido de A. B. De vez em quando, acionada por um sistema de polias, minha jaula desce até bem em cima da cama de Diange, que me aguarda, suntuosamente esquartejada. Eu a penetro sem sair de seu interior. Meu Deus, como consigo? Às vezes, eles me jogam amendoins. Ela está amando outro, um cantor de primeira. A. B. está furioso e, sobretudo, arruinado.

De repente, há uma enorme explosão. Segue-se um silêncio pesado. A ruína de A. B. deve ter desencadeado um átomo específico. Os cadáveres se acumulam no chão. São azuis, sem ferimentos aparentes, exceto por suas monstruosas expressões. Morreram de frio, e esse frio agora se abate sobre os sobreviventes. Encontro Béatrice e as crianças; nós fugimos de trem, em busca de calor. Diante de nós, A. B. está sentado, menos azul, vestido com um casaco espesso. Todas as paisagens estão desoladas pelo gelo.

*

Os mortos são jogados pelas janelas. Béatrice não consegue se manter aquecida; suas olheiras e lábios estão roxos. Puxo o sinal de alarme, a porta na neve rígida; as crianças seguem em fila indiana. Encontro um casebre de barro, cercado por pilhas de lenha cortada. Ficamos diante do fogo durante alguns anos. Apesar do frio persistente, o tempo melhora. Um dia, nosso filho, que desde então já mudou de voz, descobre pela janela uma florzinha branca. Um galanto. Precisaremos esperar três anos para que a terra se cubra de junquilhos amarelos, a cor favorita de Béatrice. Voltamos para Paris.

Nada mudou, estou de novo no meu leito de hospital. Certo dia, tenho a impressão de ver Reynier entrar no quarto chorando. Será por mim, por ele mesmo ou por esses terríveis acontecimentos que ele chora? Não sei, ele nunca mais voltou.

Retomo consciência das circunstâncias do acidente.

Quem é esse homem que tira Béa de mim e a leva para um chalé?

Minha prima Catherine me apresenta a um casal de pesquisadores. Ambos são magros e parecem guardar em si uma tristeza profunda.

Eles desenvolveram um complexo sistema eletrônico que permitiria reconstituir as células da medula. Trouxeram apenas parte dessa extraordinária máquina que regenera calcanhares e pés.

Quero experimentá-la imediatamente. Eles envolvem meu calcanhar esquerdo com um molde de plástico branco; inúmeros fios saem dele, conectados rapidamente pelos nossos dois cientistas a uma caixa que lembra um carregador de baterias. Quando tudo está pronto, eles esperam meu sinal. Nada mais tenho a perder. "Vamos lá!" No início, nada sinto, depois surge um ligeiro formigamento. As picadas se intensificam, se degenerando em crepitação. No momento em que o cheiro de carne queimada chega a mim, eles desligam o aparelho. Guardam o molde dentro da caixa. A moça me massageia o calcanhar com um unguento esverdeado. Nenhuma palavra. A prima Catherine parece atordoada. Um frêmito se apodera do meu dedão do pé; ao cabo de um instante, consigo dobrar todos os cinco dedos e girar o pé em torno do calcanhar.

Que maravilha!

— Como é possível que não conheçam essa técnica de vocês?

— Estamos em fase experimental — diz a jovem pesquisadora. — Ainda não terminamos o protótipo completo para tetraplégicos, mas daqui a seis ou oito semanas devemos apresentá-lo à Comissão de Hospitais de Paris.

*

O tempo passa; divido com Béatrice a preocupação que me inspira o silêncio dos dois pesquisadores. Com muita paciência, Béatrice consegue entender que eu conheci duas pessoas por intermédio de Catherine. Ela volta no dia seguinte e me diz que Catherine não sabe de quem estou falando.

Fico corado, como quando era criança e me pegavam mentindo. Engasgo. Béatrice procura me reconfortar, dizendo que irá conversar novamente com Catherine.

*

À noite, a enfermeira me explica que mudaram meu tratamento e aumentaram as doses de Prozac.

No dia seguinte, custo a acordar; sinto-me entorpecido. Nem meu pé esquerdo reage mais.

*

Béatrice tenta despertar meu interesse contando histórias da família, lendo jornais, ligando a televisão no canal do hospital, mas em vão.

*

Certa noite, saio da minha letargia ao ver na televisão os dois pesquisadores se exprimindo com veemência; não compreendo imediatamente do que estão falando; tenho a impressão de que não é uma transmissão ao vivo, de que uma fita de vídeo se sobrepõe a um programa.

Estão ainda mais magros. Eles se insurgem contra a direção dos hospitais de Paris, que lhes recusam a palavra. Tento obter com a supervisora-geral uma cópia da fita. Ela faz de conta que não me entende. No entanto, eu não sonhei. O maqueiro me confirma: ele mesmo acabou de vê-los na tela da televisão.

À noite, voltam a aumentar minhas doses. Meus momentos de lucidez são mais esparsos.

Eles podem curar a todos nós que gememos em nossas traqueotomias. Toda essa gente que passa meses e meses no hospital vai recuperar sua liberdade.

Certa noite, mal consigo respirar; o ar fornecido pela máquina não passa mais pela traqueotomia; chamo a enfermeira apertando o botão com a cabeça. Ninguém aparece. Insisto. Em vão. Vou morrer sufocado.

Devo ter perdido a consciência. Quando abro os olhos, o dia está nascendo; a troca da equipe acontecerá dentro de uma hora. É preciso que eu resista até a chegada do maqueiro. Quando entra no quarto, ele se precipita ao compreender a

situação e restabelece a circulação de ar.

Durmo o dia todo. À noite, no leito de vidro vizinho, colocam uma moça com uma longa cabeleira preta. Ela urra de dor. Pelo que posso ver, não tem mais as pernas. As injeções a fazem calar. No fundo da sala comum, uma luz se apaga, depois outra. Voltam a acender a primeira.

As luzes se acendem e se apagam em torno de mim.
O jogo para quando minha lâmpada se apaga.

Verifico com o olhar: o respirador ainda funciona; deve estar conectado numa tomada independente. A moça de cabelos pretos e dois outros pacientes morrem.

Nenhuma dessas informações deve vazar. A partir de então, a impressão de que sou alvo de um complô não me abandona mais. Eu me sinto culpado, a cada vez que a equipe médica mantém o maior silêncio na minha presença. Tenho a impressão de ameaçá-los, involuntariamente. Eles eliminaram os pesquisadores, passo a ser a única testemunha de suas façanhas.

*

Uso o computador para enviar uma mensagem a Béa. Duas horas mais tarde, esgotado, termino meu S.O.S. Adormeço. Acordo surpreso, após uma noite tão tranquila.

Béa chega, eu lhe faço sinal para pegar o disquete e lê-lo fora destes muros: poderiam pegá-la em flagrante. O dia passa. Começo a duvidar dos fundamentos das minhas inquietações. Acabo cochilando.

*

Após o jantar, sou acordado por um alvoroço ensurdecedor. Escuto vários barulhos de passos. Gritos, ordens, móveis derrubados, creio até identificar o tiro de um fuzil-metralhadora. A porta se abre violentamente, uma tropa penetra no meu quarto, toma posição em volta da cama. Estão vestidos como integrantes do batalhão de choque. Todos com seus sessenta anos, pelo menos.

Finalmente, entra meu sogro. Ex-prefeito departamental, ele logo conseguiu tomar medidas para me proteger e convocar seus camaradas da polícia secreta francesa.

*

Béatrice está aqui. Ela me fala das crianças.

*

Meu sogro dispõe suas tropas no corredor e logo abaixo de meu quarto. Uma batalha tem início, seus homens conseguem resistir. Por medida de segurança, eles me transportam para o alto de um carvalho no jardim. Estou suspenso em uma rede. Atiradores posicionados no telhado do hospital abatem um de meus guardas antes de serem eliminados por uma granada. A mídia chega, aos montes. Cercam o campo de manobra. Eu falo num microfone e peço a intermediação do primeiro-ministro; este logo chega, muito bem escoltado. Ele ordena o fim dos combates. Eu exijo que os pesquisadores tenham a possibilidade de tentar me operar. Um apelo internacional é lançado. Alguns dias depois, a jovem pesquisadora aparece, metamorfoseada sob óculos escuros e cabelos tingidos. Ela é içada sobre o carvalho com seu equipamento. Está fraca. Os conflitos recomeçam no momento em que ela se certifica de que uma tomada elétrica lhe foi reservada no hospital. Quando cai a noite, tremendo, ela termina as conexões. Foguetes luminosos clareiam a cena. Antes de ela apertar o comando, abraço meu sogro, agradeço-lhe, peço-lhe que proteja Béatrice e as crianças.

A moça empurra a alavanca, eu fecho os olhos. Nada. Nada acontece. Depois, repentinamente, uma fulgurante bolha de faíscas. Desmaio.

*

Estou em meu leito do hospital, imóvel. Béatrice está a meu lado e fala das crianças. Os soluços me sufocam. Béatrice pergunta se sinto dor.

"Não tenho resposta para a sua mensagem porque, por um erro, apaguei o que havia no disquete."

Tudo desaba. Entro num profundo mutismo. Finalmente, certa noite, devorado pela culpa, incapaz de aceitar minha condição, aterrorizado pela loucura que toma conta de mim, decido me apagar. Mas um tetraplégico dificilmente consegue se suicidar.

Sou bem-sucedido em enrolar o tubo de oxigênio em volta de meu pescoço.

Forço a cabeça para trás. Perco a consciência. Uma claridade viva me desperta. As enfermeiras, alertadas pelo alarme da máquina, me reconectam, como se nada houvesse acontecido. A partir daí começa o silêncio.

KESPAPE

Já faz mais de um ano que estou deitado. Béatrice cuida de mim sozinha e com suas últimas forças; juntos, somos um só. Com nossos corpos martirizados, somos os queridinhos de Kerpape, o centro de reabilitação situado no litoral da Bretanha. Ela está linda. Ando sobre a água neste mundo de barcos naufragados. A nossos pés, o mar embala nossos sonhos. O hemograma de Béatrice se encontra em estado estacionário, "uma pausa" que os médicos não sabem explicar. Ela me acompanha em todos os meus deslocamentos, me encoraja em todos os exercícios. Nossos dias são sempre cheios.

Precisei de meses para aprender a me sentar; eles me estendem sobre uma mesa de verticalização, numa sala repleta de vidraças que dão para o Atlântico. Dia após dia, aumentam em um grau a inclinação, até que, triunfante, eu me encontro de pé, preso a essa mesa, e enfim posso olhar o fisioterapeuta e os auxiliares de enfermagem nos olhos. Acabou essa visão de orifícios nasais! Uma vez verticalizado, é possível postar-me numa cadeira de rodas.

Estou quase deitado na cadeira de rodas, o controle remoto sob o queixo. Rapidamente, me torno um ás do volante e rivalizo com as intrépidas crianças do centro de reabilitação. Essa juventude, mesmo sofrendo de maneira atroz, ri e é feliz. O riso deles contamina os adultos. Como não se deixar conquistar pela imensa esperança que reina neste centro? Cada paciente é um caso único. Na base da hierarquia, os "joelhos", aqueles que voltarão um dia a andar. Eles se colocam à disposição dos tetraplégicos, seguramente no ápice da paralisia. Outros estão dentro de uma torre de gesso; têm estruturas metálicas visíveis sobre suas cabeças. São tão frágeis que foi preciso cimentá-los. Um deles, um africano, ria tão alto, com seus grandes dentes brancos, que acabou caindo lentamente para trás. Não houve meio de impedir. Ele se espatifou no chão. Deu para ouvir o barulho do gesso e das ferragens contra o chão; ele sobreviveu.

Béatrice tem uma palavra gentil para cada um; às vezes, ela passa um tempo

com os que estão deprimidos. É fácil saber quando estão nesse estado: ausentam-se da cantina e preferem ficar sozinhos para chorar em seus quartos; então ela procura saber se pode fazer-lhes uma visita. O pessoal de enfermagem é de uma delicadeza e de uma gentileza inimagináveis no meio hospitalar. Os pacientes ficam ali por muito tempo, em média um ano; Christophe já está aqui há cinco anos. Contraiu um vírus quando era bem jovem; atualmente, ele é tetraplégico como eu; durante o dia todo, sente frio e não desgruda do aquecedor preso à parede. No verão, quando o sol bate nas vidraças, ele pode ser encontrado atrás de uma delas, transpirando, mas gelado. Os tetraplégicos têm esse problema: desregulação térmica. Apesar das queimações neurológicas que me consomem na superfície, sinto frequentemente frio nos ossos. Tenho a impressão de ser um bife recém-saído do freezer que acaba de passar rapidamente por uma frigideira ardente e que se come ainda duro de gelo. Muitos fumam para se aquecer; aqueles com traqueotomia fumam pelo orifício em suas gargantas.

Quantas camisas, calças e cobertores eu já estraguei assim, insensível, até sentir o cheiro de carne queimada!

Demos um apelido a cada um dos auxiliares de enfermagem ou enfermeiros: Jaja do meu coração; Diga-me Disse; Cri-Cri; Do; Marie-Laine; Jo — e outros: Annick dos beijos fogosos; Brigitte Cândida; Yo-Yo Perfumada; Beatitude; Sophie, a Ruiva; Françoise, minha Irmã; Louis, o Druida; Jojo, o Papai; Joël, o Quintal; Jean-Paul, o Doutor; Busnel, o Big Boss.

Todos são anjos.

Os tetraplégicos não têm mais músculos peitorais. Respiram com dificuldade pelo diafragma. Precisei de meses para controlar os reflexos necessários a esse tipo de respiração; há alguns que não conseguem. Ficam permanentemente conectados a uma máquina.

A água da piscina fica a 33 graus, para não sentirmos frio. Tenho a impressão de ser um astronauta em gravidade zero. Nada me retém, eu poderia ficar de cabeça para baixo, sem conseguir reagir. Duas boias me sustentam sob os braços e outra em volta do pescoço. Minhas dores parecem abrandar; eu flutuo, a água acaricia meu rosto. O barulho das crianças ressoa; eu me deixo levar por um suave torpor.

Na hora da refeição, na cantina, as personalidades fortes se revelam; de uma extremidade a outra da sala, contam-se histórias engraçadas. Todos os dias, um paciente toma "o caminho errado": enche o pulmão, em vez de encher o estômago. Pode-se morrer disso. Os auxiliares médicos se precipitam. Os demais aguardam, em silêncio. Quando a situação fica sob controle, as risadas recomeçam ainda mais fortes. Todos têm consciência de sua fragilidade. Cada um respeita o sofrimento do outro. Existe entre nós uma autêntica fraternidade. Por duas vezes, minha cadeira de rodas começou a avançar sem que eu pudesse controlá-la. Fui arrastando a mesa até a parede. Um grito apavorado ecoou, mas ninguém se feriu.

Nossos filhos frequentam a escola de Larmor-Plage. Eles fazem parte da grande família de Kerpape.

Quanta tristeza para todos esses jovens, geralmente apaixonados, noivos ou recém-casados, que acabam sozinhos. Com frequência, são os homens que abandonam suas mulheres quebradas. Mas também há vezes em que são as mulheres que não suportam.

Idílios são tramados entre cadeiras de rodas. Há uma moça alta, toda curvada, que foi abandonada pelo noivo. Tenho quase certeza de que a metade da sala está apaixonada por ela. Ela é triste.

Não paramos nunca no andar dos traumatismos cranianos. Eu vi passar em silêncio uma mulher, seus quatro filhos pequenos e seu marido. De repente, o homem começou a berrar, fazendo gestos violentos; estava fora de si. A mãe chorava, as crianças se agarravam a ela. Foi preciso levar o marido dali. O paciente com traumatismo craniano é o próprio inferno. Praticamente não muda de aparência, apenas de natureza.

No hospital, eu descobri a miséria da dor, a solidão dos estropiados, a exclusão dos velhos, dos não produtivos, a perda da inocência de tantos jovens. Até que o acidente me fizesse entrever a imensidão desse sofrimento, eu estava protegido dele! Alguns jovens passam um ano nesse tipo de clínica. Não têm televisão, rádio, nem visitas. Eles se escondem para chorar suas aflições, suas culpas, o sentimento de uma extrema injustiça.

Cyril sofre de uma doença degenerativa não identificada. Ele morre lentamente em sua pobre cadeira de rodas. Certa noite, ele dá um show.

Estamos entre nós. Cyril está no palco. Choramos de tanto rir de seus esquetes. Com os gestos bruscos, por causa de sua imensa fadiga, ele começa um striptease. Termina nu em sua cadeira, da qual removeu todos os acessórios, até mesmo as rodas, já que a Assistência Social não pode pagar por elas.

Ficamos rindo até tarde da noite, com Cyril e os outros. Béatrice se colou a mim em minha cama pequena. Ela adormece sobre meu ombro. Nunca estivemos tão tranquilos. Nossos amigos cuidam das crianças.

Teríamos sofrido menos se não tivéssemos acordado.

*

Béatrice está extenuada. Faz dezesseis meses que não sai de perto de mim. Sua doença parece ter cessado. É uma armadilha; quanto mais Béatrice se desgasta por mim, mais cara se torna a conta.

Estou bem em Kerpape. Béatrice é amiga de todo mundo, nossos filhos se dividem entre os pacientes. Continuo acompanhando os negócios da empresa. Tomo decisões; tenho a impressão de estar no comando. Béatrice precisa descansar. Ela tem de mudar de ambiente, recuperar seus pontos de referência. Ela não quer me deixar. Eu insisto. Convenço-a a passar três semanas na Córsega. É um desastre para ela, assim como para mim. Eu não havia entrado em luto pelo meu corpo, só resisto graças à sua presença. A depressão se instala. Eu me afundo em minha cama. Perco o uso da palavra.

Ainda não atribuí sentido ao acidente. Depois da partida de Béatrice, um silêncio turvo se instala. Os psicólogos tentam me reconfortar. Terei me esborrachado para escapar dos últimos sofrimentos de Béatrice? Terei oferecido minha cabeça numa bandeja à empresa que, pela primeira vez em cinquenta anos, exige que façamos centenas de demissões? Para mim, que sempre busquei os extremos, não seria isso senão uma aceleração a mais, a derradeira? Terei desejado me aproximar de Béatrice, partilhar seus sofrimentos, viver suas angústias? Talvez. Na sua ausência, eu não existo.

Não tenho mais vontade, ou desejo algum. Somente o hábito me mantém em levitação sobre o leito fluidificado. Queria dormir, mas não consigo. Pensamentos me atormentam. Tantas vezes a carreguei para aliviá-la; tantas vezes fugi dela, também, arrebatado pela angústia. Como pude ser assim tão covarde? Eu queria desaparecer.

De suas cartas cotidianas transborda a angústia. Ela teme não poder resistir; as crianças são turbulentas, ela se sente terrivelmente sozinha naquela montanha corsa onde a alegria já não existe. Os carinhos, a ternura de uma mão, a cabeça de uma criança sobre o ombro, algum dia voltaremos a viver isso?

Temo por ela, sozinha em seu esgotamento. Conseguiremos um dia reaver a confiança?

Nós nunca havíamos considerado a possibilidade do desastre.

ABDEL É CONTRATADO

Após um ano de reabilitação na Bretanha, deixamos La Pitance. Béatrice nos instala num belo apartamento térreo com jardim, bem no coração de Paris. Ela cuida das reformas e da mudança. Meu sogro se dirige aos serviços do Exército para que Jean-François, jovem legionário ferido na guerra do Golfo, me auxilie em todos os deslocamentos. Ele é taciturno. Vive com um cão pastor. Tudo corre bem durante três meses, até que Béatrice volta a ser hospitalizada. Peço a Jean-François que passe para me apanhar no hospital às oito horas da noite. Às onze, ele ainda não chegou. Finalmente, aparece e, sem uma palavra, me instala sem cuidado nenhum em sua caminhonete adaptada para deficientes físicos. O trajeto é feito *à la* "Pozzo, o retorno". Ele não para em nenhum sinal vermelho. Minha cadeira de rodas desliza de um lado para outro dentro de seu vagão de bois. De repente, no sinal verde, ele puxa o freio de mão, num cavalo de pau, e sai bruscamente do veículo, ainda sem dizer nada. Ele espanca os dois ocupantes do carro que teria tentado nos ultrapassar durante seus zigue-zagues. Volta para o carro, definitivamente mudo, para me "reconduzir" para casa. Imobilizado, fico furioso, impotente; espero até que ele me ponha na cama para lhe dizer que seus serviços não são mais necessários.

Com dignidade, ele me explica que voltou a beber. Nós nos separamos em bons termos.

Abdel é o primeiro a se apresentar, respondendo ao anúncio passado pela agência nacional de emprego. No total, aparecem noventa candidatos, dos quais apenas um é francês; procedo por eliminação e mantenho somente Abdel e o francês. Cada um terá uma semana de teste. Sinto em Abdel uma personalidade, uma inteligência diante das situações e alguma coisa de quase maternal. Além disso, ele cozinha bem, ainda que faça a maior bagunça.

O francês comete o infeliz erro de me dizer que introduzir um muçulmano em casa é como abrir a porta para o demônio. Ele não deveria ter dito isso, pois

contrato Abdel no mesmo dia. Providenciamos para ele um conjugado de vinte metros quadrados no último andar. Ele é bem pago, e ainda tem casa, comida e roupa lavada. É a primeira vez na sua vida, me confessa ele um dia, que é tratado com respeito. Já teve bicos muito mal pagos. Como ele tem um orgulho sem limites — algo que descubro depois —, acontece-lhe de bater a porta na cara de seus empregadores logo no primeiro dia, agredindo-os se necessário para lhes ensinar boas maneiras.

Só uma vez ele me falou de seu trauma de infância. Vi então em seu rosto lágrimas de frustração. Seus pais tinham mais de dez filhos. Eles o "deram", quando tinha três anos, para um tio por parte de pai, sem filhos. Era, ao que parece, uma tradição na Argélia. Ele nunca conseguiu aceitar isso. Indomável solitário, sente-se bem acolhido em nossa família.

Ele tem raiva do mundo inteiro. Mede 1,70 metro e, para compensar, desenvolveu uma força incomum. Bate em qualquer um que lhe "falte com o respeito", seja homem ou mulher: "Não se bate em uma mulher", digo-lhe. "Ela não devia ter me chamado de árabe nojento."

Ele não menciona, é claro, o fato de ter acelerado enquanto ela atravessava na faixa de pedestres, de ter lhe dado uma fechada ou de ela não ter correspondido à sua paquera.

Algumas mulheres rejeitam suas investidas. Mas fico espantado com o número daquelas que caem na sua conversa. Já vi até algumas escreverem o número de telefone sobre a palma da mão na presença do marido — o que, aliás, não incomoda Abdel. Outra aceitou suas cantadas na companhia da mãe e da filha.

É preciso dizer que ele é hilariante e possui um atrevimento que deve mexer com o instinto protetor delas, mesmo que mais pareça um diabinho.

Certa tarde, ao telefone, uma mulher uiva em prantos. Eu a acalmo e depois peço que me explique seu problema. Não acredito no que estou ouvindo. Ela encontrou Abdel pela primeira vez naquela tarde. Pediu-lhe que a convidasse a um restaurante. "Sem problemas", ele respondeu — o que é surpreendente, pois Abdel se recusa a ter despesas com suas conquistas.

Ele parou por "acaso" ao lado do cemitério de Père Lachaise e lhe pediu um "aperitivo". A moça, que não parece ser inexperiente, me descreve com pormenores o exercício a que se entregou, a fim de satisfazer à necessidade urgente do nosso adorável malandro. Assim que se alivia, ele lhe pede para pegar algo que está no porta-malas do carro... E arranca, cantando os pneus,

abandonando-a. Prometo à encantadora moça que vou dar uma bronca em Abdel.

Abdel chega. Eu lhe conto num tom reprovador o testemunho que acabo de ouvir. Ele leva dez minutos para parar de rir como um louco e conclui que economizou na refeição e na bebida. Ele me conta vários casos parecidos, até que eu o interrompo, enojado.

Só há uma mulher capaz de aterrorizá-lo: minha querida Laetitia. Tenho que telefonar pessoalmente para o quarto dela para não obrigar Abdel a bater em sua porta. Jamais, ele me diz, uma moça o tratou assim; o que lhe faz muito bem.

Quanto a suas relações com os homens, elas se resumem à lei do mais forte.

Ele estima que, neste mundo podre, é preciso ser o mais perverso.

Certa tarde, Abdel estaciona perto de nosso prédio, diante da garagem de um vizinho. Ele volta ao apartamento para trancar a porta à chave. Eu estou dentro do carro; Laetitia está sentada no banco do carona. Aparece um carro com placa do corpo diplomático: o vizinho. Ele começa a buzinar com veemência. Isso não acelera em nada os movimentos de Abdel. Ele chega a verificar se estou bem instalado na minha cadeira. O outro, vermelho como um tomate, se gruda à buzina. Abdel caminha lentamente até a porta do carro. Enfurecido, o vizinho sai bruscamente de seu belo Volvo e o insulta. É um americano pelo menos uma cabeça mais alto do que nosso malandro e com uns trinta quilos a mais. Abdel o segura pelo colarinho: "Qual é o seu problema, hein?"; o outro, num francês aproximativo, se insurge contra seu desleixo e sua falta de educação. Primeira cabeçada. O americano sangra nas gengivas. Ele está descontrolado. Exige falar com o patrão de seu agressor. Abdel, um pouco mais pálido do que de costume, indica que estou no banco de trás do carro e ainda lhe acrescenta dois sonoros tabefes. Estou encolhido em minha cadeira. Laetitia se deita no banco da frente, tamanha é sua vergonha. O americano, confuso, recua até seu veículo, se desculpando. Ele libera o caminho para nos deixar passar. Abdel ri durante cinco minutos; essa altercação lhe fez bem. Acho que só fica relaxado depois de distribuir sua dose diária de socos.

Ele se surpreende quando o repreendo. Quando começo minhas aulas de "educação moral e cívica", ele geralmente adormece ao cabo de cinco minutos; quando dou meu testemunho sobre a esperança nos liceus ou nas igrejas, ele ronca em pé.

Ele frequentou a escola o mínimo possível, apenas o suficiente para agredir alguns mestres e assistir ao estupro coletivo cometido contra outra professora, do

qual, assegura, ele não participou.

Viveu toda sua juventude num conjunto habitacional na periferia parisiense, onde se vive aprendendo a roubar e traficar. Ele ri ao falar das prisões francesas, verdadeiros hotéis. Segundo ele, vários moradores dos conjuntos habitacionais passam o inverno na cadeia para se proteger do frio e saem no verão para aplicar seus golpes desonestos.

Ele sente estima por mim, creio eu, porque o considero inteligente e merecedor de um futuro que não seja miserável. Ele vê nosso ambiente privilegiado como um mundo extraterrestre, pois a violência da rua é a única realidade que conhece. Entretanto, cuida de meu filho com imensa gentileza, e Robert-Jean o trata como a um irmão mais velho.

Abdel nunca dorme mais do que alguns minutos, em qualquer posição. Sua maneira de dirigir um carro é tão extravagante quanto a de conduzir sua vida. Ele adormece ao volante. Isso me angustia: sou obrigado a mantê-lo acordado. Apesar de meus esforços, ele provoca inúmeros acidentes, como no dia em que estou estendido na cama antiescaras, na parte de trás da caminhonete. Estamos há mais de três horas na rodovia quando ouvimos um estrondo. Sou lançado entre a porta da frente e o assento do carona. Meu rosto está coberto de sangue, não consigo mais falar. Os bombeiros chegam, cuidam dos demais passageiros. Um deles abre a porta traseira e a fecha em seguida: "Tem um presunto aqui!" Abdel me tira dali e desempena o para-lama dianteiro com uma barra de metal. Depois, sai como se nada tivesse acontecido, vociferando contra uma mulher que lhe teria dado uma fechada. Na verdade, ele caiu no sono.

Ele nunca admite isso, de tão orgulhoso que é. "Eu sou o melhor", diz ele, sempre rindo. Está convencido disso e não quer saber de nenhum comentário a respeito.

Ele é insuportável, vaidoso, orgulhoso, brutal, inconstante, humano. Sem ele, eu estaria morto por decomposição. Abdel cuidou de mim sem cessar, como se eu fosse um bebê de colo. Atento ao menor sinal, presente em todas as minhas ausências, ele me liberou quando fiquei preso, me protegeu quando eu estava fraco. Ele me fez rir quando eu não aguentava mais. Ele é meu diabo guardião.

QUARTA PARTE

O segundo suspiro

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========

TESTEMUNHAS

Quando, três meses após a reanimação, Béatrice traz as crianças ao meu quarto, Laetitia faz um esforço imenso para verificar se eu a reconheço, pois a traqueotomia me impõe o silêncio. Ela se lança num jogo surrealista. Esconde-se atrás dos outros membros da família, inclinados sobre meu leito de vidro, e lhes faz orelhas de burro ou caretas. Sigo sua brincadeira, maravilhado. Ela encontra nos meus olhos a gargalhada que minha boca cheia de tubos não pode lhe oferecer.

Os remorsos existem. Eles são inúteis e corroem para sempre. Se eu tivesse evitado aquele dia 23 de junho, não teria cansado tanto Béatrice, inquietado tanto nossos filhos, dilacerado Laetitia e fragilizado Robert-Jean. Quantos esforços eles fizeram para me manter no circuito! Estava além de suas forças, não era para a idade deles. Meu presente remonta a esse dia.

*

Estou sobre uma cama de ar fluidizado que me provoca uma sensação de flutuação; um ar quente propulsa bolhas microscópicas que me sustentam. O calor, o ronronar respiratório, a ausência de referência temporal me tiram da realidade. Já faz seis semanas que estou ausente, que meu cérebro se amolece. Tudo isso para cicatrizar minhas nádegas!

As escaras são a praga de nossa condição. Basta que um objeto, um móvel, entre em contato com nosso corpo durante quinze minutos — não sentimos nada — e a carne se abre. São necessários meses de cuidado intensivo para que volte a se fechar.

Em várias ocasiões tive escaras no calcanhar, nos cotovelos, nos joelhos, no osso sacro. Tão profundas, a ponto de deixar os ossos expostos, que foi preciso operar para evitar uma infecção definitiva.

As escaras são adquiridas até nos hospitais. Não adiantou me mimarem, massagearem, me virarem várias vezes por dia durante três meses no centro de reabilitação. Bastaram quinze dias em tratamento intensivo para que elas recomeçassem. Precisei passar nove meses em Kerpape para me recuperar desse primeiro golpe.

*

As horas, as noites, os meses deitado olhando para o teto me trazem uma riqueza que, súdito brilhante imerso em uma sociedade de lantejoulas, eu nunca havia percebido: o silêncio.

Dentro do silêncio reina a consciência. Ela situa o que temos à nossa volta. No silêncio, é a pessoa quem está no trono. Logo no início, um medo nos invade. Nenhum ruído nos dirige, nenhuma sensação nos delimita. Uma imensa terra sem cultivo, deserta e inerte. É preciso se tornar minúsculo para reencontrar nessa desolação átona elementos da vida. Depois, acabamos descobrindo o infinitamente pequeno; o dedo de uma enfermeira que se ergue, dá-nos uma injeção indolor em alguma parte de um corpo que não sentimos mais; uma gota escapa de uma compressa úmida na têmpora; ela some dentro do ouvido, faz cócegas até ser apagada pelo sono; a pressão do esparadrapo sobre uma narina, que força a curvatura do tubo de oxigênio; uma pálpebra treme nervosamente até a exaustão. Um rosto se aproxima: você percebe o ruído, mas as palavras permanecem incompreensíveis. O roxo das pálpebras que se fecham sob a luz. Os olhos reviram quando a escuridão se aproxima. Mais nada. O despertar hesitante: um barulho ou uma pressão sobre o rosto. O cérebro se põe em modo de espera. Nessas horas em que os olhos ficam fechados, uma frágil atividade recomeça dentro de nós.

Um dia, uma voz. Não é a minha, ela vem de dentro. Aliás, parece mais uma voz feminina, talvez a de Béatrice. Ela me interroga como se não dependesse de mim e, diante da minha passividade inicial, com frequência, fornece suas próprias respostas. Eu me acostumo a essa presença, articulo respostas. Mas não reconheço sequer minha própria voz; tenho a impressão de ser habitado por duas fofoqueiras que fazem mexericos dentro da minha cabeça sem terem sido convidadas. Elas são engraçadas; mas isso tudo sou eu. Pouco a pouco, imponho autoridade. Respondo com maior frequência no lugar da voz mais masculina. No começo, os assuntos são estranhamente banais.

— Você entendeu a situação em que você estava?
— Sim, sim, eu acho.
— O que você vai dizer a Béatrice, quando ela vier?
— Um olhar, sua maliciosa!

Essa voz interior e a minha conversam sem parar, a tal ponto que não distingo mais quem é quem.

Durante vários meses, observo o teto sem nunca me entediar. Vivi o luto pelo meu corpo nessa explosão de branco. Voltei a fazer parte dos seres vivos. Domei a voz que poderia ter me feito passar por um iluminado (só falta agora eles me mandarem para um hospício!). Esquecidos os pavorosos momentos dedicados ao aprendizado de uma respiração sem máquina, de uma vida composta por aquilo que me resta e por aquilo que me acrescentaram. Fortalecido pela minha persistente atividade interior, confortado pelo amor de Béatrice, eu me restabeleço.

Controlo as raras sensações que me restam. Preparo as visitas de Béatrice com discursos intermináveis. Quando ela chega, eu desapareço. Gravo todos os seus olhares, suas palavras. Foi aí, sem dúvida, que ela me inoculou o vírus da esperança, que descobri minha consciência e que, depois disso, tudo pôde rapidamente se encadear.

A fé no futuro se constrói em silêncio. As horas escoam. O único objeto do meu pensamento é a minha sobrevivência física. Não devo empurrar a esperança. Sofrimentos medonhos trespassam o que ainda possuo de sensível. Deixam-me ofegante, o olhar vazio. Qualquer segundo de alívio faz surgir a esperança. Com ela, o renascimento.

Silêncio.

No meio desse fiasco, ainda ouso acreditar. A distância entre o que vivo atualmente e a felicidade com a qual eu conto faz nascer em mim a esperança.

A deficiência e a doença são fratura e degradação. Nesses momentos em que percebemos o termo da vida, a esperança é um sopro vital que se amplifica; inspirá-lo da maneira correta é como retomar o fôlego num segundo suspiro.

Os maratonistas conhecem o segundo suspiro. É uma espécie de estado de graça. A respiração se suaviza, torna-se mais profunda, a dor desaparece. Eu

estive sufocado durante 42 anos. Nós nos sufocamos ao nos precipitarmos, ao querermos ser os melhores, os primeiros. Aqueles que respiram melhor, ao cabo de vinte ou trinta quilômetros, são aqueles que visualizam a chegada. A meta é o banquete divino, o amor reencontrado. Essa visão da chegada é essencial.

Nunca se corre uma maratona sozinho.

Em meio aos gritos, às confidências, aos leitos assepsiados para servirem aos próximos, a humanidade está povoada de sombras e de gemidos. Descobrimos que há um antes e um depois, que os Antigos já haviam pensado o mundo, que a Eternidade é habitada por aqueles que nos precederam. A esperança é essa ponte que nos conduz da "constelação luminosa das lembranças à eternidade".[10]

*

O telefone toca. Uma voz celestial invade o ambiente:

— Aqui é Marie-Hélène Mathieu, presidente do Serviço Cristão dos Deficientes (*não resta a menor dúvida de que estou me aproximando do céu!*). Eu o vi no programa de Jean-Marie Cavada[11] e gostaria de contar com sua participação nas conferências que estou organizando.

— Não tenho muito tempo a lhe oferecer, cara senhora. Sou pouco devoto. Quanto à deficiência, minhas reflexões sobre esse tema são as de um recém-nascido.

Como recusar? Não quero brigar. A conferência será daqui a três meses; com um pouco de sorte, as circunstâncias me ajudarão.

— Eu gostaria de me exprimir com minha esposa, que sofre com uma doença há quinze anos. Graças à sua fé, nós dois juntos devemos fazer uma boa média!

— Que título o senhor gostaria de dar à sua participação?

O cansaço se apodera de mim, não tenho mais ponto de referência, apenas uma inspiração.

— *O segundo suspiro*.

— Ótimo, anunciaremos o segundo suspiro de Philippe e Béatrice Pozzo di Borgo.

— Não, será o segundo suspiro de Béatrice e Philippe.

Ela fica surpresa, mas eu insisto. Tenho a impressão de que ela me foi de extremo auxílio ao fazer com que eu exprimisse essa intuição.

Por que Béatrice e Philippe? Em minha extrema fraqueza, percebo o quanto a doença de Béatrice permite que eu me adapte à invalidez com uma facilidade incomum. Eu me ausento, mas não desanimo. Não é nem um sentimento de culpa em relação a uma mulher que sofreu e resistiu ao longo de quinze anos, nem um sentimento de orgulho deslocado, que me obrigaria a igualar-me a ela. Não, é essa confiança que ela extrai do fundo de si mesma. Enquanto houver energia, nossa vida é uma beleza em si, e seria lamentável não a apreciar. É esse mesmo olhar que, após um mês de coma, me recebe no meu acordar. Como exprimir o segundo suspiro sem iniciar por Béatrice? Aos poucos, a vida, o sofrimento, as verdadeiras alegrias, o prazer de falar, a beleza, se infiltraram em mim. Quantas noites passadas a seu lado, a pensar no mundo, como se ela fosse minha chave de acesso à verdade!

Béatrice resplandece. Acompanho-a o melhor possível.

Nada faz com que se distinga sua enfermidade. Continua igualmente bela, elegante, sorridente, otimista, atenta. Entretanto, não consegue mais subir as escadas e, a cada três meses, fica deitada durante uma eternidade. Mas faz com que tudo pareça normal. Às vezes, num momento de grande cansaço, ela grita em desespero por não querer ser considerada uma doente. Ela tem raiva do mundo inteiro. Na verdade, tem raiva de si mesma por ter tamanha sede de viver. Ela poderia muito bem se deixar levar. Então, ofereço-lhe meu ombro para que possa se entregar, e ela o faz.

Na noite da conferência, sua calma e seu sorriso exprimem toda a sua filosofia. Observo essa sala com quinhentas pessoas seduzidas pela força de minha mulher. Ninguém ousa fazer qualquer barulho, nem mesmo tossir. Uma multidão atenta. Ali está sua vida, nascida do primeiro suspiro e iluminada pela sua percepção da eternidade, quaisquer que sejam as dificuldades. O que lhes dizer após tal demonstração, senão que um inválido vive muito bem se não está sozinho, se tem uma energia dessas a seu lado, capaz de eletrizá-lo em sua imobilidade.

Sem Béatrice, eu não teria feito esse esforço. Durante o ano em que fiquei hospitalizado, descobri um mundo que me havia escapado, que eu nunca observara de muito perto, o mundo do sofrimento. Eu só conhecia o sofrimento de Béa. Era uma investigação particular, não um fenômeno social. Após ter frequentado os serviços de reanimação onde as pessoas berram; após ter conhecido a solidão dos quartos de hospital, vemos as coisas de forma diferente.

Além das palavras, além do silêncio, descobrimos nossa humanidade.

O corpo, até então exaltado, aos poucos se reduz, diante de um espírito regenerado, uma espiritualidade revigorada; uma reversão do coração.

É no fundo de nós mesmos, em nossa interioridade, em nosso mistério, que encontramos o Outro.

O antigo privilegiado de cabelos engomados que eu era, agora crucificado em sua cama, imagina a coabitação de uma humanidade andante e de uma humanidade deitada. A cruz universal como ponto de partida de um mundo revisitado.

---

[10] Khalil Gibran, *O profeta*.

[11] *La marche du siècle*, em que dou meu testemunho sobre o período imediatamente após o acidente.

Cipreste de Béatrice

Béatrice é hospitalizada pela última vez. Carmelita dos tempos modernos, ela mora numa espécie de bolha de plástico transparente. Para chegar lá, preciso passar por um primeiro procedimento de descontaminação, vestir-me dos pés à cabeça com um tecido esterilizado. Ela fica no final do corredor. Mais três portas. Uma cadeira de rodas asséptica me aguarda. Passamos dois meses sem poder nos aproximar, tendo do outro apenas uma visão vaga e deformada através do plástico.

Béatrice contraiu uma infecção generalizada. Não pode mais comer nem beber; sequer a água passa por seus lábios. Está reduzida a enxugar incessantemente, com compressas, o muco que enche sua boca. Durante esse período delicado, junto-me a ela do outro lado da cortina que garante a assepsia.

Ela diz ao seu pai: "Sabe, papai, eu vi Jesus Cristo. Ele me disse: 'Enxuga tua boca em meu manto, ele é do tecido que apaga todas as máculas.'" Paciente, ela pega outra compressa. Eu apaguei todas as máculas.

Cubra-se com meu manto de ternura.

Béatrice vive suas derradeiras experiências terrestres à luz dessa firme esperança, nessa espera ativa.

Três dias antes de seu fim, eles a liberam de sua bolha de plástico. Tarde demais. Seus olhos já se fecharam. Ela quase não vive mais. Nossos filhos chegam, cada um tem sua vez no meu colo. Eles choram aos soluços enquanto lhes falo dela; depois, saem com seus subterfúgios.

— Que seja feito segundo Sua vontade — são suas últimas palavras.

Ela as pronunciou e depois se afundou ainda mais em seu leito.

Autorizaram-me a levá-la de volta para nossa casa. As enfermeiras a vestem com seu conjunto da marca Infini, cor de terra. Nós a instalamos perto da lareira, sobre a *duchesse brisée*, um conjunto de poltronas nas quais ela gostava de descansar. Abdel chora. Durante três dias, a família e os amigos ficam à volta de Béatrice. Com os olhos avermelhados, Céline, a jovem *au pair*, mantém guarnecida uma mesa em que todos se alimentam. Meu pai organiza o funeral. Ele me diz, aos prantos, que ela o ensinou a rezar. Abdel traz seus pertences do hospital: há textos e cartas.

Ela mantinha um diário.

De todos os episódios relatados emanam a delicadeza, o amor pelos seus, sua confiança em Deus, a fé em sua cura. Obstinadamente, ela se comprometia a viver até que Robert-Jean completasse dezoito anos. Quando pressentiu sua partida, a mesma serenidade lhe deu a força de me perdoar, de encontrar algumas palavras para orientar Laetitia e consolar Robert-Jean.

Em seguida, ela se voltou para Deus.

*

Escolhi o mais belo caixão. Fiz com que colocassem sobre ele uma cruz protestante. Preparamos a cerimônia no templo e a missa em Dangu. Nossos filhos estão magníficos; eles leem a oração de Santo Agostinho que ela lhes recitava sem que conseguissem perceber o caráter extremamente emotivo das palavras, embalados pela brandura de sua voz; não viam escorrer suas lágrimas. Eu os carregava adormecidos até suas camas.

*

Durante o funeral na igreja de Dangu, nossos amigos Nicolas e Sophie entoam o canto que Béatrice tanto adorava. Eu me afundo em minha cadeira de rodas. Robert-Jean segura minha mão; ele chora. Laetitia colocou o braço sobre seus ombros. O caixão de Béatrice está coberto de amores-perfeitos, róseos e delicados, enviados por um amigo. Milhares de flores brancas se espalham pelo chão. “Enxugue suas lágrimas e não chore mais, se você me ama.”

Béatrice que está no céu...

*

Passamos ao pé da colina de Dangu, no alto da qual se encontra o túmulo de Béatrice. Só posso chegar lá com a ajuda de Abdel. Sempre tenho a impressão de estar sob o túmulo dela, como se eu só pudesse alcançá-lo se erguesse os braços.

Tenho dificuldade em evocá-la desde sua partida, já faz mais de um ano. À noite, não falo com ela; faço um monólogo a seu respeito. Ela não me toma em seus braços durante minhas insônias. Eu a sinto flutuar bem acima de mim. Seu paraíso deve estar muito próximo. Ela é como a fumaça de um cigarro, parte de mim para se desvanecer logo em seguida.

Ela ainda não falou. Permanece como em seus derradeiros dias, imóvel e silenciosa, exceto pela respiração rouca, que mal infla seu tórax.

Quando falo dela, as palavras comprimem minha garganta. Som algum se produz, apenas uma queimação atrás das pálpebras.

Será que ela está triste demais para falar comigo?

Às vezes, Abdel me leva até o cemitério, lá no alto. Ele me empurra pelo terreno irregular. Os nomes se apagam gradualmente dos túmulos. Alguns mármores reluzentes gravados em ouro abrigam os recém-chegados. Béatrice é a primeira do clã a ser enterrada no continente. Eu quis mantê-la perto de nós até a minha morte; previ levá-la para a Córsega comigo depois disso. Dentro da capela, há menos gente, ruídos animam a noite, o cheiro do mato flutua no ar, a vista é tão linda!

Laetitia organizou uma reunião de família no cemitério. Vieram todos; os pequenos se agacharam em volta de seu túmulo. Somente Valentine, de dez anos, não chora; ela se obstina em reerguer os vasos de flores varridos pelo vento.

Quando vou ao cemitério, instalo-me diante do túmulo; ali, a presença de Béatrice é difusa. Eu a sinto no suave silvo dos ciprestes. Ela desaparece quando desço a colina. Não vem comigo para o novo apartamento.

Uma única vez, eu a ouvi rindo: quando fui abraçado por uma moça. Tem o riso de uma garotinha feliz, quando estamos a sós, um contra o outro. Ela esquece seu corpo e foge comigo, como uma criança mimada demais. Eu me

esqueci desse riso nas crispações dos últimos meses.

Seu olhar voltou-se para o céu, e eu o acompanhei.

Durante horas a fio, ela reza. Tento me fundir a seu olhar. Revivo esses instantes de uma alegria excepcional. Ela reza como se se liberasse de seus sofrimentos. Sua alegria se tornou a oração de todos. Ela me lançou para o alto. Ele existe, visto que ela está com Ele.

Meus próprios sentimentos são como um teatro de sombras chinês; restam somente suas dores, que assumi como minhas, e sua ausência, em algum lugar próximo.

Às vezes, me enfio durante semanas no meu leito; abandono os outros; até ouvir Robert-Jean se agitar perto de mim; até perceber Laetitia, que tenta me fazer beber água; até sentir a presença de Abdel, que aguarda, instalado em minha cadeira de rodas. Eles me trazem de volta à terra.

A facilidade com que volto me surpreende. Ouço-me rir. Estou orgulhoso de meus filhos. Contudo, voltarei a encontrar Béatrice sem apreensão, até com alívio. Há momentos terríveis: quero flutuar, mas os outros me retêm. Hoje, já não sei para que lado ir. Talvez com o tempo, meus filhos, os filhos de meus filhos, uma mulher... eu acabe ficando imóvel nessa cadeira de balanço.

*

Béa se foi. Laetitia e Robert-Jean ficaram. Estávamos tão bem os quatro juntos.

Nos momentos de sofrimento supremo, acho que meus diques vão se romper; minha cabeça, explodir: os olhos já se reviram, o corpo se verga; há muito tempo não falo mais. Numa manobra desesperada, me afasto de tudo. Desapareço no inconsciente tendo como única obsessão: resistir mais uma vez por nossos filhos queridos.

Senti-me sozinho em meu leito pela primeira vez no dia em que a mãe de Béatrice me anunciou que não havia mais nada a fazer, apesar das palavras dos médicos. Mais nada. Não resta mais nada da presença formidável de Béatrice, nada senão uma dor perpétua no fundo da garganta. Mais nada do homem de ação, derrubado não pela invalidez, mas pela ausência. Subsiste apenas a angústia por nossos filhos. Fico na cama. Todos somem de casa. Céline, a jovem *au pair*, não faz mais porcaria nenhuma, e eu tampouco. Somente

poucas pessoas ainda frequentam nosso trio. O sogro e a sogra, é claro, a cunhada Anne-Marie, algumas antigas amigas que esmorecem diante da depressão.

O restante da família é bem discreto, anestesiado pelo nosso silêncio e por seu pudor. Os únicos barulhos cotidianos são os das crianças; às nove e dez, o telefonema cheio de inteligência e de compaixão de Tia Éliane, o banzé que faz Abdel, a atividade matinal das auxiliares de enfermagem — ainda que, com algumas delas, eu sequer abra os olhos — e Sabrya, é claro.

Amo Béatrice. Com o passar dos dias, redescubro seus escritos de sofrimento. Com exceção dos rascunhos de algumas cartas que ela me mandava quando eu me ausentava por muito tempo no exterior, não resta mais do que esse sofrimento. Quase 25 anos de vida em comum, uma felicidade extraordinária, insolente, que nós saboreávamos, inocentes e soberbos. E só restam agora essas páginas desastrosas, de solidão, de dúvida.

Após a morte de sua mãe, Laetitia leu esses escritos; isso a transtornou. Encontrei esses pedaços de horror rabiscados com dificuldade, espalhados em folhas avulsas e em dois caderninhos, um verde e outro vermelho. Se eu pudesse jamais tê-los visto... Eles emolduram com um traço negro nossos momentos de felicidade.

*

Após ler um desses "comunicados", fico deitado durante dias. Meu orgulho me cegava, eu não sabia. Eles ocupam quase todo o meu pensamento. De dia, faço com que prendam alguns com adesivo à bandeja inclinada sobre minha cama; de noite, a presença deles sobre a mesinha de cabeceira é insuportável. Gostaria de me virar para o outro lado, onde Béatrice dormia, mas só minha cabeça se inclina para a esquerda para deixar as lágrimas escorrerem.

Eles não são nunca datados com exatidão. Juntando tudo, preenchem apenas umas vinte páginas. Cada palavra é um grito de desespero. Alguns trechos me resgatam episódios que tinham escapulido da minha lembrança. Eles revelam a dilaceração de uma beldade que só gerou abortos naturais e natimortos, a inquietação de uma mulher devorada por um câncer invisível, tão

linda aos olhos de todos, mas que se via apodrecer por dentro; o esgotamento de um ser que quis tanto e que não pôde. No limite das suas forças, ela teve de sofrer a última afronta, quando aquele que ela tanto amava quebrou o pescoço numa terra que ela desejava macia para seus momentos finais. De amante fervorosa, ela passou a ser uma Pietà, sobrecarregada por um corpo deslocado. Ela, a crucificada, me ressuscitou. Suprema ironia. Foi sepultada sob seu sorriso. Quanto a mim, saí voando como um belo diabo, para escapar de suas pernas ensanguentadas, de seu sangue podre, de seus esforços que me provocavam indignação. Eu vagueava sobre as vidas. E vinha sempre retomá-la em meus braços, em sua cama imensa. Sorrisos amargos para uma graça que tanto dissimulou suas lágrimas, ela que merecia a compaixão há tantos anos.

*

Resolvi voltar a Crest-Voland, rever o local onde me arrebentei e, como para exorcizar o acidente, voar outra vez, em minha cadeira de rodas. Uma travessura! Meus verdadeiros amigos são esses loucos voadores que Béa não apreciava nem um pouco. Eles se sentem invadidos por um sentimento de culpa, quero reconfortá-los. Morro de vontade de pegar uma corrente ascendente que me leve a cinco ou seis mil metros de altitude. Lá, falarei com minha mulher em voz alta, como me acontece às vezes, à noite. No brilho da montanha, terei a impressão de estar mais próximo dela. Às vezes, tenho o sentimento obscuro de querer me juntar a ela, assim como senti a tentação de deixá-la, após o acidente. É insensato e infantil.

E me apraz também a ideia de ver Abdel num voo duplo, berrando para quem quiser ouvir que ele nunca quis voar.

*

Meus amigos elaboram um assento especial que se infla quando a asa ganha velocidade e que amorteceria meus pousos. Yves, preso atrás de meu assento, assume os comandos. Combinamos que ele vai obedecer às instruções que eu transmitir através dos movimentos de minha cabeça. Cabeça para a esquerda, virar segundo o ângulo indicado; cabeça para baixo, frear; cabeça para cima, soltar os freios. Realizamos três voos. Na decolagem, toda a equipe nos carrega, nos fazendo ganhar velocidade. Com uma leve inclinação da cabeça para baixo, indico a Yves que é necessário um toque no freio para decolar.

Redescubro a sensação do voo, concentrada na cabeça; no resto do corpo, nada sinto. Sobrevoamos os percursos habituais. Em dado momento, Yves grita para mim que estou me arriscando: estamos perto demais da floresta. Mas eu sei que, fazendo um rasante sobre as copas das árvores, teremos correntes termais suficientes para nos mantermos em altitude; poderemos alcançar a crista a algumas centenas de metros dali e ver todo o vale de Albertville num mergulho e saltar sobre o cume. Yves hesita, faço-lhe sinal indicando que ele tem de me seguir. De repente, o elevador: começamos a subir; em poucos segundos devoramos centenas de metros. Estamos acima da ponta, rodopiamos. Que espetáculo magnífico! Tentamos retomar altitude, porém as condições não permitem. Voltamos a mergulhar na direção da floresta. Acompanhamos os pássaros, perseguimos as outras asas. Poderíamos continuar assim por toda a eternidade, mas Yves indica que é preciso voltar. Faz pouco mais de uma hora e meia que estamos voando. Não sinto cansaço algum. Uma ressurreição. Passamos pelo último pico rochoso e planamos em direção ao chalé. A fim de preservar os bons costumes, oriento Yves para a colina que domina o chalé e lhe peço para fazer um rasante ao solo. Estamos a menos de três metros do chão, em zigue-zague. Que delícia! Yves se posiciona sobre o eixo de aterrissagem, com o vento vindo de frente. Repentinamente, no momento de tocar o solo, o vento se inverte. Somos arremessados a mais de quarenta quilômetros por hora. Não tenho pernas para ajudá-lo; desabamos. Meu rosto serve de freio. Algumas dezenas de metros de esforço e conseguimos nos imobilizar; caímos na gargalhada e contagiamos os amigos que vieram assistir ao espetáculo.

Meu rosto está ensanguentado. Guardo o vestígio dessa aterrissagem durante algumas semanas, mas... que alívio!

De volta a Paris, digo que tive um acidente com a cadeira de rodas. Com exceção de Laetitia, ninguém suspeita de minha irresponsabilidade.

ALMA CORSA

Apenas alguns meses após a morte de Béatrice, estou na Córsega, na torre emoldurada pelas montanhas, um lugar que ela adorava.

As persianas de meu quarto foram fechadas; a penumbra se instalou em meu cérebro.

Ontem, comecei a ditar algumas palavras, mas o gravador não funcionou. Chorei por trás de meus óculos escuros de cansaço, de tristeza, de resignação. O primo Nouns chegou. Ele tentou me fazer rir, me fazer falar dos voos em cadeira de rodas, reincidência do mês anterior. Eu me colo a minha tristeza, meus olhos ardem. Adormeço. Uma brisa fresca desce da montanha e me acorda. Ouço um sino: é a vaca de um dos vizinhos. Chamo por alguém. Françoise, a caseira, chega vociferando. Não tenho sequer a força para lhe falar de Béatrice, apesar de ela ter organizado tudo para sua última missa aqui, em Alata, enquanto nós a enterrávamos no continente. Digo-lhe que reveremos as fotos juntos, ela me conta sobre as demonstrações de afeto; eu sei, Françoise, que você se instalou aqui faz cerca de vinte anos, após o falecimento de sua filha única; você diz que isso aqui foi sua salvação, esta solidão na montanha corsa. Acho tudo isso doloroso. Você me traz uma bebida de fabricação caseira, à base de semente de pêssego, álcool e vinho regional. Nós nos deliciávamos imensamente com essa bebida, Béatrice e eu. Esta noite, sinto apenas o amargor das sementes. Juntos, observamos o vale. Dois bútios rodopiam no horizonte, devem ter achado uma corrente ascendente. Até mesmo a vaca cessa de ruminar. É o sossego do fim de tarde. A água corre na fonte. Uma luz incerta se instala. Algumas centenas de metros abaixo, encontra-se a capela mortuária da família, da qual eu sentia tanto orgulho. Eu dizia que era bom saber onde passaríamos nossa eternidade. Fácil falar.

Os batimentos cardíacos invadem minha cabeça. É insuportável. Minha pressão está acima de vinte, estou empapado de suor, não sei mais o que tenho,

gostaria de não sofrer, falar de Béatrice, adormecer na tranquilidade desta montanha. As crises se sucedem. Céline senta-se ao pé da cadeira de rodas sobre a qual me agito. Ela se propõe a ler para mim o romance que eu quis começar. Em meio às minhas convulsões, consigo escutar alguns trechos em que se fala de Rimbaud, Verlaine, Longfellow.[12] Quanto acaso há em tudo que nos acontece!

Fecho os olhos, Céline fica perto de mim. Retoma a leitura de seu best-seller. Eu me acalmo; a presença de uma jovem mulher, por mais diferente que ela seja de Béatrice, surte efeito sobre mim. Ela poderia pegar minha mão, eu não reclamaria. Abdel me deu uma droga para dormir; sinto que estou indo... Eu me afundo.

Meu arquejar me desperta. Pouco a pouco, começo a distinguir os ruídos da casa, as crianças se agitam; eu tinha esquecido. De repente, o mundo volta a mim através de meu arquejar rouco e ardente. Não ouso chamar, temendo produzir uma nota discordante dentro dessa colmeia que se anima. Aos poucos, as últimas imagens da noite voltam à minha memória. Abdel me transfere para a cama. Ele faz um movimento errado, sinto que estou despencando para trás na minha cadeira; tenho medo de partir definitivamente. Só me resta a cabeça, e não tenho como protegê-la. Abdel se abaixa para amortecer a queda. Ouço minha cabeça contra o chão. Pelo barulho do choque, sei que ainda não será desta vez. Meu primo Nouns vem ajudar com seu bom humor habitual; ele me olha, estendido sobre as costas, as pernas ainda presas à cadeira de rodas: "Não é hora de cair de boca!" Estou tão distante de tudo que nem sei mais o que aquilo quer dizer. Rio chorando. Ele me ajeita e me põe na cama, eu afundo no colchão antiescaras. Eu gostaria de me afogar nele. Abdel tenta uma nova manobra para me endireitar. Deveria ter se abstido. Os braços, imobilizados sob os ombros, voam e roçam a parede texturizada; dois de meus dedos explodem como frutas maduras, corre sangue. Eu choro, não sinto nada, não dói, eu choro, não pertenço mais a mim mesmo, este corpo está se desintegrando. Não há nada que eu possa fazer.

Eu gostaria de começar a falar com você, Béatrice, mas sinto-me inundado pela angústia. Tenho a impressão de ser indesejado aqui na terra, de que deveria me retirar. Vou morrer sozinho nesta cama. Minha cabeça se comprime

novamente, não quero partir de imediato. Controlo minha respiração apertada. Faço um imenso esforço para expirar esse ar que se acumula em meus pulmões. As contraturas são constantes, estou rígido, frio como se já tivesse batido as botas.

Abdel me veste. Peço-lhe que me instale sob a tília, perto da fonte. Emoldurando a paisagem, duas acácias voltam a florescer, após o incêndio de três anos atrás. De vez em quando, ouve-se uma martelada: são os operários trabalhando na restauração do castelo.

Em um século, a maresia erodiu esse castelo; as chamas do incêndio o lamberam várias vezes, até que em 1978 seu telhado se queimou de vez. Aviões de combate ao incêndio foram mobilizados; em vão. Centenas de bombeiros tentaram conservar esse monumento. Três deles ficaram cercados pelo fogo. O mais jovem fugiu; os dois mais experientes se enfiaram lá dentro. O rapaz logo foi achado. Ele morreu a algumas centenas de metros do lugar onde estou agora. À beira da estrada, um pouco abaixo da pista, vejo a placa plantada ali em sua memória. Desde então, todo dia 7 de agosto, é realizada uma cerimônia, reunindo a fanfarra da aldeia de Alata, os bombeiros da cidade, o prefeito, algumas outras autoridades e a família. Pobre soldado do fogo que jaz tristemente à beira da estrada dos duques Pozzo de Borgo; você não quer nem saber se um dos Pozzo pensa neste momento em você. Preferia estar vivo. Você está encurralado entre os Pozzo sobreviventes da torre e os Pozzo mortos da capela.

Outra vez, ouço o sino. Entre esses ruídos e meus delírios, não sei o que o gravador vai registrar. Imagino a vaca bem atrás de mim, mas não posso me virar. Penso que ela deve achar graça ao ver este inválido falando sozinho. Não se preocupe, minha cara, um dia também pegam você!

Os mortos de nossa montanha estão por todos os lados. Um helicóptero militar passa ao longe. É do mesmo modelo daquele que veio me buscar quando fiz uma expedição de parapente, alguns anos atrás. A família ia fazer um piquenique na praia. Eu tinha decidido encontrá-los, partindo de parapente de Punta, bem acima do castelo. Eu não conhecia a topografia do lugar; via um pico e imaginava poder sobrevoá-lo e depois descer até a praia. Decolei às seis horas da tarde, de short, camiseta sem manga e tênis. Logo atrás do pico, num

matagal de três metros de altura, eu me machuquei. Dobrei minha asa e rastejei, seguindo pegadas que pareciam ser de um javali. Pensava em decolar de novo de cima do cume seguinte, mas, depois de uma hora de dolorosa progressão, me encontrei sobre um penhasco que certamente não dava para a praia que eu queria alcançar. Tarde demais para dar meia-volta. Só me restava passar a noite no mato, sobre uma pedra, enrolado em meu parapente.

Soube depois que Béatrice tinha chamado a polícia.

— Que idade tem seu filho?

— Mas se trata do meu marido!

— Ora, nunca aconteceu antes de seu marido só voltar para casa de manhãzinha?

Mesmo com toda a sua insistência, lhe pediram que telefonasse de novo lá pelas seis horas da manhã. Nesse horário, eles enviaram um helicóptero em meu socorro. Fui transportado até o hospital, onde confirmaram que eu não tinha fraturas e que os cortes eram superficiais. Chegaram a ter a gentileza de me levar até em casa. Tomei um banho rápido, vesti o terno e a gravata para participar de uma reunião da empresa em Paris. Mal tive tempo de ver Béatrice, exausta da noite passada em vigília. Ela sufocou um pouco quando a beijei, dizendo: "Até amanhã, minha querida."

*

Esta noite, afundo em mim mesmo. Tento sentir os limites de meu corpo através de suas dores: a cabeça, relativamente aliviada, ainda que um pouco comprimida, o rosto e o pescoço atormentados pelas alergias, os ombros permanentemente contraídos. O direito sofreu uma descalcificação associada ao choque da queda. Durante seis meses, tentaram tratá-lo com injeções de cálcio que me deram febres e náuseas por todas as noites, antes de me deixarem entorpecido. O médico disse: "Você deve ter sofrido uma queda grave." Seria isso o humor ou a limitação do especialista, que não consegue enxergar além de suas próprias radiografias? Por vezes, este ombro me faz sofrer violentamente. Nessas horas, ninguém pode me tocar. Não respiro mais, fecho os olhos, sei que vai passar, que é preciso esperar um ou dois minutos. Isso não tem importância, já passei por coisa pior. "Sim, sim, vai passar, eu garanto; não, não me toque, não toque no meu ombro!" Todos os meus nervos se desregulam a partir dos ombros. Em alguns momentos, me sinto arder tanto que peço para me

deixarem deitado no escuro. Penso na virgem louca de Rimbaud: "Sofro realmente, Senhor. Um pouco de frescor, por favor."

Na Bíblia, eu li: "Dê-me a força para lutar contra os sofrimentos que posso afastar; dê-me a paciência de aceitar os sofrimentos que não posso mudar; e não se esqueça de me dar a sabedoria para conseguir diferenciar um do outro."

*

Deitado na noite do meu quarto, sinto o odor enjoativo dos preparativos culinários. Receberemos amanhã quarenta corsos da montanha; faz muito tempo que os Pozzo não recebem visitas como proprietários destas terras. Abdel está no comando das operações; ele vai preparar um *méchoui*. Hoje à tarde, ele desceu para escolher o carneiro no rebanho de um pastor vizinho; surpreso com a magreza dos bichos, escolheu uma fêmea de 32 quilos. Ele volta, descarrega o animal. Ela está com três patas amarradas, a quarta fica livre. Ele vai buscar as facas. Não tenho certeza se quero estar ali. Penso em Béatrice; eu a vi nessa ovelha; eu me vi nessa ovelha. Ela, condenada; eu, paralisado. O animal tenta se arrastar no chão, usando a pata livre, mas só consegue girar no mesmo lugar. Quantas vezes sonhei em escapar da minha paralisia? Quantas vezes sonhei que estava saudável, retirando Béatrice de seus leitos hospitalares para trazê-la para perto de mim, em nossa cama, e para que ela apagasse nos meus braços! O açougueiro diplomado a aprisionou até o fim. Ele acabou com ela. Como ela pôde sofrer tanta tortura sem nunca se queixar? A vida toda ela lutou contra os médicos, contra o poder deles.

Com um golpe seco, Abdel corta o pescoço da ovelha, depois de lhe apalpar a carótida. O sangue jorra, vermelho-claro, como suco de morango. De repente, revejo a respiração de Béatrice nos últimos dias; eles a mataram bem antes que eu me desse conta. Resta-lhe apenas essa respiração sôfrega; os olhos estão fechados; os membros não se mexem mais; há apenas esse peito oprimido que se levanta em espasmos bruscos, brutais. Segue um longo período do mais completo repouso.

Abdel anuncia que o animal viverá seus últimos sobressaltos dentro de um minuto. A pata livre se agita para todos os lados. Abdel e eu constatamos tratar-se de contraturas: a palavra usada para designar os movimentos bruscos e descontrolados de meus membros. Mais uma contratura, veemente, e Abdel, seguro de si, solta as outras três patas. Usando uma corda, ele suspende o animal sobre um toldo. Depois, vai buscar Françoise para os retratos de família.

Estamos instalados sob a tília próxima da fonte. Françoise tira nossa foto, Abdel, a ovelha e eu.

Ele introduz um caule ao longo de uma das patas, entre a pele e a carne. Depois, sopra no buraco como se fosse uma gaita de fole, o animal incha, triplica de volume. Assim que a operação é concluída, ele pede a Françoise que lhe passe uma cordinha para fechar a abertura na pata e começa a bater no animal. O ruído surdo ressoa na torre, que obstinação! Após ter "cansado" o bicho, Abdel pega sua faca e começa a esfolá-lo; em menos de dez minutos, deixa-o nu. Só falta esvaziá-lo, recuperar as vísceras para cozinhar os legumes; o que dissemina esse odor acre dentro do meu quarto esta noite.

---

[12] J.M. G. Le Clézio, *A quarentena*, Companhia das Letras, 1997.

LES SANGUINAIRES

Deitado de costas, na mesma posição há quase três dias, já não sofro mais, meus olhos estão fechados. Posso ouvir marteladas ao longe. Não consigo acreditar: não sinto mais dor. Às sete horas, chamo Abdel; ele se levanta como um autômato — há três dias que ele não dorme: "Abdel, coloque um pouco de Schubert para mim, por favor"; respiro com dificuldade; não importa, não sinto mais dor. Abdel me serve o café da manhã.

— Abdel, leia para mim, por favor, um salmo.

Deus é bom, há um caminho de salvação para aqueles que sofrem. Não sei, estou exausto. É difícil apreender todas essas palavras tão seguras de seu sentido.

A festa começa na noite de quinta-feira. Jantamos e em seguida nos reunimos na imensa sala de convivência, como num momento de lazer no hospital, para ouvir os cantores de Alata. Há um grande sofrimento nesses cantos. Tonalidades árabes, sons agudos, vozes bem baixas respondendo às vibrações da montanha e ao grito dos bútios que a sobrevoam, rodopiando. Estou cansado, mas não consigo me decidir a sair da sala. Eles cantam para mim, para Béatrice. Pedi-lhes que cantassem o *Salve Regina*, as dores da Virgem. As vozes crescem e eu me afundo em mim mesmo. Béatrice adorava esse canto. Eles cantam olhando para mim, a mão esquerda contra o ouvido, fazendo eco. A emoção me deixa exausto. Eles vão embora, eu não provei quase nada, não falei, não ouvi nada, a não ser essa polifonia corsa. Um pastor me beijou a mão, se inclinando. Mais tarde, Abdel me deita na cama, tenho calafrios de febre. Durmo pouco.

Pela primeira vez desde minha chegada à Córsega, já faz dez dias, resolvo acompanhar as crianças à praia. Minha prima Barbara, seu marido Philippe e os seis filhos do casal estão no lugar habitual dos Pozzo, uma enseada da qual se apoderaram há mais de trinta anos. Barbara trabalha na sua tapeçaria sob o

guarda-sol, como Granny vinte anos atrás. Ela passa a tarde a vigiar o bando. Eu me instalo a seu lado. Revejo as praias da minha infância.

Meu amigo François saiu paralisado de uma pequena onda como essas. Ele tomava banho de mar com os filhos pequenos e a esposa; as crianças espirravam água umas nas outras. Uma onda ligeiramente mais forte os derrubou. Todos se reergueram às gargalhadas; todos, menos François, caído com o rosto dentro d'água. Pensaram que estivesse brincando. Quando se deram conta de que ele não respirava mais, levaram-no até a areia, com a primeira e segunda cervicais fraturadas. Graças à fé e ao amor dos seus, ele resistiu durante sete anos sem sair da cama. Os médicos não acreditaram. Depois, ele morreu.

Ergo o olhar para o horizonte. As ilhas Sanguinaires destacam-se contra o céu. Reza a lenda que receberam esse nome por causa dos doentes com a peste, os *sang-noir*, sangues-negros, que elas acolheram durante os quatrocentos anos de dominação genovesa, do século XV ao XVIII. Outra tradição afirma que a luz do sol poente tinge essas ilhas de um vermelho-sangue. Penso em você, Béatrice. A dama fria levou os enfermos para essas ilhotas. Eles foram lançados à fogueira. Suas cinzas se dispersaram sobre essa terra queimada, estéril.

Barbara levanta os olhos de seu trabalho. Ela assegura a sucessão, a continuidade. Está tudo bem. "Não se preocupe, meu primo querido, você a encontrará outra vez." Vejo, mais abaixo, Abdel brincar com as crianças na praia; Laetitia se entrega ao sol. Seus cabelos são de um preto reluzente; sua pele, branca. É mulher, agora. A matilha de Barbara se alvoroça. Combinamos de nos reencontrar esta noite na grande praia de Capo di Feno.

Abdel me transfere para o pequeno carro. Robert-Jean se acomoda como pode atrás de mim para me segurar nas curvas. Encontramos a cabana de Pierretou sobre a praia imensa, linda e perigosa. A ótima equipe me transporta pela areia e me instala na extremidade da mesa. As crianças se banham nuas num mar que é só delas. Deixo-me levar pelo torpor da ressaca. A noite caiu; eu me encolho na cadeira de rodas. Algumas moças me cumprimentam, sorrindo. Adormeço até que as crianças se instalem em torno da mesa sob os coqueiros. O primo Philippe assume o comando. Para nós, espaguete ao polvo — o polvo foi pescado ali mesmo, mais cedo — e um bom vinho regional, sem rótulo. As crianças se empanturram alegremente. O jovem François está isolado na

cabeceira. Está aborrecido. Faço-lhe sinal para vir se instalar entre seu pai e eu; ele cicia com seu grande sorriso; é o mais delicado dos filhos de Barbara. Há Marie, com as gírias de seus dezesseis anos; Titou, o menorzinho, com olhos redondos; Joséphine, por quem Robert-Jean está apaixonado, como todos nós fomos um dia pela mãe dela. As crianças se levantam para pegar uma casquinha de sorvete e desaparecem na noite. Quantas vezes vim aqui com Béatrice! Passávamos as noites aqui, sozinhos. Ela ficava feliz. Com os corpos mornos, acordávamos de vez em quando com a ressaca.

Lá pela meia-noite, sou retomado por violentos estremecimentos. Faço sinal a Abdel para levantarmos acampamento. Entro em mim mesmo. As dores se instalam. Já senti essas dores antes, no ano passado, com Béatrice. Mas, agora, estou sozinho. Uma dor estúpida, mecânica: um "bloqueio vesical". A sonda se entope, a urina é rechaçada através dos rins para a corrente sanguínea. Ela sobe à cabeça e faz a pessoa explodir. É uma bobagem. Foi assim que Béatrice partiu em três dias. Resisto durante cinco minutos, depois me deixo levar e berro como um animal.

Meu cérebro estoura. Não vejo mais nada, falta-me o ar. Durante três horas, Abdel briga com o "encanamento". De tempos em tempos, a sonda volta a funcionar, a pressão passa de trinta para doze, o cérebro respira. Surge em mim o pensamento de que tudo passou, até que um novo tremor me aniquila.

Abdel passa a noite purificando com a seringa as porcarias da minha bexiga. De manhã, eu suo, o leito está encharcado, as dores começam a voltar. Quero me juntar a Béatrice, não reajo mais. Abdel chama uma ambulância. Não há solução, é preciso esperar, se submeter, não se revoltar, se recompor após uma trégua, se deixar levar quando a crise retorna.

No hospital, há um único médico para o fim de semana. É uma zorra. As enfermeiras estão contentes de receber um Pozzo. Tempos atrás, elas foram recebidas no castelo etc. O médico fala de operação, Abdel faz uma resistência passiva. Eles me colocam sob observação. Não paro de transpirar em grandes gotas. Às oito horas, novo alerta. O médico me manda de volta para a montanha dentro de uma ambulância. Abdel me deita na cama. A noite é terrível. Na manhã seguinte, hesitamos várias vezes em voltar ao hospital. Finalmente, Abdel telefona e pede que nos deem uma sonda com um diâmetro maior. Continuo transpirando, mas a situação é suportável durante uma boa metade do dia.

Entrementes, minha irmã Alexandra chega com o filho. Permaneço deitado, incapaz de recebê-los. Às duas horas da madrugada, o ataque é fulminante. Não me lembro de ter jamais conhecido tamanho sofrimento, inútil, como o de uma mulher parindo uma criança natimorta.

Com nosso primeiro filho, Béatrice apertava os maxilares de dor e de raiva. Eu berro. Alexandra se instala num cômodo no alto da torre. Laetitia está com ela e chora aos soluços. Abdel proíbe que entrem no quarto. Ele se prontifica a resolver a situação. Uma hora depois, estou liberado. Meu corpo todo treme, não consigo mais fechar a boca. Abdel fica preocupado, eu não consigo falar, tento evitar morder a mim mesmo imerso naquele tremor incessante. Respiro em sobressaltos. São necessárias várias horas até que o corpo se acalme. Na manhã seguinte, Abdel me deixa dormir. À uma hora, nossos primos de Bastia chegam, conforme estava previsto. Peço a Abdel que me coloque sentado.

A Córsega está à deriva, diz Antoine. Isso o entristece. Acompanho de longe a conversa. Alexandra o escuta. Isso me permite repousar nesta maldita cadeira de rodas, sob meu chapéu e meus óculos escuros, envolvido por uma túnica *djellaba*. Minha cabeça gira, gotas imensas de suor escorrem sob o chapéu. Hélène, a esposa de Antoine, nota isso. Quero muito, no entanto, ficar até o final, em consideração a meus amigos do norte. Hélène é uma mulher delicada, com um belo rosto sobre um pescoço magro e esticado; alguns anos antes, ela passou por um autotransplante de medula que curou o seu câncer. Ela acompanhou os últimos meses de Béatrice com coragem e compaixão. Observa o mundo a partir de seus olhos profundos. É bela e silenciosa. Seu marido analisa a situação enquanto saboreia o javali corso preparado por Françoise.

Aguardo o canteiro. Desejo que um mármore rosa da Córsega substitua a laje provisória do túmulo de Béatrice. O canteiro chega, com sua cabeça ressequida, sua grande barba ruiva e disposição alegre. Há 28 anos que ele trabalha esculpindo pedras tumulares. Sua serenidade e seu humor são revigorantes. Falo de minhas lembranças de infância, daqueles seus antigos colegas de profissão, na saída do cemitério marinho de Ajaccio. Na época, eles eram uns cinquenta a rivalizar entre si. Hoje, é o último na Córsega. Tem orgulho disso, mas não transmitirá sua técnica para o filho: “Não há mais futuro para a escultura em pedra.”

*

A laje provisória será substituída por uma composição em mosaico, que encomendei a minha irmã Alexandra. Representa crisântemos amarelos e íris violeta, a combinação preferida de Béatrice.

SABRYA

Béatrice jaz sobre a *duchesse brisée*. Dali a alguns instantes, os agentes funerários a levarão.

A depressão se instalou. Os meses passam. Baixei as armas.

Freneticamente, eu quis libertar Béatrice.

Quando dançava, ela me deixava tonto; depois disso, eu a mantive de pé, apesar das pernas cobertas de feridas. Será que algum dia nós tivemos o mesmo ritmo?

Nessa corrida desenfreada, eu não soube me adaptar à energia vacilante dela.

*

Nesta manhã, como em todas as manhãs, durante duas horas, uma jovem auxiliar de enfermagem vem cuidar de mim. Essa eu não conheço. Diz chamar-se Sabrya — "paciência" em árabe. Tem a idade de Béatrice quando a conheci. Eu a confundi com ela. No entanto, ela é morena, os olhos amendoados e o olhar negro, aveludado e terno. Sua pele é morena, cor de damasco, com textura de pêssego.

Eu a espero todas as manhãs. Quando a ouço chegando, fecho as pálpebras. Deixo que ela abra meus olhos avermelhados pelo luto e pela insônia. Ela o fez durante vários meses.

Ela me barbeia; seu rosto se aproxima do meu. Fecho os olhos, me concentro em suas mãos delicadas que me relaxam das crispações noturnas. Seu perfume me embriaga; gostaria que ela ficasse ao meu lado até eu adormecer.

— Um dia desses, será que você vai dizer que me admira um pouco? Chegue mais perto, quero lhe dizer uma coisa.

— Não, já sei o que você vai dizer.

— Vem, Sabrya, vem. Diz para mim, um dia desses, que você me ama um pouquinho. Com seu sorriso. Quer ir embora? Não, Sabrya, me dê mais um cigarro, mais três minutos, por favor, Sabrya.

— Não, vou embora, tenho outros pacientes.

— Sabrya, por favor, mais um beijo. Quero te dar outro beijo atrás da orelha.

— Não, atrás da orelha, não, sinto cócegas demais, só na bochecha.

Ela se inclina sobre mim. Uma volúpia deliciosa, perfumada. Diz que tem vinte perfumes. Não noto nenhuma diferença, é sempre o mesmo aroma.

— Você vai me dizer, se me amar um pouquinho?

— Prometo. Eu aviso.

Ela se vai com um grande sorriso:

— Eu ligo para você.

— Ah! Sabrya, apague todas as luzes, por favor.

Eu a amansei. Frequentemente, em seu tempo livre, ela me faz companhia. Ela está vestida em seu *tailleur*, sentada sobre a cama, miúda e delicada. Falo de Béatrice, e da vida que ela tem pela frente. Oculto a agitação que ela provoca em mim. Quando fala, só vejo seus lábios bem-feitos, seus dentes brilhantes e sua língua maliciosa. Imagino-a me beijando; eu sonho.

Certa noite, levo-a para jantar num restaurante da moda em Paris. Sua mãe a acompanha. Ambas estão vestidas suntuosamente; Sabrya com um *tailleur* amarelo, os cabelos de um negror reluzente penteados para trás. Vejo pela primeira vez o contorno de seus joelhos. Saadia, sua mãe, vestiu preciosos tecidos cheios de lantejoulas douradas, em que predominam tons vermelhos e laranja. Cheias de curiosidade, elas observam esse mundo mediático que lhes é estranho. Saadia não diz nada. Troco com Sabrya nossas palavras de ternura habituais. Ela leva à boca seu copo de Coca-Cola. Escorado no encosto da minha cadeira de rodas, eu lhe pergunto no mesmo tom de voz: "Sabrya, quer se casar comigo?" Ela se debruça sobre seus talheres, as bochechas vermelhas. Vejo lágrimas. Saadia a interroga; não há resposta. Nunca terei uma resposta.

Saadia me convidou para jantar no pequeno apartamento delas, em um conjunto habitacional do décimo quinto *arrondissement*. Abdel recebe ajuda de

todos os adolescentes à toa no pátio para me carregar até o estreito elevador; com a força de seus braços, ele me mantém em pé dentro da gaiola. Ainda é preciso subir meio andar, colado a ele, feito um fantoche desarticulado. Ele me iça até o último andar, deixa-me numa salinha apinhada de pufes onde a TV permanece ligada. Sabrya está preparando o *tajine*; Saadia se acomoda perto de mim. Ela não para de me falar de coisas que eu não compreendo; tento endireitar meu corpo, quando ela me interrompe, dizendo: "Sabe, Sr. Pozzo, eu a vi voltar para casa, há alguns meses, toda feliz. Ela me disse que estava apaixonada."

*

Fico calado. Um dia, ela disse à mãe que estava alegre. Surpreendeu-a que alguém pudesse amá-la. Quem sabe sobrou algo da pequena confissão daquele dia? Saadia relata as tradições de seu país, que exigem que a mãe acompanhe a filha em seu novo lar. Sabrya a interrompe com seu ar brincalhão habitual: "Mamãe, já chega!" Seu pescoço dourado se inclina à minha frente. A noite é divertida. Depois do jantar, proponho um passeio a Sabrya. No anonimato da noite parisiense, eu a carrego na minha cadeira de rodas elétrica pelas ruas quase desertas. Ela se senta de lado no meu colo; a suavidade de seu braço esquerdo no meu pescoço, as carícias de seus cabelos sobre meu rosto. Com o queixo, conduzo meu cavalo de batalha a toda velocidade, no meio da calçada. Ela ri e canta para mim. Nenhuma palavra sobre meu sonho. Eu lhe sussurro palavras de ternura: "Eu adoro os cachos naturais de seus cabelos depois da piscina, aqueles que você detesta porque a fazem se sentir 'étnica' demais. Você já se deu conta de que passa uma hora por dia puxando-os para trás? Claro, assim você mostra seu rosto, mas deixe os cachos caírem. Sim, posso ver que você tem seios ridiculamente pequenos e ancas generosas; e isso lhe vai muito bem. Essas calças marcam as suas formas. Vejo seus joelhos arredondados, seu braço em volta da minha cabeça e sinto a suavidade..." Ela me interrompe com uma gargalhada, no momento em que um carro nos ultrapassa.

MESA-REDONDA

O calor estival invadiu Paris. As queimações se tornam insuportáveis. Minha temperatura é de quarenta graus. Mesmo o rosto, até então poupado, se inflama. As bolhas se incrustam: meu couro cabeludo é uma crosta, somente meus tornozelos parecem flutuar. Não estou dando mais conta. Laetitia vem sentar-se na minha cama a fim de me falar sobre seus planos para as férias. Eu desmorono e peço-lhe para tomar conta de seu irmãozinho. Preciso ser hospitalizado, não aguento mais.

Ela reage como Béatrice teria feito. Avisa a meus amigos. Eles me transportam ao centro Saint-Jean-de-Malte. Eu acompanhei toda a construção dessa clínica para deficientes graves, no centro de Paris. Fui o deficiente físico de plantão para as autoridades municipais, o conselho regional e os doadores. Marie-Odile, a diretora, deu o último toque para a conclusão desse empreendimento. Voltei aqui faz três meses para mostrá-lo a Sabrya. Almoçamos com Marie-Odile, cercados de deficientes de todos os tipos. Sabrya se manteve silenciosa, assustada com tantas desgraças.

Marie-Odile me instalou numa unidade com uma pequena cozinha, sala e banheiro. Localizada no térreo, ela dá para um pátio arborizado. Todos os residentes têm seu pequeno apartamento, podem até morar ali com suas famílias. Levo três dias para me dar conta de onde estou.

Minhas auxiliares de enfermagem, Emmanuella e Fabienne, me paparicam incansavelmente. Admiro seus sorrisos. Fabienne é uma antilhana de olhos verdes. Seu avô era bretão. Eu a chamo “a bretona”. Ela vive só, com sua filha de seis anos. Emmanuella é uma bonita e jovem guadalupense. Seu batom escarlate me “reconectou”. Há também Brigitte. Os residentes se dividem entre os que acham Brigitte mais bonita e os que optam por Foulé, uma magnífica senegalesa. Eu tenho uma preferência por Foulé, ainda que todas sejam

maravilhosas; até mesmo a pequena Nicole, que poderia ser rabugenta, me sorri, me consola.

A dor persiste. As meninas conseguiram me sentar. Assisto à refeição na sala coletiva. Não como, mas fico com os pensionistas. Jean-Paul, tetraplégico, tem a mesma idade e o mesmo rosto empolado de alergias que eu. Quanto a Armand, não sei o que ele faz ali: ele consegue andar. Um dia, eu o vi nadar como um campeão, na piscina. Ele certamente tem algum problema; chega a comer cinco fatias de carne por refeição, suas mãos tremem. Faço amizade com Jean-Marc, um jovem martiniquense de 28 anos, casado e pai de duas crianças. Ele acaba de sofrer um acidente, mas seu olhar exala otimismo. Ele nos faz rir, nos reconforta. É o único a receber a mulher e os filhos em seus aposentos.

Uma senhora pequena e muito velha caminha com o auxílio de uma bengala; eu acho que ela não quer mais sair daqui. Corinne, uma ruiva de quarenta anos de quem somente os olhos exprimem ainda alguma coisa, foi alcoólatra. Eva, a polonesa, sempre cabisbaixa, sofre as mesmas dores que eu. Ela não acredita mais nelas.

O jovem Éric redige seu projeto de vida para a diretora: quer dar seu testemunho nas escolas. Ele me fala longamente sobre sua angústia, com a laboriosa elocução das vítimas de paralisia cerebral. Com frequência, ele quer parar de viver, mas não ousa porque seu pai e seus três irmãos dizem que ele não tem o direito de fazer isso.

Michel, um gigante flácido, pende para o mesmo lado que seu olho direito, caído e choroso. Ele fala num fôlego lento; as auxiliares de enfermagem provocam-no, pressionam-no, porque ele poderia se salvar, mas falta-lhe coragem para isso. Éric e ele se odeiam. Creio que amam a mesma mulher. Apesar dos braços retorcidos, Éric ameaça lhe dar um murro; o outro, calado, estende seu braço imenso com infinita lentidão.

O Sr. Baillet está preso a uma prancha instalada sobre sua cadeira de rodas elétrica. Com seu indicador direito, ele muda a inclinação a cada minuto. Passa da horizontal para a vertical incessantemente. Ele explica com malícia que é um ser em via de fossilização, invadido pelo cálcio; então, para retardar o momento em que será totalmente tomado, ele se sacode como uma garrafa de

refrigerante. Nunca se queixa. As enfermeiras me disseram que ele sofria um martírio.

Outro pensionista, uma massa humana com mais de 150 quilos, se revela de uma violência espantosa. Ele bate na mesa com os dois braços rígidos, projetando seu corpo de frente para trás. As moças têm medo dele. Ele não diz nada, mas sua enorme cabeça vermelha e seus olhos globulosos reivindicam sempre mais comida. Ele fica cercado por aqueles que eu chamo de "os irmãos", dois moribundos com a cabeça sustentada por uma espécie de colarinho de plástico; esses quase não têm mais corpo, só lhes restando ossos atrofiados. O pescoço deles é da espessura de um dedo. Ambos têm uma traqueotomia que desenha sobre seu pescoço uma gravata-borboleta grotesca. O olhar deles é doce. Na semana passada, eles eram três.

O Sr. Carron, tetraplégico como eu, queixa-se de dores; ele ficou com medo e pediu para ser transferido para o hospital de Garches. Foi para lá e voltou. Morreu durante a madrugada. Nós o vimos passar em uma maca, uma manta cobrindo seu rosto. O devorador de carne disse que ele estava morto, caso contrário não o teriam coberto assim. Alguém disse que era melhor para ele, porque já não sofria mais.

Além desses, há todos os meus outros irmãos. Sinto-me melhor quando estou com eles.

Eles vivem juntos há muito tempo. Ficaram surpresos ao me verem como turista de passagem, pronto para ir embora. Prometi voltar.

*

Aguardo Sabrya no saguão. Descansei durante toda a manhã. Na entrada, três outras cadeiras de rodas cercam a recepcionista, uma portuguesa loura. Sabrya chega, com um vestido de flores em tom pastel, transparente até acima dos seus joelhos redondos. Calça sapatos bege de salto médio. Uma alça branca de sutiã enlaça seu ombro bronzeado.

Seus cabelos estão puxados para trás. Ela me vê imediatamente, sorri também para os outros, dá bom-dia a todos com sua voz infantil e alegre.

Partimos na direção do parque de Buttes-Chaumont. Conduzo minha cadeira de rodas elétrica com o auxílio de uma bola de tênis colocada sob meu queixo e conectada diretamente ao motor e às rodas traseiras. Sabrya anda à minha direita. Tomo cuidado para controlar a inclinação da bola de maneira que ela possa ficar a meu lado. Com uma alegria contagiosa, os cabelos reluzindo ao sol, ela ri de todas as gracinhas que lhe digo. Quando vou longe demais, ela dá uma piscadela, como se desse uma palmada cordial numa mão que já não é mais atrevida. Entramos no parque pelo portão de baixo. Ponho a cabeça para trás, olho-a nos olhos e digo uma bobagem apaixonada. De vez em quando, ela bate os pés: "Para, Para!", sem parar de rir, ou "Philippe, já chega!"

Quando paramos, já não sinto dor. Exijo os beijos dos dias passados. Ela os dá com parcimônia perto dos olhos. Chegamos finalmente ao alto do parque, no terraço de um restaurante. Ela põe uma cadeira ao lado da minha e fica de frente para mim. Nossos rostos estão próximos. Não levantamos a cabeça. Uma criança de cachinhos se aproxima sem nos ver.

— Sabrya, tenho coisas a lhe dizer. Nós vamos nos acomodar sob uma árvore, sozinhos, daqui a pouco, e você vai me ajudar.

Seus olhos escurecem.

— Diga, Philippe.

— Não, daqui a pouco, estou muito ansioso.

Um garçom anota nosso pedido; ele coloca os pratos sobre a mesa de trás, nós nem encostamos neles. Continuamos com nossas palavras de ternura, nossos risos. Sabrya coloca seu braço sobre o meu. Depois, ela quer saber o que tenho a lhe dizer.

Nós nos dirigimos até a sombra de uma árvore afastada. Mais abaixo, algumas crianças brincam na grama, cisnes preguiçosos nadam no laguinho separado de nós por um canteiro florido. Retirei a bola do queixo. Sabrya senta-se em meu colo, o braço em volta de meu pescoço. Com delicadeza, diz que quer me falar sobre si mesma. Adivinha o assunto que me preocupa.

Ela me fala da infância em sua terra natal, de um pai que ela odeia por sua maldade, pelas brutalidades que inflige à mãe. Fugiu muitas vezes com o irmão mais novo, para protegê-lo, mas sabia que ao voltar encontraria a mãe em

lágrimas e marcada pela surra.

Ela está com cinco anos. Sua mãe está grávida de gêmeos; sétimo mês de gestação. Certa noite, a crise doméstica é ainda mais violenta do que de costume. Saadia teme pelos filhos e os leva embora noite afora, com uma mala. Ela quer fugir, juntar-se à irmã, na França. De manhãzinha, na plataforma da estação, esperam o trem para Casablanca. O pai os encontra sob a luz ainda suave da manhã, se precipita sobre a mulher, derruba-a no chão e a espanca. Sabrya se afasta com seu irmão. Ele berra. Saadia urra, pedindo que salvem seus bebês. Ela perderia ambos.

Ainda hoje, Sabrya chora com essas lembranças. Ela não veria nunca mais seu pai; ela tem medo dos homens.

Diz que sou o primeiro a lhe falar com gentileza e respeito; que ela não quer me magoar e, sobretudo, não quer me perder. Quanto mais ela fala, menos eu ouso abordar o assunto furtivamente mencionado certa noite, no restaurante. Ela procura um pai, e eu sonho em ter uma companheira.

Arrisco um tímido: "Sabrya, e se ficássemos juntos?" Ela retira seu braço de meu pescoço, se inclina um pouco para frente, o olhar fixo, as mãos pousadas sobre seus joelhos. Quando estou com ela, quando meu coração se empolga, esqueço que tenho o dobro de sua idade e que ela nunca me considerou um amante.

Pensei então que eu ia morrer. "Viverei até 75 anos; o que é pouco em nossa família de nonagenários. Você verá nossos netos nascerem e eu estarei ainda vivo." Digo-lhe com tristeza que, se depender somente de meu coração, eu esperarei por ela. Mas não posso garantir pelo meu corpo. As dores me envolvem como um manto. Apoio minha cabeça no encosto, estou cansado. Ela se levanta para enxugar meus olhos e põe a mão nas minhas têmporas.

Está tarde agora. As crianças que brincavam voltaram para suas casas, os cisnes se esconderam e as flores ficaram cinza. Descemos de volta para o centro Saint-Jean-de-Malte. Sabrya segue segurando minha mão direita, até meu quarto. Ajuda os outros a me colocarem na cama. Em seguida, permanece por alguns minutos sentada a meu lado, a mão em meu rosto. Agradeço-lhe por tudo que ela me dá. Diz que me telefonará, almoçaremos juntos na segunda-feira. Ela me beija na testa, fecha meus olhos. Mal a escuto ir embora. Por toda

a noite, mantenho os olhos fechados sem conseguir dormir. Uma noite de calvário.

No escuro, tenho esperança. Aguardo os raios do sol e peço que me aproximem da janela para que eles aqueçam meu corpo cansado. Eu tive um sonho. Sabrya está deitada, nua, perto de mim. Nossos corpos estão orientados na mesma direção. Ela se encolhe em posição fetal. Imagino a suavidade de suas pernas, imagino-me pondo a cabeça contra seus cabelos puxados para cima, revelando a nuca delicada. Adormeci em meio a seus perfumes, a esse devaneio.

Ela viveria comigo os anos que nos restam, teríamos um monte de filhos. Isso duraria até o fim dos tempos. Ela conversaria com meus filhos, riria com Laetitia. Robert-Jean ficaria um pouco apaixonado por ela.

*

Eu sonhei que ela era feliz com esse curioso personagem de outro mundo.

Fecho os olhos ao sol. No alaranjado de minhas pálpebras, vejo-a me acompanhando. Não minha companheira, mas minha companhia, que eu poderia beijar atrás das orelhas, sussurrando meus sonhos mornos.

Evidentemente, ela teria que me amar. Mas, quanto a isso, nada se pode fazer; acontece ou não acontece. Talvez não aconteça jamais.

HORIZONTE

Faz três dias que estou deitado, ardendo. Três dias de tempestade sobre Paris e sequer uma gota d'água capaz de me aliviar. Abdel refresca minha testa e meus olhos com uma luva atoalhada; eu aguardo. De vez em quando, ele coloca uma esponja embebida de água fria contra meu pescoço, no local onde pulsa a artéria. Nessa cadência, pacientemente, eu espero.

Na noite de sábado, não dormi; os faróis dos carros sobre o teto ritmavam o tempo.

Uma enorme mosca veio me distrair; foi como se houvesse uma mudança de ambiente: antes e depois da mosca. Gostaria que outras moscas viessem me distrair, mas só houve um "antes e depois" desta. Hoje em dia, não há mais moscas que se chocam contra os vidros, pousam num canto durante alguns segundos e retomam seu zunido. Essa fez apenas um voo; esperei desesperadamente seu retorno.

A escuridão se instala; os contornos se esfumam, o corpo flutua no ronronar do leito ondulante. A queimação invadiu esta cama sem limites. Eu me lembro da suavidade de seu corpo e dos lençóis. Fechei meus olhos avermelhados, a garganta apertada, as contraturas perturbando o ritmo da cama e do gato. Não há mais lágrimas para me entorpecer. Adivinho a barra metálica no meu pescoço, conectando este corpo naufragado, insuportável, a esta cabeça que não quer mais adormecer. Não voltar ao passado, encontrar uma imagem fresca que se imprima atrás das pálpebras. Sempre Béatrice. Viro a cabeça para o lado onde ela deveria estar. Os ouvidos zumbindo no silêncio; um batimento cardíaco é perceptível. Não há sono, nem posição. Revivo os últimos segundos de minha queda, eu deveria ter... Concentrar-se nos filhos. O resto é uma esperança dolorosa; resistir. Não adormecer definitivamente. Aguardar a

enfermeira da manhã.

Domingo, Abdel me acordou à uma hora da tarde. Ele achou que eu não estava mais respirando.

Um amigo que eu não via há vinte anos se convidou para almoçar. Vinte anos ou ontem é a mesma coisa.

É preciso esperar.

Os vietcongues enterraram vivo meu tio François, missionário no Vietnã. Deixaram de fora somente o pescoço e o torturaram até a morte. Como eu, ele ficou paralisado, mas foi mantido fresco pela massa de terra. Era sua cabeça que queimava. Ele escapou pela prece. Quanto a mim, espero que o céu caia sobre meu corpo.

O amigo veio, como aqueles que passaram nesses três últimos dias, como os telefonemas que não atendi.

Ele foi embora, depois de ter me relatado seus vinte últimos anos, sem que eu dissesse uma palavra. Ele não sabia ao certo o que dizer; às vezes, alguns dias de sua vida levavam intermináveis minutos e ele dissimulava um ano inteiro em alguns segundos.

Permaneço, com gravidade, no fundo da minha cama.

Marc, o fiel fisioterapeuta, passou aqui hoje; eu sequer acompanhei os movimentos que realizou com este corpo inerte. Ele tentou me fazer rir.

Alain de Polignac, o príncipe amigo, me falou sobre Champagne. Não me recordo mais.

Abdel acendeu um cigarro para mim. A queimação nos meus pulmões é deliciosa.

O frescor da água do caudal de Vizzavona, acima de Ajaccio, me invade

como quando nós nos banhávamos, ainda crianças, ou depois, nus, com Béatrice. O queimar e o morder do frio se confundem.

Espero a escuridão.

Ao longo dos dias e das semanas, perdi o fio da memória, o passado se aplainou. Está inerte, como eu.

O buliçoso, o irrequieto, o ambicioso, o guloso não tem mais vontade. A culpa é minha. Eu o matei. Estraguei meus filhos. O futuro só pode ser pior. Nenhuma mulher me tomará mais em seus braços. Sou feio, ela se foi. Desconectem-me! Não me peçam nada, não tenho mais forças.

O corpo não reage mais. Temperatura de 34 graus, pressão em seis. Ergo a cabeça, reviro os olhos. De vez em quando, as enfermeiras tentam me dar um banho. Então eu afundo na escuridão. Não quero mais sair dela.

Estou deitado. A alergia rói de novo meu rosto. Escuto no aparelho de som as *Variações Goldberg*, o volume alto demais.

Talvez eu termine este relato porque uma mulher está a meu lado e porque encontrei um segundo suspiro. Sua presença me traz de volta ao mundo dos humanos.

Preciso ser hospitalizado. Ao despertar, já sinto frio.

CANTOS DE SORTE

O gato morreu de aids.

Fá esquecido: ele se chamava Fá Sustenido (mais perto do sol), sofreu um bemol. Já fazia alguns dias, ele não comia mais, como eu. Não tinha mais forças para saltar sobre minha cama. Eu o observava através do vidro da porta do meu quarto, aninhado no corredor. Ele miava de um jeito curioso, sem sequer erguer a cabeça. Uma única vez, aceitou atum fresco. Laetitia me disse para levá-lo ao "vetê", fiquei na mesma, sem entender. Abdel se propõe transportá-lo. O veterinário me telefona: "Trata-se provavelmente de um vírus, mas ele tem alguns gânglios que preciso verificar melhor." Abdel o trouxe de volta, ele passou sua última noite comigo. No dia seguinte, estava condenado.

Sem mais palavras sobre Fá Sustenido, o gato que me acompanhava em minha insônia habitual.

Solidão, eu vos *amodeio*. Vou partir deliciosamente na escuridão, leve. Partilho o frescor de seu túmulo. Toque na minha testa, fique comigo esta noite, quero ouvir sua respiração. Ontem, um bebê fez sua sesta ao meu lado. Eu falei com ele. O corpo está só, a cabeça também. Apague meu cigarro. Estou com sede. Mais tarde, será pior. É preciso seduzir, sorrir; um muro de lágrimas. Silêncio branco, incandescente.

A solidão me assombra. É ela que mais ofusca meu futuro. Preso na paralisia, nos sofrimentos físicos e morais, mantido a distância pelo olhar dos outros, como sobreviverei quando meus filhos tiverem partido, mesmo se, em meus sonhos, eu faço parte de seu cenário familiar? Já começo a aspirar com frequência a uma internação num estabelecimento especializado, para receber um tratamento contra as dores, em detrimento do que me resta de lucidez.

Como será, daqui a alguns anos, quando uma nova solidão se houver adicionado a esta de hoje, quando minha condição física só tiver se deteriorado? Precisam me conceder um futuro. Sabrya não pode permanecer um sonho.

*

Imaginem que Ele tenha razão. Na noite do Grande Banquete, há ressurreição de dentre os mortos. Não uma reencarnação qualquer. Uma verdadeira ressurreição do corpo; o Cristo ressuscitado com seu corpo humano, suas chagas, que ele faz Tomé tocar com os dedos. Atenção: nada de brincadeiras! Você não vai me ressuscitar com o corpo paralisado. Não, quero transfigurado, como você. Até mesmo Maria Madalena levou algum tempo para reconhecê-lo.

Ele era belo e luminoso. Eu sou belo como na foto que está no quarto de Laetitia, a camisa azul-celeste aberta, sem gola, com, ao fundo, vacas mimosas à beira do lago Geneva, em Indiana. Tínhamos uma casinha de madeira por lá.

Durante três dias, eles me deixaram na mesma espreguiçadeira que Béatrice, com meu terno cinza-escuro, uma camisa branca de gola inglesa, a gravata quadriculada cinza e branca do vovô, o lenço preto assinado em branco por Christ Lacroix, os cabelos curtos como de costume. Que me tenham coberto com uma manta que não combina com meu terno me deixou irritado; além do mais, fico parecendo um paralítico, e, ainda por cima, não estou com frio. Quando Cristo aparece para os apóstolos, eles ficam surpresos porque ele não passou nem pela porta nem pela janela. É a vantagem de nosso corpo de humano transfigurado. Confortavelmente estendido, sem paralisia ou sofrimento, eu posso me mexer, mas eles não veem. Eu chego a me acabar de rir sem que eles se deem conta quando Raymond engancha sua bengala no tapete do salão e se reequilibra na *duchesse brisée*. Que confusão, ao ver o conde cair de sua duquesa. Houve um berro de pavor. Somente Béatrice e as crianças escutaram minha risada.

Num dado momento, sem que eu soubesse a que horas, Laetitia e Robert-Jean quiseram ficar sozinhos comigo; eles então me viram sorrir, mas isso ficou entre nós. Agora, eles sabem que estou com Béatrice, sem sofrimento; que nós olhamos por eles com um amor sem limites. Meus filhos, como nós os amamos no passado, como ainda os amamos.

Vejo desfilarem todos eles, alguns com um aperto no coração. Sabrya, miragem; Papai, fidelidade; Mamãe, ternura; Granny, respeito. Tia Éliane

vestida com seu lindo *tailleur* anil que combina tão bem com seus olhos, hoje avermelhados pela dor.

Durante a missa, Nicolas e Sophie cantam as mesmas partituras que entoaram por Béatrice. Há também os amores-perfeitos de cor azul-clara do amigo, sobre meu caixão, e o chão está coberto de flores brancas.

Minha delicada sogra se apoia nos braços de Anne-Marie e de Jean-François para subir até o cemitério de Dangu. Eu me alegro, vendo todas essas crianças a meu redor. Os agentes funerários fecham a placa em mosaico de crisântemos amarelos e íris violeta sobre mim. Ela se prende a quatro pontos para que Béatrice e eu não fiquemos presos, encarcerados ali dentro. Não é necessário, mas é uma gentileza.

"Oi, maluca!

Você está aí, minha Pozzo? Pozzolette, sou eu! Béa, minha pequerrucha, Béatrice, minha querida, sou eu!" Não há resposta. Os ruídos dos viventes somem pouco a pouco.

"Responda, eu não posso ficar sozinho nesta escuridão."

As trevas se iluminam, Béatrice está mais linda do que nunca. Choro ao reencontrá-la. Senti muitas saudades de você; você não deveria ter me deixado aquelas páginas negras. Sabrya, você disse? Sim, ela era linda, delicada e terna; ela foi nosso amor fênix para este parêntese terrestre fechado para sempre. Agora que sou cinzas, você terá que dividir meus ardores de ressuscitado. Quer começar imediatamente? Não, tenho tantas coisas a lhe contar. Você já sabe de tudo? Ah é, é verdade. Vamos passear sob as estrelas, caminharemos fundidos um ao outro. Paremos um instante, eu queria resgatar os beijos que me fizeram falta. Sabe, as crianças estão bem.

... Eternamente... Entrelaçados...

LIVRO II

O diabo guardião

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========

PATER NOSTER

Pai nosso que estais no céu
Deixai-vos aí ficar
E nós ficaremos na Terra
Que às vezes é tão bela...

Pater Noster – Jacques Prévert

Uma terrível infecção pulmonar impedia que o oxigênio irrigasse meu cérebro. Tive um apagão. E, como sempre, ao despertar de tais ausências, a cabeça volta a funcionar delirando; dei uma volta pelo paraíso.

Voltei a mim sobre um leito de hospital — o de Garches, eu acho.

— Ah! Finalmente você voltou à Terra! — exclamou Abdel. — Já faz cinco dias que está delirando; não teve a menor graça! Você estava em outro lugar. Você e suas duas vizinhas, é uma coisa de louco!

Elas não tardam a se manifestar, discutindo por qualquer coisa. Uma está grudada à cama, é a mais maldosa, a outra se faz de garotinha e não para de me pedir ajuda. Ela não está totalmente lúcida e não é capaz de entender que não posso me mexer. Juntas, as duas beiram dois séculos de existência.

— Você acha que vai me fazer andar muito, dessa maneira? — praguejo.

Ela me diz que tem problemas para andar:

— Fico muito cansada!

— Cada um com seus problemas!

Hoje, eu pude ficar sentado na cadeira de rodas e ver a outra mulher. Tenho dificuldades para distingui-la sobre a cama, cercada de barras que a impedem de surpreender a vizinha com seus ímpetos homicidas. Ela não tem

rosto, apenas um crânio com uma parte toda ferrada, ainda há bastante cabelo. Deitada de lado, o olhar fixo na porta de entrada, ela se exprime numa língua que ninguém entende. Minha vizinha diz que é a língua do capeta. A voz rouca e tensa, uma voz inumana, isso é certo; está nua em seu leito, espalha sua loucura pelo quarto.

Tento explicar a minha vizinha que ela não deve demonizar a outra; atrás de toda essa agressividade, incompreensível, deve haver um ser que sofre. Mas é em vão. Todos os funcionários a detestam. Ela é animal: suas necessidades naturais, inclusive as mais orgânicas, são feitas aos berros, com tal furor que é preciso uma hora para recolocar seu quarto em boas condições. Sim, ela é louca, ou em todo caso muito solitária. E a outra, com seus noventa anos ou mais, repete: "Não aguento mais, não consigo andar, estou cansada demais, o que eu posso fazer agora?, venha ver, só dois minutos, dois minutos, venha, venha..."

Ela ainda não compreendeu que estou paralisado; chamo Abdel, que me livra dela. Às vezes, ela desliza a mão sobre o rosto, parece chorar e entra no quarto: "O que vai ser de mim?"

E então volta a ser uma garotinha sozinha e indefesa; como podem deixar esses velhos assim?

Abdel, tire-me daqui!

*

Ainda não é desta vez que vão me pegar! Já faz quase vinte anos que resisto. Terei um lugar no panteão dos tetraplégicos. Não tenho mérito nenhum:

— Sou privilegiado o bastante para não ser colocado numa instituição especializada. Como se pode viver cercado dia e noite pelo desespero de pessoas seriamente inválidas, ouvindo-as choramingar, gritar, passar sem reagir diante de um quarto que está sendo assepsiado?

— As dores me mantêm colérico; não posso pegar no sono de vez, em meio a este desconforto.

— Há, o tempo todo, uma mulher admirável presente. Béatrice, que eu

abandono na barca definitiva que sobe o rio, as companheiras, Clara... Khadija, no litoral do Oriente Próximo.

— Os filhos: meus mais velhos Laetitia e Robert-Jean, Sabah — "a aurora" — e nossa última, a pequenina Wijdane — "a alma profunda".

— Abdel, barqueiro entre a margem do rio e o litoral do oceano.

E eu adoro o gosto do café, no desjejum.

Para comemorar meus sessenta anos, Khadija organiza uma festa surpresa em nossa residência de Essaouira. Ela preparou tudo para que eu chegasse de Marrakesh após a centena de convidados. Meus filhos, minha mãe, a tia Éliane, minha sogra Lalla Fatima e os seus, Anne-Marie, a família corsa, os amigos da França e do Marrocos, Yves e Max — os companheiros de parapente —, Abdel, Éric e Olivier, os diretores do filme *Intocáveis*.

Esgotado pela viagem e pela emoção, improviso algumas palavras para agradecer aos presentes e aos amigos pianistas que nos darão a satisfação de uma maravilhosa noite musical.

"Querida esposa,

Para começar, um pensamento para aqueles que nos deixaram: minha querida sogra, que acompanhou com tanta coragem sua filha Béatrice, Granny, meu pai, o Duque, que partiu logo após ser apresentado à sua última neta, Wijdane.

Sessenta anos! Eu tinha me esquecido. Não se somam a carne e os 'legumes' — é uma piada de Abdel —, 42 anos saudável e dezoito anos deficiente, cada um desses valendo sete, como acontece com os cães. Façam as contas!

Eu agradeço a Abdel, que me assistiu desde a saída do hospital, há quase vinte anos. Muito presente no momento da morte de Béatrice, ele me acompanhou durante esses anos difíceis com meus filhos, e por várias vezes me salvou a vida, até me conduzir ao Marrocos, onde meus olhos puderam encontrar Khadija.

Eu redescobri o gosto da felicidade."

Abdel é o diabo guardião que, depois de seus anos de transgressões, se

tornou esse improvável ajudante de vida. Esse delinquente hostil a todos, rebelde a tudo, atualmente está casado e é pai de três filhos. Ele criou uma empresa que lhe oferece a deliciosa satisfação de prender em gaiolas os frangos e não ser mais aquele que corre para escapar da prisão.

O *BAD BOY*

Ele diz ter 1,70 metro, é uma força da natureza. Um Cassius Clay... só que menor. "Muhammad Ali!", me corrige Abdel. Suas mãos são dois martelos, capazes de esmagar um crânio. Sem falar de inúmeras fraturas nas mandíbulas, e outras. Mal vemos o golpe e o adversário já desabou. Abdel fica apenas um pouco mais pálido. Mas isso não dura muito, ele logo reencontra seu sorriso.

Rosto bastante quadrado, maxilar proeminente: ele dilacera a carne numa só dentada, engole três quilos de carneiro; uma verdadeira máquina de triturar. Queixo voluntarioso, olhinhos acesos e sorridentes, sempre em movimento. Cabeça a máquina zero, sempre de barba feita, bem-cuidado, bem-vestido em suas roupas de marca.

Abdel fala pouco de seu passado de *bad boy*. Com o passar dos anos, descubro parte dessa juventude turbulenta.

Eu já havia notado que ele era capaz de correr cem metros numa velocidade estonteante.

— Você deveria ter continuado a praticar corrida.

— Não preciso mais!

— E por que não?

— Uma corrida de cem metros é muito útil quando os tiras estão na sua cola!

— ...

— Pois é! Tem sempre uma entrada do metrô num raio de cem metros, e então não há mais problema!

— Isso não impediu que apanhassem você!

Ele me confessara, alguns anos após ser contratado, ter passado algum tempo na cadeia.

— Foi só por uns meses — ele especifica.
— E qual foi a besteira que você fez?
— Nada, só uma lojinha de joias! O bando todo dançou.

Eu viria a conhecer o "bando" quando Abdel os recrutou para nossa empresa de locação de automóveis. Pelo menos, não havia dúvida de que conheciam bem a polícia!

Como gosta de provocar, ele não hesita em contar a anedota a meus amigos da alta sociedade:

— Vocês entendem, as prisões, no inverno, têm aquecimento; é um lugar confortável e com televisão! — O assunto preferido dele na presença de meus amigos é o sistema social francês: — Por que vocês querem que eu trabalhe? Recebo o RMI,[13] auxílio-moradia, assistência médica gratuita... Não, a França é ótima — conclui ele. — Não precisa mudar nada.

Posso ver as expressões de meus convivas, que Abdel acaba recrutando aos montes para as fileiras da Frente Nacional.[14] Ele exagera seu lado trapaceiro, vigarista. Alguns amigos, em seu íntimo, se preocupam com a presença de tal personagem a meu lado:

— Minha grande especialidade é o golpe do caminhão. Recuperamos um caminhão roubado, dividimos a mercadoria entre a equipe e sumimos com ela *fissa*.[15] Não aceitamos cheques!

Suspeito que tenha mantido essa atividade. Ele já me ofereceu vários perfumes de marca, telefones, computadores, celulares, aparelhos de som, televisores e muitas outras coisas mais.

— Abdel, você sabe que eu não posso aceitar esse tipo de coisa.
— Não, eu garanto: é tudo de boa qualidade!

Ele me deu de presente, no meu aniversário, embrulhado numa embalagem da Fnac, um incrível *jukebox* que contém duzentos CDs. Agora, posso escutar música clássica durante quatro dias sem parar. Ele me mostra a nota fiscal e, malicioso: "Em caso de problema, a garantia"; um presente de verdade!

— Abdel, você não está cansado de ser um fora da lei? Você frequenta os cafetões, receptadores, traficantes...

Ele me interrompe:

— Cuidado com o que você diz! Não me meto com prostitutas nem com drogas. É contra meus princípios religiosos.

Ele não bebe, nem fuma; quanto ao resto, tem alguma tolerância.

Ele confessa a Mathieu Vadepied, diretor artístico de *Intocáveis*, que está fazendo um documentário sobre os protagonistas — os atores e os personagens reais —, ter ficado dezoito meses na prisão por roubo; algo um pouco mais sério do que uma pequena joalheria!

Estou de cama há vários dias; Laurence, minha assistente, está redigindo a carta que eu dito. Dois policiais se apresentam em meu quarto:

— Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas sobre um indivíduo que flagramos esta noite; o veículo está em seu nome em nossos arquivos.

— Com certeza, senhor oficial.

Ele me entrega uma foto de Abdel em um de meus belos carros.

— Ah é, estou reconhecendo o carro. Laurence, você poderia dar uma olhada no pátio e ver se o Jaguar azul está lá?

Laurence, que entendeu a brincadeira:

— Não, senhor. Seu carro não está no pátio.

— Mas isso não é possível. Será que foi roubado?

— Não sei dizer.

— O senhor conhece esse indivíduo?

— Não. Vocês têm ideia de como ele se chama? E você, Laurence?

Laurence se inclina, inocente:

— Não, senhor. Posso garantir que não.

Os meganhas não são bobos, mas, diante do estado do tetraplégico, ofegante de dor, da secretária de minissaia imaculada e daquele cenário, eles se retraem.

— Pois bem, se por acaso vocês tiverem notícias de seu carro ou desse indivíduo, não hesitem em nos avisar.

— Muito bem, senhores; obrigado pela visita.

Abdel chora de tanto rir quando lhe conto o ocorrido.

— Fui flagrado a mais de 150 por hora!
— Parabéns, Abdel... E o carro?
— Só restou isto. Ele bateu num muro — diz, me entregando as chaves.

Sua careta é também de dor; ele fraturou a bacia e será preciso colocar-lhe duas próteses no quadril, mas ele consegue ficar de pé.

Durante o programa de televisão *Vie privée, vie publique* (Vida privada, vida pública), da apresentadora Mireille Dumas, Abdel conta o episódio do carro. Mireille se diverte:
— Diga-me que não é verdade!
Envergonhado, eu confirmo. Abdel acrescenta:
— E teve muitos outros!

A ostentação pareceu um pouco deslocada, diante da desgraça cotidiana dos inválidos. Abdel e suas nuances!

Abdel e os carros, só isso já dá um livro: ele sempre dirige acima da velocidade permitida, na contramão, colado ao carro da frente, não para nos sinais de trânsito, anda de olhos fechados e não sei mais o quê. Ele se autointitula "Ayrton Abdel".

Um dia, partimos para Dangu, para acompanhar a obra de parte da construção do século XVIII que estou restaurando. Abdel "dirige" o canteiro. O Rolls-Royce avança a quase duzentos quilômetros por hora na autoestrada.
— Dá para ir mais rápido. Ainda tem espaço para pisar mais no acelerador.
— Abdel, não fique muito próximo dos carros à sua frente e mantenha os olhos abertos, por favor!
— Merda, tem uns tiras no pedágio — observa ele. — Golpe da urgência médica? — pergunta Abdel, inclinando o encosto da cadeira de rodas.

O policial manda Abdel parar no acostamento. Fecho os olhos e desempenho meu papel.
— O senhor estava a 250.
— É uma emergência, este senhor aqui está tendo um ataque de hipertensão.

Eu solto um gemido. Abdel ergue minha mão e a larga, assinalando a paralisia.

— Se não desentupirem os canos em um minuto, a cabeça dele vai explodir — acrescenta, apontando para minha credencial de deficiente no vidro do carro. Há uma hesitação e uma consulta entre os policiais. Eles aparecem com duas motocicletas e nos abrem caminho a toda velocidade até o hospital de Vernon.

— Como a gente se diverte! — exulta Abdel.

No hospital, um dos policiais alerta o funcionário da emergência. Abdel instala as almofadas antiescaras sobre a maca e me retira do carro sob os olhares atordoados dos meganhas.

— Vocês não têm um travesseiro para segurar a cabeça dele? — ele pergunta ao maqueiro. Ao de jaleco branco, que se aproxima, diz: — É preciso fazer um cateter subpúbico, trata-se de um bloqueio vesical.

Ele me dá vários tapas no rosto para fazer o sangue voltar à face. Os policiais se despedem e se vão. Abdel está muito atarefado e não responde.

— Abdel, não se aproveite — eu murmuro e, depois, mais alto: — O que foi que aconteceu, Abdel? Minha cabeça está doendo?

— Ah! O Sr. Pozzo está voltando a si? Não foi nada, deve ter se desbloqueado no caminho. — E, virando-se para o enfermeiro: — Pode me abrir a porta do carro, por favor?

E ele me põe novamente dentro do automóvel.

Só para contar os detalhes: depois disso, vamos visitar o canteiro de obras em que trabalha a "equipe" de Abdel, numa soberba estrebaria do século XVIII, de nossa propriedade. O madeiramento de época havia sido cortado e servia de combustível para o *méchoui*, na grande lareira — também de época. Os novos vidros instalados não resistiam às intempéries e já estavam empenando; uma pessoa que não fosse inválida não poderia subir ao primeiro andar sem bater a

cabeça contra a escada.

— Isso não é um problema para você e para os outros. Sempre haverá uma cadeira de rodas sobrando.

A cozinha não tinha acesso pela sala de jantar e era preciso passar pelo lado de fora para chegar a ela; quanto ao boxe do meu chuveiro, a porta tinha sido montada ao contrário e não havia espaço para passar com a cadeira de rodas, além de outros problemas mais! Interrompi imediatamente a obra.

Na volta, para variar:

— Abdel, você está dormindo, não encoste tanto assim nos carros da frente.

— Não se preocupe!

E, pela milésima vez nessa mesma estrada, Abdel bateu na traseira do carro da frente, quando este desacelerou.

Eu entendo a expressão incrédula de Mireille Dumas.

---

[13] *Revenu Mininum d'Insertion*, ou renda mínima de inserção, auxílio financeiro dado às pessoas sem recursos na França. (N.T.)

[14] Partido de extrema direita francês. (N.T.)

[15] Em árabe: rapidamente. (N.T.)

AS CAPUCHINHAS DE RIVIÈRE-DU-LOUP

Nada mais funciona. O inverno parisiense se estende, doloroso. Meu rosto está todo empolado, o ânimo despencou; não saio mais da cama, as cortinas estão fechadas. Somente a música invade um espírito inerte, sem horário, sem visita. O testamento musical de Richard Strauss — os quatro últimos *lieder* — tocando repetidamente, celestial. Abdel avisa ao primo Antoine, sempre presente nos momentos difíceis. Eu choro, sem dúvida. De dor apenas. Eu esqueci. Abdel me cobre com uma toalha molhada, coloca um saco de gelo sobre a minha cabeça. Eu desapareço.

Antoine consulta o grupo de amigos e propõe um refúgio na foz do rio Saint-Laurent, num pequeno mosteiro perto de Rivière-du-Loup, mantido pelas irmãs capuchinhas.

— Em quinze dias de agapeterapia, "terapia do amor" em grego, conforme especifica meu primo (Abdel já esfrega as mãos), o indivíduo, quaisquer que sejam suas feridas e os erros de seu passado, se libera num clima de paz, discrição e partilha.

— Abdel, não comece a pensar em besteira, por favor.

— Então vamos às capuchinhas! — ele responde com entusiasmo.

Informei às capuchinhas sobre a presença de um infiel, indispensável a minha estadia.

Um canal religioso da televisão canadense que está comemorando dez anos no ar havia me convidado a participar de um programa. Já tinham me entrevistado em Paris. O programa, não muito católico, foi retransmitido várias vezes no Canadá: o aristocrata tetraplégico em sua bela mansão e sua franqueza agradaram bastante ao público. Confirmo minha presença no programa, cuja

data coincide com o final de nossa estada no mosteiro.

Durante o voo, Abdel pede que lhe sirvam três bandejas.

Ele fica encarregado de alugar um carro quando chegarmos a Montreal; aparece com o maior que consegue encontrar, um Lincoln Continental, uma limusine com vidros escuros. Neva sobre Montreal, onde devemos pernoitar. Ele propõe que jantemos em uma avenida um tanto barra-pesada da cidade; ele descobre um KFC, se empanturra de frango e observa as "galinhas" que desfilam pela calçada. Eu o proíbo de levar qualquer companhia para o hotel; ele me responde, irritado, que nunca precisou pagar por isso.

No dia seguinte, partimos ao alvorecer para percorrer mil quilômetros na velocidade de um caracol. Ele configura o regulador de velocidade do carro e cochila ao longo de toda a interminável autoestrada. Estamos agora numa estrada cheia de neve que se estende ao lado do rio Saint-Laurent; a noite caiu, Abdel está perdido, incapaz de entender as indicações dos nativos no caminho. Finalmente, no meio de lugar nenhum, descendo na direção do rio, descobrimos uma extensa construção em madeira. Estacionamos o carro, uma velha irmã capuchinha — só vendo a cara de Abdel! — cuja ordem fez voto de pobreza — e de castidade, lembre-se, Abdel! — nos recebe vestida de burel e sandálias, na neve. Há por ali alguns outros carros, mais modestos, já estacionados; a freira parece surpresa com nosso carro de luxo e seus ocupantes. Ele arma a cadeira de rodas e me arranca do carro; momento de pânico para a santa mulher, quando sou tomado por contraturas. A madre superiora nunca teve que lidar com peregrinos de nossa confraria; ela anuncia as ordens estritas a serem observadas: silêncio, o andar reservado apenas às mulheres — uma olhada rápida de Abdel! —, os horários. No quarto de Abdel há um cartaz "Aqui mora Deus".

— Normal — comenta Abdel.
Isso parece estar começando mal.

A programação do dia é espartana: despertar às sete horas (5h30 para nós), apagar as luzes às 22h30.

Abdel fica entediado; não sabe para qual santo rezar — a que seio se dedicar, diria ele! —, de tanto que o local é isolado, a neve, espessa, e a visibilidade, reduzida por uma neblina densa que permanecerá por toda nossa estada. Ele não ousa se afastar demais, em caso de insuficiência de minha parte, o que ocorrerá diversas vezes. De dia ele fica à toa; à noite, sai à caça de mulheres. Não são as regras e as portas fechadas que irão impedi-lo.

Somos uns cinquenta "pacientes". Desde a primeira reunião, tomo consciência de que esses homens e mulheres de todas as idades são grandes feridos da vida. Atrás de sua aparência "normal", ocultam-se dramas que carregam, em sua maioria, desde a tenra infância: incestos, pedofilia — às vezes por parte do pároco da igreja —, violações e assim por diante. Eu vi a terceira idade desabar em lágrimas: eles precisaram de mais de cinquenta anos para confessar seu sofrimento. Fico pasmo com a compaixão que reina. São pessoas que não sofrem fisicamente; elas sofrem por existirem com seus segredos. Nós estamos entre perseguidos; basta haver um que se confesse para que todos os demais desabafem. Entendo a necessidade dessas dezenas de caixas de lenço de papel dispostas em todo o salão; uma dádiva divina para os psicólogos.

Estendido em minha desconfortável cadeira de rodas, coberto por uma manta branca com a qual Abdel resolveu me adornar (ele admite ter se impressionado com a imagem, em seu quarto, de Cristo sendo colocado no túmulo, enrolado em seu sudário), sou o único a não chorar por mim mesmo. Sofrer de ausências ou de dores não é nada em comparação a todos esses horrores finalmente expressos. Impressionados pela paralisia, a manta branca, meu silêncio, os outros não ousam se aproximar. Aos poucos, eles virão, principalmente as mulheres, contar-me suas confidências: estou disponível, todos sabem onde me achar (!), tenho todo o tempo e escuto. De tempos em tempos, desencadeio com uma palavra o fluxo de revelação libertadora da minha interlocutora. Sou um psicanalista deitado, e a paciente, saudável, se debruça e se derrama.

Na hora da refeição, durante esses momentos que deveriam ser silenciosos, nossa mesa, muito procurada, se tornou o local de reunião dessas senhoras; aquelas que Abdel frequenta à noite e aquelas às quais dei ouvido. A madre superiora nos convoca e pede que respeitemos a regra de meditação. Em vão!

Durante as horas de descanso, somos uma dúzia dentro de meu quarto, e as gargalhadas substituíram as orações. As irmãs desistiram e agora ignoram nossas sessões. Abdel parece ter devolvido a vida às belas mulheres depressivas; ainda hoje, mantenho contato com várias dessas senhoras. Fiquei comovido com uma jovem mãe solteira que morava em Chibougamau, nas imensas florestas do norte, e que estava ali pela quinta vez. Seu sotaque, esquisito e esquimó, aumenta seu charme.

Esses quinze dias me reconectaram.

Na volta, paramos num imenso estádio de hóquei, para encontrar o canal de televisão religioso. Há mais de cinco mil "fiéis". Eles se manifestam ruidosamente, assobiando sem parar para os participantes que os entediam. Assistirei ao testemunho de um antigo campeão de hóquei que acaba de receber uma revelação fresquíssima; depois, de uma cantora popular que sofre de câncer e faz sucesso. Um ringue de boxe é instalado ao centro do estádio. Instruo Abdel a girar minha cadeira de rodas a cada cinco minutos: apesar das múltiplas câmeras e das telas gigantes, quero me dirigir a cada um deles.

O proprietário do santo canal e seu namorado, os quais tínhamos encontrado em Paris, nos apresentam com título e *tutti quanti*. Abdel pede ao efebo que se encarregue da transferência da cadeira de rodas para o ringue. Ele me ergue em seus braços e me carrega com menos dificuldade do que o gentil rapaz com a cadeira de rodas. A entrada teatral de Abdel impõe silêncio àqueles milhares de pândegos. Eu não preparei nada.

— Eu me dirijo particularmente a meus companheiros de cadeira de rodas, e a todos os deficientes, quero dizer, a todos vocês, pois somos todos deficientes da vida.

Aplausos consistentes, uma parte da plateia está de pé (exceto os caras em cadeira de rodas, é óbvio!). Eu lhes falo da criança privilegiada que fui, de Béatrice, das lições de vida. Prefiro as riquezas da minha paralisia às da minha classe social; tenho a impressão de viver mais intensamente, de ser, enfim, humano.

Abdel cronometrou a coreografia; temos direito a aplausos de pé durante os

cinco minutos que levo até ser removido do ringue; várias cadeiras de rodas são deslocadas para a passagem de saída a fim de que seus ocupantes possam me cumprimentar. Passo intermináveis minutos tentando beijar uma bela tetraplégica; tudo foi dito por seus olhos, que choram. Agradecemos aos organizadores e sumimos, exaustos, para tomar o avião de volta.

A pequena menina Esperança

Retorno do Canadá sem mais fé do que tinha quando fui, com a convicção de que aspiramos todos — os crentes ou não — à Esperança.

"Deus?" Isso é algo pelo qual não sou obcecado. Não tenho nem o gosto nem a disposição do coração, da alma. A solidariedade, a fraternidade de nossa condição me fariam dividir os ritos ou o sentido de pertencimento a uma comunidade, de inválidos, de crentes — por que não?

A Fé de Béatrice é na eternidade; eu, o inválido, descubro a esperança em nossas misérias, nas pequenas coisas desimportantes de cada momento que contêm em si uma possibilidade de serem melhores.

Inválidos, alegrai-vos, pois a esperança lhes é natural.
"— Mas a Esperança — diz Deus —, a Esperança me espanta.
Até a mim.
Isso é que é espantoso.
Que essas pobres crianças vejam tudo o que acontece, e que acreditem que amanhã será melhor [...]
Mas o difícil é ter esperança. (Em voz baixa e com vergonha.)
E o fácil, a tendência, é ter desespero, e é essa a grande tentação."[16]

Quantos amigos em cadeira de rodas eu perdi de desespero?

Um mundo sem esperança é o inferno.

"Ah, meu Deus, ele também é agora um túmulo! E seu epitáfio! Vejamos! Qual é o morto que dorme ali? Inscrição de inferno! 'Aqui jaz a Esperança.'

Silêncio, silêncio!”[17]

Cabe a nós cerrar fileiras entre as “paixões inúteis”[18] e a perseverança, fruto da Esperança.

*

Um grupo de amigos se reunia em torno de Béatrice para ler as Escrituras e orar. Nós continuamos após sua morte.

A Bíblia não é moleza. A infelicidade e os sofrimentos estão lá, presentes em cada página. As enfermidades, a morte de seus próprios filhos, a esterilidade, as perseguições dos inimigos, a humilhação sob todas as formas, a solidão, o abandono e a ingratidão dos amigos, a infidelidade do ser amado, o escândalo e a prosperidade dos malvados, os assassinatos, as guerras, eis aí o próprio terreno da existência. No Livro da Revelação, o Apocalipse segundo São João, isso é mais real do que a natureza.

Um de meus amigos, que acabou de herdar uma fortuna astronômica, me interroga sobre a compatibilidade da riqueza e da moral cristã. Abdel intervém:

— Ouça, se você não sabe o que fazer da sua riqueza, não hesite, eu saberei!

— E você, Abdel, acredita em Deus?

— Acredito. Mas não tenho mais tempo para ser praticante, sou praticamente praticante. Conservo a Fé, meus costumes, minhas tradições. A religião é a base de nossos valores morais — diz ele (que progresso!) — Eu não gosto daqueles que só pensam em Deus quando precisam dele. Agora, que a religião não venha me impedir do que quer que seja; a religião nunca proibiu de se fazer coisa alguma e, frequentemente, as pessoas se escondem atrás dela para não fazer o que deviam.

Amém!

---

[16] Charles Peguy, *Le porche du mystère de la deuxième vertu*, 1912.

[17] *Figaro au cimetière*, de Mariano José de Larra (o autor se suicidou no ano seguinte, aos 26 anos).

[18] Jean-Paul Sartre.

AS CONSOLADORAS

Consolar, em latim, significa "conservar inteiro"; devo minha integridade às mulheres.

Abdel gosta de mulheres bem fornidas; após experimentá-las, ele as oferece para mim, com observações e notas.

— Essa não é minha praia, Abdel.

Eu sei do que estou falando; consumi, a contragosto, um "presente" de Abdel.

A música ocupava o quarto escuro; as nevralgias, meu corpo. Abdel aparece à porta:

— Tenho uma aspirina para você. — Ele se eclipsa, deixando entrar "dois *airbags*". — Durma bem...

Ela se chama Aïcha e, sem formalidades, vem para minha cama em seus trajes de Eva. Ela se aninha em meu ombro. Mal nos falamos. Cheia de atenção, não parece ficar desconcertada com meu estado. Sua presença me acalma. Finalmente, adormeço.

*

Uma cavaleira suntuosa me cavalga e me leva de volta à estrebaria alguns meses depois, extenuado. Uma mulher abandonada me trata de forma excessivamente maternal, por tempo demais.

Um vizinho ocioso, após ter lido *O segundo suspiro*, me envia uma cortesã; Abdel tenta conter seu riso atrás da porta, enquanto a "massagista" cuida de minhas orelhas, entre outras coisas.

Os encontros com uma mulata, filha de uma princesa malinesa e um

marinheiro sueco, acompanharam minhas noites insones. Até ela se surpreendia com minhas exigências.

Uma grande e agitada *femme fatale* me acompanha; ela me oferece um pouco de cocaína. Ela relaxa e se balança interminavelmente, ébria à deriva. Acaba adormecendo, encolhida.

E, finalmente, Clara. Ela conheceu Béatrice em Larmor-Plage, durante minha internação na Bretanha. Ela liga para mim em Paris, num dia de desespero. Passa a noite, depois quinze dias e, em seguida, dois anos com períodos intermitentes, em minha casa. Redescobri em sua inocência todas as sinceridades de minha alma extraviada. Ela me fez esquecer meus desagradáveis apetites. Converso muito com ela; concentrada nas palavras que se infiltram, ela me interrompe com um beijo. Sua atenção me inebria.

Meu abandono seduz sua solidão. Ela reencontra seus sonhos de adolescente; os anos de traição se apagam e ela volta a ter esperança. Ela se insinua através dos anexos mecânicos de minha condição para se satisfazer com retalhos da minha aparência. Sua candura me comove, e o abandono de seus sentidos ao meu corpo desfeito instila um reconhecimento triste e apaziguado. Logo, o sopro da sua quietude dá um compasso à minha noite aliviada.

Eu a observo em seu *tailleur* azul-imperial, e devaneios amorosos afloram minha exaustão. Ela me acompanha pelas alamedas do parque. Não sabe como se posicionar em volta deste corpo. Ergo o olhar para ver seu rosto. Ela me beija, de olhos fechados.

Nesta noite, a pulsação do coração em meu pescoço dá ritmo às imagens dela; senti um desfalecimento de nossos jogos. Essa emergência preguiçosa tornava nossos corpos mais lentos. Ela se estende como uma nuvem. Sua mão, lenta, acaricia o seio pesado. Nós nos encontramos agora em seu impulso, mantido ao extremo de minha participação atenta. Ela se segura e chega até a partilhar minha paralisia; a onda imperceptível até o suspiro de seus olhos. Encolhida, finalmente apaziguada, os lábios entreabertos, ela me sorri para que eu não chore e murmura palavras de ternura. Aceita minhas contraturas como penhor dos meus ardores. Deste corpo desenraizado, um novo código para nossos amores.

Suas ausências me deixam sem reação. Confesso minha impotência e volto

a esperar. Não alimento mais. Fico cansado da inutilidade.

Eu escreverei para ela.

*

"Clara,

Deitado. Temo seu silêncio definitivo. Sua beleza teria um novo sentido, não apetite, mas doce relação com nossos dias perdidos. Aspiro a essa tranquila continuidade.

Inventemos um futuro plausível. Você estaria deitada a meu lado, nossos corpos distantes, parceira sem efusão, presença impalpável. Quando essa ínfima distância se tornasse insuportável, você viria pousar a cabeça contra meu pescoço; talvez seu corpo sobre o meu, insensível. Você fecharia os olhos diante desse abraço frio e se embalaria novamente com seus sentidos arrependidos.

Como exigir tal viagem hesitante? Tristeza do imaginário.

Ponha-me de novo no centro. Serei dócil."

FRENTES DE ACULTURAÇÃO

Abdel não quer dever nada a ninguém; procuro ser conciliador por força das circunstâncias. Eu preciso dos outros.

— Não seja peremptório; nem tudo é tão simples, Abdel, é preciso um pouco de sutileza para compreender a realidade.

Ele adora provocar. Explica a meu irmão, que é programador, que há um erro em seu programa; Abdel não sabe sequer abrir um computador! Júbilo do encrenqueiro.

Diante de uma plateia de deficientes físicos, ele afirma a um deles, suspenso por cabos:

— É mais fácil para um deficiente físico arrumar trabalho do que para um árabe. — Há uma estupefação. — Estou brincando, é claro!

E toda a sala cai na gargalhada.

A filosofia "abdeliana": está tudo fodido. A morte é uma fatalidade, o resto é comédia. Sobretudo, nada de compromissos políticos:

— Não servem para nada. São todos uns safados!

— E os jovens muçulmanos que são mortos pela liberdade e pela justiça?

— Certo, mas não defendem os mesmos ideais de vocês, em que todo mundo explora todo mundo, os subúrbios se incendeiam, e os velhos são deixados sozinhos para morrer, o sexo está em todos os lugares, é um "cada um por si"; então eu tento aproveitar ao máximo, dou meu jeito e não quero saber se tudo der errado para os outros.

Tem lá sua razão. Eu provoco:

— Mas, Abdel, você é um exemplo perfeito do Ocidente! O "cada um por si" serve aos interesses dos burgueses. Quanto mais você só pensar em si mesmo

e não no outro, mais você ficará vulnerável.

Abdel fica perplexo!

Abdel se ofusca diante da arte abstrata que eu coleciono:

— Um luxo dos "pequenos grandes burgueses". Se é preciso que alguém me explique, é porque há algum problema.

Um dia, numa exposição de Zao Wou-Ki, me extasio diante desse traço que restará do artista:

— Posso deixar outros traços, se quiser!

— Abdel, você tem razão, a arte pela arte, sem compromisso, é praticamente toda a arte contemporânea. Mas, em meio a isso, há artistas que tocam, que comovem, atraem outras pessoas, que são acessíveis; até mesmo a você, Abdel.

— Acessíveis? A este preço? A quem eles tocam? Realmente, a gente não tem os mesmos valores!

Um dia em que organizo um salão com a exposição de um jovem artista, oriundo da escola politécnica, que deve confundir algoritmos e arte:

— Eu consigo fazer igual, com um zero a menos.

— Nesse ponto, Abdel, eu entendo. Mas a namorada dele é bem bonita, isso o deixa na média.

— Muito cara essa média!

Abdel não ouvia música; ele acabaria por apreciar Mozart e Bach.

Organizo um concerto em casa, *A jovem e a morte*, de Schubert, com o quarteto Psophos, constituído por quatro encantadoras intérpretes:

— Nada mal esse negócio, bem século XVI — diz ele, acordando ao final da apresentação.

Um dos temas de confronto é nossa avaliação sobre a mulher que Abdel rebaixou durante muito tempo:

— Ela devora minha liberdade, é insuportável! Tem mais é que ficar calada.

— Abdel, uma mulher merece respeito.

— Respeito? Digamos que não cabe a nós respeitá-las, mas a elas se darem

ao respeito. Existem a arte e a matéria, eu prefiro a matéria. Você é pelo R.O.M.A.N.T.I.S.M.O, eu sou pelas curvas da dona!

— Abdel, é a mulher que cria os laços dentro da humanidade.

— É um crime fazer isso com uma criança — diz ele, após hesitar. Depois acrescenta, definitivo: — Deus não pode ser mulher, você o imagina menstruando todos os meses? Isso não é coisa séria! Tem que ser um cara!

Acima de tudo, Abdel não quer se apegar:

— Nunca duas vezes com a mesma!

— Abdel, você precisa criar uma família, fazer parte de uma história.

Só quando se achou apaziguado e reconfortado em seu lugar na sociedade foi que Abdel pôde constituir uma família.

*

"Clara,

Obrigado por esta bela carta pontilhista. Que sorte a sua poder sonhar com a luz e as cores. Eu não sonho mais, tenho só esperanças. Frequentemente, as palavras se contraem para se tornarem apenas um som. Fico com os olhos abertos, Béatrice sobre mim.

Estridência.

Por que é preciso que esses momentos extremos ilustrem nossa sobrevivência?

O tempo se soltou, o corpo se esfuma, as frases flutuam dentro da poeira luminosa.

O pianista toca com as pontas dos dedos suas teclas. Eu estou com meus ausentes; é preciso voltar, manter minha cabeça para cima, enquanto tudo mais em mim se encolhe. Finalmente, a horizontal apaziguadora, a escuridão se instala, habitada.

Até quando?

Rever alguns seres como você, querida Clara. Esses momentos efêmeros

acompanham minhas ausências.”

TUDO VAI MAL!

— Sr. Pozzo, por que não montamos um negócio?

— No meu estado? Eu estou fora de combate e acho que não teria vontade.

— Tenho um amigo mecânico que está "nadando no ouro". Tudo isso dá muita grana.

— Isso, Abdel, não é um negócio, o nome disso é tramoia. Para ter sucesso, é preciso algo novo, e como nós não somos, nem eu nem você, engenheiros, seria preciso encontrar um trabalho.

Abdel sorri:

— Está vendo como você ainda tem reflexos?

Finalmente uma insônia, e aproveito para cogitar sobre algo concreto. Como propor algo de único, pertinente, durável e razoável no meu estado, e que se encaixe nas habilidades de Abdel?

Seus conhecimentos em mecânica se resumem a seus vários acidentes. Durante um ano, ele entregou pizzas. Por que não levar o carro alugado até a casa do cliente?

Abdel se entusiasma:

— Entrega não é problema. É preciso cobrir toda a região parisiense, 24 horas por dia, sete dias por semana. Eu tenho o pessoal para isso.

— Mas, Abdel, serão precisos três turnos de oito horas!

— Meus caras não trabalham desse jeito!

Peço para conhecer sua equipe: Yacine, vinte anos, um gigante bonachão; Youssef, mesma idade, um negro filiforme do deserto argelino; Djebar, o mais velho, caladão; e, finalmente, Alberto, um ítalo-marroquino de 25 anos; e seus três pit bulls.

Depois de partirem, faço minha averiguação:

— Onde você achou esses energúmenos?
— Ficamos presos durante um tempo juntos.

A equipe distribui dez mil folhetos publicitários. Abdel, promovido a diretor de operações, vocifera suas instruções. Diante das minhas reservas, ele objeta que é desse jeito que são tratados os empregados em seu país. Aliás, eles não recuam; sem dúvida temendo a força do patrão e sua propensão a utilizá-la antes mesmo de argumentar.

Conseguimos uma ótima divulgação de meia página no jornal *Le Parisien* e logo estamos imersos em inúmeros telefonemas. O negócio arrancou cantando os pneus; porém, logo temos problemas. Os quatros capangas estão exaustos; Abdel não lhes deixa sequer o tempo de descansar. Ele próprio já não faz a barba.

Laurence dá um ultimato a Abdel:
— Ou esses seus pilantras arrumam essa zona antes de eu chegar ao escritório de manhã, e os pit bulls vão se aliviar na rua, e não no tapete, ou então você pode procurar outra pessoa!
Pela primeira vez, sou levado até o escritório. De repente, nosso carro é bloqueado por um veículo vindo da direita. Abdel sai e começa a berrar com o "responsável" pela situação. Este abaixa o vidro e assinala que estava vindo pela direita. Primeiro erro e um tapa fenomenal. O cara mete a mão em seu porta-luvas e retira uma enorme faca. Erro fatal; Yacine agarra o pobre-diabo pelo pescoço e o lança na direção de Abdel, que lhe assenta um tremendo soco. O infeliz é deixado vertendo sangue, caído sobre o volante.

— Você tem certeza de que era necessário tudo isso?
— Quando se trata de babacas como esse, não há outra solução.

— Essa sua cara não está boa, Sr. Pozzo — diz Laurence ao me acolher. — Não sei se vai aguentar este escritório.
Já à entrada, o cheiro é insuportável e os animais estão soltos. Abdel vocifera um comando e as três feras vão se deitar. À direita, um desvão serve de cozinha: os pratos sujos formam uma pilha, o chá de hortelã está sendo preparado. A telefonista atende, com um lenço sobre o nariz. Os caixotes de mudança não

foram esvaziados até agora, pastas de papéis se espalham pelo chão.

— Os móveis chegam amanhã — explica Abdel.

— Faz quinze dias que eles chegam amanhã — argumenta Laurence.

O que deveria ser meu escritório virou o dormitório da equipe. Os cobertores estão jogados pelo chão mesmo, entre imundices. Reunião urgente e sabão para esses senhores.

Laurence apresenta os resultados: índice de utilização e de reclamação muito elevado. Ela aproveita para assinalar vários veículos ideais para o ferro-velho.

Estou cansado, sem argumentos. Na calçada da frente, noto um de nossos Peugeot 605 com a capota toda amassada.

— Isso não é problema — diz Abdel. — O mecânico vai dar um jeito, com o especialista safado dele.

Uma amiga me telefona para contar sua experiência. Um cara enorme aparece em jeans e tênis com quase uma hora de atraso; o carro está nojento e sem gasolina, e ele tem a cara de pau de lhe pedir uma carona até Paris!

Outro dia, Laurence me passa uma ligação da delegacia de polícia de Lyon. Abdel foi detido com um cúmplice: os policiais descobriram na mala do carro um passageiro em mau estado.

— O cliente estava atrasado em três dias — esclarece Abdel. — Meus camaradas o encontraram em Lyon e nós viemos recuperar nosso carro.

Com toda certeza, trata-se de um conhecido de Abdel que abusou de sua confiança. O indivíduo, todo inchado, inocenta Abdel junto à polícia, a fim de evitar outras represálias. Na mesma noite, encontro Abdel triunfante:

— Abdel, que merda é essa? Nós não trabalhamos com canalhas, e, por outro lado, espera-se de vocês que cuidem bem das senhoras burguesas.

— Você nem imagina como o que disse vem a calhar. Antes de ontem, foi preciso que eu desse tudo de minha pessoa para satisfazer a uma cliente gordinha!

Fico horrorizado e inquieto.

Depois de analisar a situação com Laurence, de constatar que 30% da frota está "em reparo" e de escutar uma litania de queixas, anuncio o fim da sociedade. A brincadeira durou seis meses e custou bem caro.

Meio inconsciente, sugiro a Abdel que reflita sobre um projeto que esteja mais de acordo com suas capacidades. Ele não demora a aparecer com uma proposta:

— O negócio é comprar imóveis em leilão a vela.[19] Apartamentos ocupados pelos locatários. Há boas oportunidades neste momento.

— Naturalmente, visto que os aluguéis estão congelados.

— Isso não é um problema.

Abdel me leva até o local de vendas. Leiloeiros e participantes se calam quando entramos. No primeiro apartamento que nos interessa, inclino a cabeça para indicar meu lance, como faço na casa de leilões Drouot para a aquisição de obras de arte. Diante da ausência de reação dos leiloeiros, Abdel pula da sua cadeira, vituperando, erguendo meu braço, provocando contraturas generalizadas:

— Olhem aqui, ele acabou de fazer um lance!

Ele faz um enorme sucesso na sala.

Voltamos vários dias seguidos e compramos cinco apartamentos em bairros da moda. Abdel "administra": envia seus capangas para expulsar os locatários, faz "reformas" sumárias e "enche" os imóveis.

A contabilidade é inexistente, não entra dinheiro nenhum, e eu revendo tudo.

*

"Clara,

Esquive as confusões, modele-me simples e frugal com nossas lembranças desbastadas. Imponha seus limites à minha dispersão, enquadre-me com seus

gestos, cerque-me com suas intenções, construa-me com minhas ruínas. Desintegrado, sem espessura, que posso eu lhe oferecer?

Como gostaria de ter suas mãos sobre minha testa, sua boca para me ressuscitar parcialmente, reduzido, porém denso.

A cada dia, suas cartas me devolvem a liberdade, gosto de encontrar dentro de suas palavras as sensações. Esse corpo átono me recusa os instantes passados, repertoriemos os momentos presentes.

Adicionemos os amanhãs para compormos para nós um passado e teremos uma memória comum, um horizonte novo."

---

[19] A venda a vela (*vente à la bougie*), também chamada venda a candeia (*vente à la chandelle*), é uma espécie de adjudicação particular que consiste em aceitar propostas até que duas velas se apaguem.

UM MUNDO EM TRABALHO DE PARTO

Os valores da cristandade — a alteridade, a meditação, a frugalidade — foram por muito tempo os do Ocidente. O Humanismo é seu herdeiro. O Ocidente mercantil e financeiro os esqueceu. Eles se refugiaram junto aos miseráveis.

Os Seis Mandamentos do tetraplégico:
— A invalidez é a ausência, não do corpo, mas do outro. Descubra-o.
— O silêncio liberta. Cale a boca.
— Fora a dor, sobra apenas tempo para o essencial. Não se disperse no fútil.
— Você não está sozinho. Descubra a Consolação.
— A paralisia suscita a paciência. Espere!
— Como somos frágeis! Seja fraternal, solidário e simples.

O único Mandamento do Ocidente mercantil:

— O polissensualismo[20] se exacerba. Cada vez mais Eu.

Um excesso de orgias, de paraísos, de frenesis, de ruídos e de esquecimentos.

O acidente me permitiu descobrir a feliz barbárie: a miséria da solidão, os desempregados que se estropiam, a ausência de perspectiva para os jovens, o acúmulo das riquezas... Percebi o endurecimento de um sistema que se tornou financeiro, o tempo encurtado que se globaliza, destruindo as proteções sociais e familiares.

Nas aulas que dou aos estudantes de ensino médio — Abdel dorme durante elas —, a mensagem é transmitida claramente:

— Vocês criam melhor a riqueza respeitando os valores naturais do inválido. Procurem bem, eles são também os seus.

— Eles não podem se apoderar continuamente das riquezas. (Lucros sempre maiores sem divisão matam a demanda: é dar um tiro no pé.) O acordo só vale se as duas partes saem ganhando; os frutos da empresa são divididos, as riquezas da nação são redistribuídas para os necessitados.

— Diante do poderio do dinheiro, não aceitem a atomização; constituam-se em partidos, sindicatos, associações... Respeitem o rigor dos números.

— Obtenham justiça contra os poderes opacos e destemidos para clamar a realidade e estabelecer o direito.

— Utilizem as novas tecnologias de informação para interpelar.

— A globalização não é a do capital, mas das instâncias cidadãs.

Inválidos, levantai-vos!

*

"Clara,

Já não entrego mais minha alma à beleza do mundo. Minhas carnes estão arruinadas. Eu me perdi no caminho do meu fervor antes do meu abandono atual. Sou indiferente a tudo. Reencontremos essa fonte que pressinto fresca a seu lado.

Reivindico junto a você esses sonhos. Empreste-os para mim; eu darei a você minha identidade descontínua. Aspiro ao recomeço, à abolição do tempo espesso do sofrimento e da renúncia.

Se você me esboçar, nós poderemos continuar em transparência."

---

[20] Polissensualismo: culto do corpo, busca do conforto, multiplicação das sensações.

TROCA DE PAPÉIS

Imaginemos um mundo invertido: a norma estaria na serenidade, a agitação seria incongruente.

No domingo, as tropas de cadeiras de rodas desfilam de um lado para o outro pelo Jardin d'Acclimatation; os saudáveis, excitados, ficam atrás das grades. As crianças apreciam particularmente a visita do grande hirsuto que gira de modo frenético em torno de si mesmo, a mão esmagando um telefone rosa sobre uma orelha cor de carmim. Ele urra uma ladainha a seu pequeno vizinho, empoleirado no alto de seus calcanhares. Ambos têm vários relógios em cada pulso, uma gravata desfeita sobre um casaco de moletom. Eles mijam enquanto prosseguem com suas gesticulações; é o momento preferido das crianças, que aplaudem com a cabeça.

Na lua cheia, enquanto esses tresloucados se imobilizam finalmente em seu sono medicamentoso, o povo dos inválidos se levanta e a Terra Prometida é deles. É a noite dos abraços. A mulher reencontra a ginga dos quadris, e o homem, sua rigidez. O paraíso é esse improvável possível; não muito frequente, para não correr o risco de perder o gosto, nem tão raro, para evitar o desespero.

Imaginem ficar sem falar por algumas horas; a melodia seria perceptível, e cada palavra, no futuro, ponderada. Ausentem-se num coma; ao despertar, a Beleza apareceria! Experimentem uma morte provisória, a verdadeira seria adorável após uma existência saboreada.

O absurdo me alivia. Amanhã é meu dia de esquecimento. Talvez Deus venha me sussurrar sua existência; Béatrice, você pode interceder para que Ele me conceda uma vida ampla, isenta de minha condição inicial? Como é fútil se desprender a vida toda de nossos pesos! Que Ele insufle ao nascimento todos os

gênios. Como são estúpidos esses rastos! Histórias, deixem-nos em paz de uma vez!

*

"Clara,

Esta noite tive um sonho burlesco.

Uma mulher gigantesca, alguns cabelos pretos cacheados, uma boca obscena, está estendida de costas no gramado espesso. Ela põe no mundo um diabrete. Seu gnomo já corre. Um sorriso brutal atravessa seu rosto de boneco. Ele se debate. Sua mãe, convalescendo do parto, começa a se mover. O solo treme sob seus passos pesados. Ela baba de desejo por seu progênito, os braços estendidos para a frente, e berra meu nome atrás daquele menino que persegue uma garotinha, o pau já rígido.

A visão se amplifica sobre criaturas agitadas, algumas param para parir, as pernas afastadas, outras se debatem, e outras, finalmente, se abraçam. A Terra, cingida pela lua irrequieta, gira em torno do Sol com olhos lânguidos; o belo astro fica corado diante de uma estrela. Eu enfim descobri a lei universal do desejo. O pau do homem alimenta o leite da mãe.

Como fico feliz por ser indecoroso. Não me queira mal; com você, redescubro a Comédia."

O PADRINHO GENEROSO

Chove em Paris há várias semanas; fico deitado, queimando, abrasivo, desencorajado pelo silêncio.

— Sabe que depois de amanhã é o aniversário de seu afilhado, o americanote. Vai completar dezoito anos — informa Abdel. — É preciso fazer alguma coisa.

— Abdel, por favor, cuide disso para mim.

John é o filho de grandes amigos que conheci com Béatrice, em Chicago. Eu o hospedo em Paris durante seu ano sabático.

No dia seguinte:

— Está tudo organizado. Contratei um espetáculo de dança do ventre.

Um pouco inquieto, articulo:

— Nada de muito mau gosto, Abdel.

— Não se preocupe.

Na noite da festa, ele me veste com smoking, gravata-borboleta, lenço branco. Estou estendido na cadeira de rodas elétrica para não ficar virando os olhos. Os adolescentes, arrebanhados pelos jovens da família, estão muito elegantes. Só gente fina, as melhores estirpes da França e de Navarra. O champanhe corre solto, salgadinhos circulam, o aparelho de som urra. Eu transpiro, à beira de um desmaio. Abdel levanta minhas pernas na vertical. A juventude se afasta, constrangida.

Recomponho-me e dirijo-me a uma centena de convidados. Abdel dá o presente, uma câmera digital. Aplausos.

— Peço a todos que se sentem contra a parede; Abdel teve a gentileza de nos preparar um espetáculo.

Ele coloca uma música oriental para tocar. Como um sacerdote, abre os dois batentes da porta do salão contíguo. Nada acontece; ele aumenta o volume do som. Chega a nós, como uma rajada de vento, não uma dançarina do ventre, mas uma suntuosa criatura, certamente oriental, inteiramente nua. Todos estão estupefatos, gritos de horror ecoam na sala; todos ficam paralisados; a Náiade dá voltas, rebolando diante dos rostos corados. John, sentado a meu lado, olha para mim furioso:

— Não acredito que você fez isso comigo, *uncle*.

A criatura surge à minha frente; sinto-me indiferente; sequer tenho vontade de rir. Ela entendeu que sou o patrão e saracoteia de frente e de costas. Insinuo-lhe que o aniversariante é o rapaz a meu lado. Ela se senta em seu colo; ele resiste por trinta segundos e depois pula da cadeira, soltando um monte de palavrões em inglês. É o sinal que os outros esperavam, um tanto hipócritas, para começar a berrar. Os meninos fogem para o frio do jardim, e as meninas, mais brandas, ficam tagarelando.

— *Uncle*, a festa foi bem agradável. Felizmente, meus pais não estão presentes. Não precisa lhes enviar as fotos desta noite.

Ele me dá um beijo afetuoso e vai encontrar sua turma. Abdel me leva de volta a meus aposentos. Cruzo com a "sedutora", vestida com seu casaco de pele e escoltada pelo seu "empresário", um verdadeiro cafetão.

Abdel os acompanha à porta.

— Eles têm uma bela Mercedes. Gostou das curvas dela?

— Abdel, me lembro de ter pedido algo de bom gosto.

— Mas ela não é uma puta.

— Você vai explicar isso a John; enquanto isso, obrigado pela ajuda, e ponha-me na cama.

Exijo uma suíte de Bach para violoncelo.

No dia seguinte, um amigo — um príncipe de verdade — é o único a se

manifestar:

— Pena que não fui convidado!

O BASEADO CONSERVADOR

Esta noite é ainda pior. O "presente" de Abdel chocou a plateia e não me revigorou. Começo a gemer. A voz de Abdel surge no interfone:

— Você está mal?

Eu me lamento, desencorajado. Ele me veste, me empurra em meu "*baise-en-ville*",[21] no meio da noite, até Saint-Germain-des-Prés. Ele para diante da Chez Castel, uma boate particular.

— Ah, não, Abdel, não quero ver esses babacas.

— É bem rápido, tenho que fazer uma comprinha.

À entrada, uns bebuns bem-vestidos. Abdel se dirige a eles, fazendo um gesto com o queixo na minha direção. Um deles, com a barba malfeita, pega um maço de cigarros, acende um e lhe entrega. Abdel volta com um grande sorriso:

— Tome, fume isto!

— Que horror! O cara não tem dinheiro sequer para comprar um cigarro normal — eu resmungo.

Abdel me instala no café Deux Magots, estou tonto.

— O que era aquela porcaria?

— Um pouco de haxixe não faz mal a ninguém.

— Mas Abdel, francamente, nunca experimentei essa merda. Você poderia ter me perguntado.

— Ah, está começando a fazer efeito!

— Abdel, você não agiu corretamente com John. Um jovem merece respeito, e uma mulher também.

— Mas era uma piada!

— Dezoito anos não é piada, lidar com um rapaz é algo delicado. Você não teria feito isso se fosse seu filho.

Comecei a me empolgar. Abdel dá passagem.

— Tudo bem, nesta sociedade tudo leva ao sexo, mas esses jovens, embora não sejam contra, são românticos. A mulher é algo íntimo, não uma mercadoria exposta. Deve ser admirada, e isso dura...

— Duro, muito duro. Concordo com isso, você não?

— ...quando você tiver uma família, vai lutar por ela, e passará para seus filhos aquilo em que acredita e, principalmente, principalmente, a beleza. Abdel, não falo da beleza dos *airbags*, falo da beleza da família, dos laços, de ser grande...

— Você quer dizer comprido?

— ...generoso com os mais fracos, ter amigos com quem se possa contar, enfim, tudo que não é vulgar, não como aquela vagabunda. Daqui a alguns anos, você verá, você vai ser capaz de esfolar os caras que ficarem de olho na sua patroa.

— Quer apostar? Bate aqui.

— Muito engraçado, Abdel. Ah, é verdade que esse bagulho é bom. Vai precisar comprar mais para mim.

— Sem problemas.

Assisto à entrega de um tijolo de resina pura: Abdel assobia de seu carro e um pacote é lançado pela janela do terceiro andar. Em momentos tempestuosos, lançarei mão desse "remédio" até chegarem os belos dias em Marrocos, país produtor.

*

"Clara

Eu gostaria que você respondesse a meus fragmentos esparsos, gostaria de confrontar minhas ausências à sua realidade. Abasteça-me com sua respiração para que esta memória drogada esboce um caminho. Talvez você possa me ajudar a encontrar o fio da meada. Se ao menos eu pudesse retomar a odisseia.

Dê-me uma aspiração! Confronte-me em suas respostas, ajude-me. Desde a

morte dela, eu desisti. Se eu pudesse experimentar, através do labirinto escuro das dores e dos alívios medicamentosos, a frágil centelha de uma nova vida...

Conseguiremos descobrir sob a cinza espessa de uma longa noite a mesma alma perturbada? Ou o fogo se reiniciará em outro lugar, clareando com uma luz cálida os dias que restam?"

---

21 *Baise-en-ville*: pequena valise com o necessário para passar uma noite fora de casa; é assim que chamo minha cadeira de rodas manual, facilmente dobrável dentro da mala do carro.

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========

CALORES MARROQUINOS

Laetitia me aconselha a passar os seis piores meses de Paris sob um céu mais clemente. Abdel sugere Marrakesh, onde o clima é seco no inverno.

Ele "organizou" tudo. À nossa chegada, um fantástico Mitsubishi encontra-se à disposição por conta de um de seus amigos, o rei do frango marroquino. Entretanto, o apartamento reservado se volatilizou.

— Sem problemas. Eu tenho um endereço.

Abrimos caminho pela praça Jemaa el Fna. Ele me empurra por uma calçada irregular e, num beco, bate à porta de um prédio anônimo. Uma "loura" nos acolhe em seu *riad*,[22] cheia de reverências: ela nos vira na televisão, na véspera. Abdel fica se achando o máximo; peço que me levem para a cama, exausto da viagem. Sou colocado no quarto grande do andar térreo; as janelas de treliças deixam penetrar o frio. Abdel exige aquecedores.

Ele saiu para descarregar o carro. Uma hora depois, ainda não voltou.

— Abdel, o que você está fazendo? — pergunto-lhe ao telefone.
— Nada, não. Só um probleminha a resolver. Já estou chegando.

Resposta padrão de Abdel quando está na merda. Meia hora depois:
— Estou aqui com a polícia; só por mais alguns minutos.
Meu pressentimento não é bom.
— Você quer que eu intervenha?
— Não, não. Está tranquilo.

Minhas dores se instalaram. Depois de uma eternidade, o diabrete aparece

todo serelepe, a mão direita enfaixada.

— Abdel, o que foi que aconteceu desta vez?

— Não é nada, cruzei com um imbecil do estacionamento que me chamou de argelino nojento. Ele não quis me ajudar, então não lhe paguei.

Encorajado pelos colegas, o guarda deu uma porrada em Abdel. Em troco, recebeu um violento soco no queixo. Resultado: rosto ensanguentado e vários dentes quebrados.

— Um deles ficou enfiado na minha mão — diz Abdel, rindo.

— Mas por que você demorou tanto?

— Aqueles babacas me levaram para a delegacia. Eu dei 500 dinares ao chefe de polícia e é o outro que está preso! Dei queixa contra ele; vai ficar quinze dias em cana.

No dia seguinte, toda a comitiva do coitado viria implorar o perdão do justiceiro; ele recusaria, apesar de meu pedido de clemência.

À guisa de boa-noite, ele apaga a luz dizendo:

— A temperatura vai esquentar daqui a algumas horas; e eu vou esquentar a loura.

— Abdel, não seja estúpido, ela já está com alguém.

Sou acordado por um arquejar furioso, interrompido por gritos. Depois, novamente o silêncio. E, em seguida, recomeça! Uma noite entrecortada.

— Como passou a noite? — pergunta Abdel pela manhã.

— Uma noite acidentada — respondo. — Ou uma noite de merda, se preferir!

Ele tem o sorriso dos bons dias.

— A minha foi quente!

— Mas, Abdel, ela não estava sozinha!

— Quem mandou aquele otário cair no sono?

— Tem noção do barulho que vocês fizeram?

Reencontro a culpada; ela parece preocupada, mas conserva sua dignidade. Inocente, Abdel me diz:

— Sr. Pozzo, sabe que esta senhora vai se casar na semana que vem?

Tenho dificuldade em ficar sério.

À espera de um alojamento adequado, resolvemos visitar o país. A travessia do Atlas, coberto de neve, é épica.

— Abdel, quando a estrada estiver escorregadia, você desacelera antes da curva e vira o volante na direção oposta quando derrapar.

Ele faz exatamente o contrário, e nós batemos contra uma parede de gelo; o para-choque amassado obstrui o movimento da roda. Ele o desempena com a manivela do macaco e arranca sem dizer nada, irritado.

Depois de Ouarzazate, seguimos ao longo do oásis sossegado de Drâa. Abdel se diverte nas dunas do deserto. Obviamente, atolamos na areia. Precisaremos da ajuda de três homens com seus camelos para sairmos dali.

— A gente está se divertindo um bocado, não acha? — comenta Abdel.

Seguimos na direção de Fez, magnífica e decrépita, até alcançarmos o mar Mediterrâneo, na fronteira argelina, Saïdia, com sua imensa praia. Abdel nos aloja no único hotel que tem um quarto com calefação. Ao lado do hotel há um comércio de álcool: garantia de brigas a noite toda. Abdel está em todas.

Grande sorriso para a recepcionista.

— Abdel, pelo visto você não tirou uma folga.

— Eu, não. Não é esse o estilo da casa — responde ele, ofendido.

Almoçamos numa palhoça na praia.

— No verão, são cerca de 200 mil MRE (Marroquinos Residindo no Exterior, ele explica) que aparecem, cheios da grana, em belas BMW ou Mercedes, e todas essas biroscas faturam um escândalo!

Pressinto o malandro contando seu dinheiro.

Teremos a oportunidade de voltar quatro vezes a Saïdia, encontrar o grande *Wali*,[23] os chefões, os banqueiros e, sobretudo, a bela recepcionista! Amal se tornará a esposa de Abdel. Atualmente, eles têm três filhos.

Retornamos a Marrakesh, onde nos instalamos em nosso refúgio invernal.

*

"Clara,

As dores se refugiaram nesta bela cidade. Eu havia sobrevivido sob o efeito da droga. Flutuei, o espírito em harmonia com este corpo largado. As volutas de haxixe extinguindo todas as ausências.

No jardim, as palmeiras se inclinam frouxas sob a brisa do inverno ameno. O ar está cristalino; gosto de inspirar esse frescor em meus pulmões danificados. Na minha memória calcinada, uma claridade surgiu. Olhei fixamente, por muito tempo, um deserto de dunas quentes. Uma palpitação me atravessa como a areia que estremece. Mergulhei neste novo torpor.

Estou sentado na varanda de um café. Tudo se confunde. Às vezes, os olhos se turvam e eu desapareço por alguns instantes. Volto a um rosto. As belas moças passam à minha frente, espantadas e um tanto inquietas. Eu me esforço para retê-las com um sorriso. Eu a vejo entre elas, e sorrio para você também. Deixo-me à deriva. A inconstância da minha realidade me arrebata. Nesses momentos ambíguos, o instante se apaga. As grandes distâncias se encurtam, os presentes se estendem; os ritmos se confundem, gigantescos ou efêmeros. Uma confusão inebriante. Nós nos esbarramos no meio das multidões. Eu cochilo ao sol. Não distingo mais o simultâneo do sequencial. Sou aproximativo. Não é uma loucura, no máximo um relaxamento. A fraca tensão apaga minhas pegadas; talvez seja isso a liberdade, enfim. Estou livre, não sou mais. Os limbos devem ser esta carência. Os Perfeitos."

---

[22] *Riad:* habitação típica marroquina que dispõe de um pátio interior. (N.T.)

[23] *Wali*: prefeito.

LA VILLE EN ROSES

Uma marroquina acaricia, distraída, a coxa de um estrangeiro. Triste criatura que se perde nas lonjuras provisórias. Irá esse belo povo se deteriorar diante de nossa sociedade desvirtuada? Todas as casas possuem sua parábola ilusória.

Vocês sabiam que aqui o tempo quase não existe mais? Um encontro ao acaso define o instante. Um longo devaneio acompanha a sombra da palmeira. Deus decidirá o daqui a pouco. Por que ir atrás de nossos segundos apressados? As coisas insignificantes acompanham o tempo desigual.

Uma cegonha decola na lenta e preguiçosa reverberação.

*

Seria o suficiente sofrermos todos juntos, na reprovação silenciosa dos deuses, para permanecermos intactos? Existe uma idade indefinida além do alcance do mal? O reino do indolor suprimiria os mártires.

*

Retive mulheres sem palavra ao meu lado para que o perfume delas me conservasse.

Sinto uma tênue esperança no olhar sem piedade de uma criança. Sua interrogação é garantia da minha existência. Esboçamos um sorriso, eu desejo aliviá-la. Como podem ousar oferecer-lhe a necessidade, paraíso dos desfavorecidos, como único horizonte? A frugalidade, seu tesouro.

*

Amar o outro sem nome, sem ressurgência de distúrbios, sobreviver na

atonia do deserto sobre o túmulo do nômade? Aqui, ninguém viveu, pobre passado, como o azul desbotado de sua sepultura; as rugas no abrigo da máscara até a queda instantânea do último grão de areia. Eu me arrepio com a queimação do sol; cegonhas isoladas se demoram; não é tarde demais.

*

Os cachos fartos de buganvílias, a cascata escarlate das rosas trepadeiras, o sussurro da fonte de tijolos esmaltados, a sombra tremeluzente das oliveiras encantariam meu cotidiano.

Enfim, não haveria mais revolta.

Eu já me detesto nesta complacência. Não pode haver indulgência; é preciso manter-se na dissonância, o grito árido da criança que sofre, a lamúria rouca de uma mãe dilacerada, o urro do homem extirpado. Preciso fazer um curativo no mundo. Eu irei, compassivo, à sarjeta reerguer os moribundos, acolher os órfãos, acalmar os rebeldes. Sonharei em meio a sons desvanecidos. De manhãzinha, os sussurros dos desconhecidos me encontrarão atento. Escolherei na paleta injusta o ato inútil que apaziguará meu dia.

*

Sinto-me sempre amar. O impulso em direção à desconhecida me arrebata da tristeza. Todas as manhãs, uma linda mulher de seios firmes passa diante daquela palmeira sem me olhar. Empertigue-se, moça. Outra vez, é o olhar de jade de uma berbere que cativo intensamente, até que os passos do hábito rompam o contato. Em outro lugar, digo palavras incoerentes a uma ruiva sombria que se afasta sorrindo. A magia da mulher me conforta.

*

Hoje de manhã, meu coração está leve. Sinto vontade de ir embora. Estou novo. A linda mesquita da Koutoubia me impressiona. Erguem-se turbilhões de poeira. O aperto dos sofrimentos se afrouxa. Participo da oração do imame. Os fiéis, muito numerosos, se ajoelham na calçada. Mendigas agachadas estendem as mãos, cada qual imersa no próprio sortilégio. Sigo com os olhos o engraxate

que se anuncia pelo barulho da caixa. Um contador de histórias amarrotado, de barba branca, consegue reunir algumas pessoas. De vez em quando, um ouvinte levanta a mão com um grito e algum trocado; o ritual incessantemente renovado da promessa os mantém aglutinados. Uma dúzia de velhos cegos salmodia em uníssono a coleta, os olhos fixos no céu. Os *gnaouas*, em transe, renegam com veemência sua antiga escravidão, o pompom de suas *taguia*[24] revolta-se, arrítmico. Os encantadores de serpentes seguem a mesma cadência.

Os pardais e os pombos rodopiam em meio à poeira e à fumaça das barracas de churrasquinho. Os vendedores de água esticam suas redes, e os sininhos agitados de seus chapéus vermelhos de aba larga vibram no ar. Sinto-me bem nessa multidão anônima. Entro na dança sem remorsos. Incrustar-se no instante para fazer parte da desordem composta, participar dos olhares sem história, deixar-se arrastar pela onda, esvaziado de toda gravidade; estar em sintonia com todas as indiferenças. É preciso cortar o tempo sem escala, abandonar o segundo imediato para mergulhar no novo segundo sem arrependimento ou expectativa, maravilhar-se com a repetição. Enfim, existo sem movimento, congelado num compasso estrangeiro; apaguei todas as lembranças, nunca fui, nunca mais serei, eu sou, denso neste instante.

Uma Nefertiti flutua sobre a praça, deusa do impossível; as mulheres se cobrem com véus, os homens choram.

*

Atrás de minhas pálpebras, pela primeira vez em minha memória virgem, uma claridade apareceu. Olhei fixamente, por muito tempo, um deserto de dunas quentes. Mergulhei nesse novo torpor. E eu vi, eu a vi. Vocês, não.

*

"Clara,

Chegou um envelope com sua bela letra. Não me queira mal."

---

[24] *Taguia*: touca do *gnaoua*, membro de uma confraria religiosa do sul do Magreb; descendentes de escravos negros africanos. Eles praticam um rito de possessão sincrética.

Lalla Khadija

Eu a vi enquanto a multidão se dispersava sob os tornados no céu. Ela flutua na praça, entre charretes abandonadas. O relincho dos cavalos assustados às vezes cobre as nuvens. A alameda de palmeiras se inclina quando ela passa, impassível. Parece deslizar, pequenina, indiferente à tormenta. As bandeiras do palácio real estalam. Um raio de sol a inundou. Uma criança estendeu a mão e elas sumiram.

Algumas pessoas se arriscam pela praça; um cego retoma sua ladainha. Um mercador de água amaldiçoa o temporal. Devo ter sonhado o instante improvável. Uma graça invadiu o presente. Desde então, aguardo seu retorno.

*

As febres e queimações me aniquilam. Um amigo, preocupado com meu silêncio recluso, me convida a seu *riad*. Estou estendido perto da fonte do pátio. Longos dedos frescos acariciam meu rosto; uma melodia me ausenta. A bela mulher com a criança subia a alameda dos cavalos empinados. Seu sorriso enfim revelado, chama-se Khadija, tem olhos negros. A mãozinha de sua filha Sabah repousa sobre meus dedos. Eu lhe sorrio. Bom dia, sou o padrinho.

Filha do Egito e do Sudão, ela herdou o perfil anguloso dos baixos-relevos da Antiguidade. Recolheu Sabah nas margens do rio. Com suas longas mãos, ela tecia no deserto quando foi raptada por um rei almorávida que morreu nas muralhas de Marrakesh.

A bela do deserto e a criança do rio estão todos os dias a minha cabeceira. Conto histórias para os perplexos olhos negros. Ela não entende, mas sorri; Khadija a orienta com uma palavra. Peço a Sabah que me cante uma música qualquer. Por vezes, reconheço uma canção infantil que também existe na França e murmuro com ela as palavras de que ainda me recordo. Sabah ri. De volta da escola, ela me mostra seu caderno de caligrafia, em *khat arabi* e em letras latinas. Eu a felicito por seu capricho. Um dia, ela me perguntou quando

eu iria sarar. “Isso vai levar tempo. Você pode me ajudar.” Khadija a coloca à mesa para desenhar. Ela segura minha mão e, no início, não diz nada.

Khadija apoia delicadamente a cabeça sobre meu ombro dolorido. Sua mão suave roça meu rosto. Beijo sua testa e fecho os olhos, sentindo seu perfume cítrico. Ela adormeceu. Velo por ela, comovido com tamanha entrega. Um raio de sol abre seus olhos; ela me sorri e se aperta contra mim. Nós ficamos ali, frágeis em nossas esperanças. Ela me beija afetuosamente.

Partimos para as margens do lago Lalla Takerkoust. As neves eternas o cercam. Sabah se banha; estamos à deriva. Barcos de pesca boiam preguiçosos ao longe. Algumas gaivotas ainda estão voando. Deus estagna. Apaguei Clara; Béatrice é luminosa. Khadija me puxa com sua mão firme para as águas frescas.

Encontrei ao pé do Atlas um oásis de oliveiras centenárias. Construirei ali uma habitação em adobe para acolhê-la. Nós daremos aulas às crianças esfarrapadas da aldeia vizinha.

Elas se tornaram nossas companheiras.

A ODISSEIA

Wijdane está suspensa em meu arreio de parapente. A asa — a minha, a mesma de vinte anos atrás, azul-celeste e amarelo-gema — está aberta atrás de mim na esplanada do castelo de La Punta. A brisa quente sobe do golfo de Ajaccio.

— Vamos, filha?
Khadija está ao nosso lado:
— Tomem cuidado!
— Sem problemas — respondo *à la* Abdel.

Eu me lanço, a asa infla sobre nossas cabeças, uma breve freada e... pronto, partimos.
— Wijdane! Olha o bútio à esquerda, como ele está subindo! Vamos apostar uma corrida com ele?

Eu inclino a asa. Lá embaixo, Béatrice está sobre o patamar em seu vestido branco, transparente, seu chapéu de palha com um laço fúcsia. Ela me acompanhou assim durante todos estes anos de ausência. No seu braço, um cesto de rosas do jardim. Laetitia empurra o carrinho com seu filho mais novo, protegido por um guarda-sol. Sabah não tira os olhos de seu livro. Robert-Jean se inclina sobre sua noiva, abrigados pelas castanheiras em flor. Mais embaixo, a torre e a capela mortuária.

Rodopiamos no ar ascendente. Wijdane morre de rir.

— Minha filha, é louca, esta vida!

— ...

— É tão boa, esta vida!

Essaouira, agosto de 2011.

Sobre o autor



© Acervo do autor

PHILIPPE POZZO DI BORGO (na foto, ao lado de Abdel Sellou) vive atualmente entre o Marrocos e a França na companhia de sua esposa Khadija, com quem está casado desde 2004, e de dois filhos adotivos.

==========
Conteúdo disponíbilizado gratuitamente por Le Livros
==========